

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA  
CONTEMPORÂNEA DO BRASIL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS  
CULTURAIS  
MESTRADO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS**

**Câmara Cascudo e Mário de Andrade:  
diálogos latino-americanos no modernismo brasileiro**

**MILENA BUARQUE LOPES BANDEIRA**

Rio de Janeiro,  
2023

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA  
CONTEMPORÂNEA DO BRASIL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS  
CULTURAIS  
MESTRADO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS**

**Câmara Cascudo e Mário de Andrade:  
diálogos latino-americanos no modernismo brasileiro**

MILENA BUARQUE LOPES BANDEIRA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil como requisito para a obtenção do grau de Mestra em História, Política e Bens Culturais.

Professor orientador acadêmico: Prof. Dr. Bernardo Borges Buarque de Hollanda.

Rio de Janeiro,

2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas/FGV**

**Bandeira, Milena Buarque Lopes**

**Câmara Cascudo e Mário de Andrade: diálogos latino-americanos no modernismo brasileiro / Milena Buarque Lopes Bandeira. - 2023.**

**107 f.**

**Dissertação (mestrado) – Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais.**

**Orientador: Bernardo Borges Buarque de Hollanda.**

**Inclui bibliografia.**

**1. Modernismo. 2. Literatura. 3. Nacionalismo e literatura. 4. Intelectuais. 5. Ciência política. I. Hollanda, Bernardo Borges Buarque de, 1974-. II. Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas. Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. III. Título.**

**CDD – 860**

**Elaborada por Marcelle Costal de Castro dos Santos– CRB-7/016/20**

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
Mestrado em História, Política e Bens Culturais  
Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil**

**MILENA BUARQUE LOPES BANDEIRA**

**“CÂMARA CASCUDO E MÁRIO DE ANDRADE: DIÁLOGOS LATINO-AMERICANOS NO MODERNISMO BRASILEIRO”.**

**DISSERTAÇÃO APRESENTADO(A) AO CURSO DE Mestrado em História, Política e Bens Culturais para obtenção do grau de Mestre(A) em História, Política e Bens Culturais.**

**DATA DA DEFESA: 30/03/2023**

**ASSINATURA DOS MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA**

**PRESIDENTE DA COMISSÃO EXAMINADORA: PROF<sup>º</sup>/ª BERNARDO BORGES BUARQUE DE HOLLANDA**

**PROF<sup>º</sup>/ª BERNARDO BORGES BUARQUE DE HOLLANDA  
ORIENTADOR(A)**

**PROF<sup>º</sup>/ª LÚCIA MARIA LIPPI OLIVEIRA  
MEMBRO INTERNO**

**PROF<sup>º</sup>/ª EDUARDO FERRAZ FELIPPE  
MEMBRO EXTERNO**

RIO DE JANEIRO, 30 DE MARÇO DE 2023.

---

**PROF<sup>º</sup>/ª CELSO CORRÊA PINTO DE CASTRO  
DIRETOR(A)**

---

**PROF<sup>º</sup> ANTONIO DE ARAUJO FREITAS JUNIOR  
PRÓ-REITOR DE ENSINO, PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**

**À Christiane e ao Selmidei.**

**À Lenira.**

*"Urge o diálogo acima das fronteiras, com espíritos  
universalistas como o Sr."*

(Luis Emilio Soto a Mário de Andrade, 13 de abril de 1931)

## AGRADECIMENTOS

Embora a escrita se realize de maneira solitária, são vários os esteios, como fundamento, para que ela nasça em um trabalho como este. Para a realização desta dissertação de mestrado, então, eu agradeço aos meus pais, Christiane Buarque e Selmidei Bandeira, pela minha formação enquanto eterna estudante e leitora voraz – reflexos do que eles são e me transmitem –, para que eu me encontrasse em meu amor pelo escrever, mas, sobretudo, pelo suporte emocional e parental para que eu pudesse estudar quando se deu o tempo de estudar. Ao meu companheiro, Márcio Duarte, pelas repletas provas de amor, carinho e apoio em minha rotina de pesquisa, muitas vezes enterrada em um humor agridoce.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Bernardo Borges Buarque de Hollanda, por, em um primeiro momento, ter me recebido com tanta gentileza e cuidado no Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais (PPHPBC/FGV CPDOC) e, ao longo do caminho, por ter me acompanhado durante os últimos dois anos, sempre com direcionamentos certos e referências que alargaram os meus horizontes enquanto pesquisadora e me conduziram para que eu aprofundasse os meus conhecimentos. Com ele, eu aprendi.

Ao Prof. Dr. João Marcelo Ehlert Maia, também do PPHPBC, por fazer com que o lápis tocasse o papel com delicadeza e coragem, levando-nos, enquanto classe, a uma escrita acadêmica ativa e extremamente prazerosa, atenta à escuta e fortalecida pela troca.

Ao Prof. Dr. Daniel De Lucca, pelo acompanhamento tão assertivo e decolonial em um momento ainda embrionário desta dissertação, enquanto projeto de pesquisa na conclusão de minha pós-graduação *lato sensu* em Estudos Brasileiros no ambiente provocador da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP).

Às Prof<sup>as</sup>. Dras. Denise Paiero, Cicélia Pincer e Marcia Detoni, por terem me encorajado a observar, registrar e pensar o mundo pelos caminhos do jornalismo – paixão e ofício que compartilhamos – e da academia. Nos corredores da Universidade Presbiteriana Mackenzie, fiz-me formalmente jornalista, tendo como referência as vozes e os olhares potentes dessas mulheres. Foi um privilégio.

À arte dos encontros, em três outras maravilhosas figuras femininas que reforçaram o meu amor pela palavra, em momentos diferentes da minha vida: a Prof<sup>a</sup>. Dra. Fernanda Mazza, com sua didática *inenarrável* durante a minha graduação na Universidade Presbiteriana Mackenzie; a amiga Polyana Lima, uma das melhores revisoras que alguém pode ter para os seus textos; e a Prof<sup>a</sup> Debora Facincani, por revelar o universo da literatura brasileira para uma Milena ainda no Ensino Básico.

Aos meus professores do ciclo básico, agradeço pela formação exemplar em meio às adversidades totais do cotidiano das escolas do ensino público brasileiro. A todos eles, nos exemplos da Profª Vera Albano, na geografia, e do Prof. William Kolikauskas, na biologia, com os quais despertei criticamente o meu estar no mundo.

Aos mestres dos corredores combativos e de formação do Sindicato dos Professores de São Paulo e da Federação dos Professores do Estado de São Paulo – duas das minhas moradas –, nas figuras de três extraordinárias inspirações: Andrea Harada, Celso Napolitano e Sergio Gomes. Serjão que, nunca sendo local ou circunstância, está comigo como coincidências sempre em ação e em pensamento pela vida, ao lado do nosso eterno colega Milton Bellintani, o jornalista número um.

A rotina de múltiplas jornadas de quem opta por ingressar na academia só se faz possível com o suporte generoso de gestores-amigos que valorizam a formação de seus liderados e, especialmente, as suas paixões pessoais. À Aninha de Fátima Sousa, ao Carlos Costa e à Fernanda Castello Branco, do Itaú Cultural, eu agradeço. À Danielle Borges e à Pollyanna Sousa, da Avenue Code, muito obrigada.

Aos colegas e pesquisadores Duanne Ribeiro e Aira Bonfim, por aquele incentivo que, a princípio, precisa vir de frentes, maneiras e vezes diferentes até que aceitemos tomar as rédeas de um caminho já iniciado, e tão almejado, e nos lancemos ao desafio do mestrado.

Ao Ludovicus – Instituto Câmara Cascudo, por me possibilitar o contato com a obra-prima *Joio* (1924) em primeira edição e pela prestatividade diante de todos os meus questionamentos e dúvidas.

Aos colaboradores do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, pela valiosíssima e extraordinária empreitada dedicada à historiografia brasileira e, sobretudo, pelo cotidiano de apoio e presença para que tantas pesquisas e pesquisadores se realizem neste país.

## RESUMO

O presente estudo apresenta uma leitura das categorias e demarcações sobre tópicos relacionados à nacionalidade e à identidade brasileiras nos primeiros contatos estabelecidos entre Câmara Cascudo e Mário de Andrade e entre esses dois intelectuais com escritores ibero-americanos. Em um contexto histórico de busca por uma formação nacional, o levantamento compreende como se deram essas trocas literárias entre intelectuais, que visão de América do Sul surge desses intercâmbios e como essas relações poderiam abrir um campo de pensamento que extrapolou o discurso nacionalista, estabelecendo aproximações regionais, em uma noção de unidade e semelhança ainda em formação no continente americano. Em diálogo com pesquisas que mapeiam essas redes de sociabilidades para além de fronteiras geográficas, em estudos individualizados dedicados aos dois escritores brasileiros, esta pesquisa conjuga Câmara Cascudo e Mário de Andrade em uma trama que envolve produções em diferentes formatos e meios: de correspondências trocadas a livros lançados, passando pela publicação de artigos em periódicos impressos. Como demonstrado, esses diálogos firmados sobretudo no decênio de 1920 expressam a urgência na superação do desconhecimento do outro, como veremos nas falas desses intelectuais, com esforços direcionados a uma fraternidade que passava por temas comuns, como o reconhecimento de origem e de problemas sociais, solidificando definições sobre o que seria e uniria a América Latina naquele período.

Palavras-chave: América do Sul; Câmara Cascudo; Mário de Andrade; Modernismos; Movimentos de Integração.

## RESUMEN

El presente estudio presenta una lectura de las categorías y demarcaciones sobre temas relacionados con la nacionalidad y la identidad brasileñas en los primeros contactos establecidos entre Câmara Cascudo y Mário de Andrade, y entre los dos intelectuales y escritores iberoamericanos. En un contexto histórico de búsqueda de una formación nacional, el relevamiento comprende cómo se dieron estos intercambios literarios entre intelectuales, qué visión de América del Sur emerge de estos intercambios y cómo estas relaciones pudieron abrir un campo de pensamiento que trascendió el discurso nacionalista, estableciendo aproximaciones regionales, en una noción de unidad y semejanza aún en formación en el continente americano. En diálogo con investigaciones que mapean estas redes de sociabilidad más allá de las fronteras geográficas, en estudios individualizados dedicados a los dos escritores brasileños, esta investigación combina Câmara Cascudo y Mário de Andrade en una trama que envuelve producciones en diferentes formatos y soportes: desde correspondencia intercambiada hasta libros difundidos, pasando por la publicación de artículos en periódicos impresos. Estos diálogos establecidos principalmente en la década de 1920 expresan la urgencia de superar el desconocimiento del otro, como veremos en los discursos de estos intelectuales. Como quedó demostrado, estos diálogos instaurados principalmente en la década de 1920 expresan la urgencia de superar el desconocimiento del otro, como veremos en los discursos de estos intelectuales, con esfuerzos dirigidos hacia una fraternidad que pasaba por temas comunes, como el reconocimiento de origen y problemas sociales, solidificando definiciones sobre lo que sería y uniría a América Latina en ese período.

Palabras clave: América del Sur; Câmara Cascudo; Mário de Andrade; Modernismos; Movimientos de Integración.

## ABSTRACT

The study presents a reading of the categories and demarcations on topics related to Brazilian nationality and identity in the first contacts established between Câmara Cascudo and Mário de Andrade, and between the two intellectuals and Ibero-American writers. In a historical context of search for a national formation, this study understands how these literary exchanges between intellectuals took place, what vision of South America emerges from these exchanges and how these relationships could open a field of thought that went beyond the nationalist speech, establishing regional approximations, in a notion of unity and similarity still in formation in the American continent. In dialogue with researches that maps these sociability networks beyond geographic borders, in individualized studies dedicated to the two Brazilian writers, this study combines Câmara Cascudo and Mário de Andrade in a scenario that involves productions in different formats and media: from correspondence exchanged to released books, as well as the publication of articles in printed periodicals. These dialogues established mainly in the 1920s express the urgency to overcome the lack of knowledge of the other, as we will see in the speeches of these intellectuals. As demonstrated, these dialogues established mainly in the 1920s express the urgency in overcoming the lack of knowledge of the other, as we will see in the speeches of these intellectuals, with efforts directed towards a fraternity that went through common themes, such as the recognition of origin and social problems, solidifying definitions about what would be and unite Latin America in that period.

Keywords: Câmara Cascudo; Integration Movements; Mário de Andrade; Modernisms; South America.

## SUMÁRIO

Introdução .....	12
1. Câmara Cascudo e Mário de Andrade: uma amizade cosmopolita .....	17
2. Palavras ao vento .....	23
3. O Sul em diálogos transfronteiriços .....	35
3.1. Páginas de literatura: escritos de Câmara Cascudo .....	42
3.1.1 A Argentina intelectual em <i>Joio</i> .....	45
3.2. Páginas de literatura: escritos de Mário de Andrade .....	54
3.2.1. A Argentina modernista para Mário de Andrade .....	59
3.3. A pátria é um acaso .....	63
4. Súmulas de interlocutores sul-americanos citados na pesquisa .....	70
Conclusão .....	73
Referências Bibliográficas .....	76
Anexos .....	85
A) Cronologia política e literária .....	85
B) Capas de livros e artigos em jornais e revistas publicados por Câmara Cascudo, Mário de Andrade e mais .....	93
Figura 1 .....	93
Figura 2 .....	94
Figura 3, 4 e 5 .....	95
Figura 6 .....	98
Figura 7 .....	99
Figura 8 .....	100
Figura 9 .....	101
Figura 10 .....	102
Figura 11 .....	103
C) O Sr. Mário de Andrade .....	104
D) Mapeamento de textos assinados por Mário de Andrade (Mario de Andrade, M. A. e M. de A.) publicados nas 9 edições da revista <i>Klaxon</i> em 1922 .....	107

## Introdução

Nas primeiras décadas do século XX, a cartografia do modernismo no Brasil pôde contar com diligentes adeptos do gênero epistolar. O mais célebre deles, o escritor e poeta Mário de Andrade (1893-1945), considerado um dos fundadores do movimento no país, estabeleceu uma ampla rede de contatos, que triangulava, por exemplo, observações provindas do Rio de Janeiro, na pessoa do amigo Manuel Bandeira (1886-1968), a Minas Gerais, destinadas a Carlos Drummond de Andrade (1902-1987).

Efervescente e renovador, o modernismo, inicialmente entendido como futurista, tomou conta dos círculos literários e artísticos desde a segunda metade de 1910 (GOMES, 1993) e envolveu intelectuais dispostos a pensar em e fomentar o que poderia ser a nossa identidade nacional, a identidade de um país de aspiração moderna gestado pela colonização. Renovações linguísticas e experimentações estéticas pautaram as produções artísticas e intelectuais de figuras consagradas do modernismo brasileiro, centrado, em sua primeira fase, na cidade de São Paulo<sup>1</sup>. A partir de 1922, pelo marco e formalização da célebre e hoje centenária Semana de Arte Moderna de 1922, uma agitação política embalava o país, principalmente em seus setores oficiais, em uma onda que também tratava de comemorar um evento central e um tanto propositivo a ressignificações: o centenário da Independência do Brasil, em 1822.

A articulação desses círculos intelectuais – e, conseqüentemente, do debate mantido por eles – à época partia sobretudo das regiões sul e sudeste do Brasil, tendo no citado Mário uma figura de “liderança cultural hegemônica” e “intelectual total”, nas palavras do sociólogo Sergio Miceli (2012). Até o evento da Semana de 1922, a trajetória do escritor já compreendia o ensino de história da música no Conservatório de São Paulo (1913), o posto de catedrático de dicção, história do teatro e estética na mesma instituição (1922), a publicação de *Há uma gota de sangue em cada poema* (1917), seu livro de estreia (sob o pseudônimo de Mario Sobral), e o lançamento do influente *Pauliceia desvairada* (1922).

Se todos esses literatos refletiam certas “cadeias regionais de circunstâncias” (MICELI, 2012), e arquitetavam sociabilidades<sup>2</sup> pela troca de correspondências, é por meio do nordestino Luís da Câmara Cascudo (1898-1986), no entanto, que Mário extrapola as

---

<sup>1</sup> Sobre as fases do modernismo brasileiro, consultar “Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo brasileiro”, de Angela de Castro Gomes, ensaio publicado na edição de número 11 (1993), da revista Estudos Históricos.

<sup>2</sup> Sobre a categoria de “sociabilidade”, consultar o trabalho do historiador francês Maurice Agulhon.

fronteiras nacionais e inicia um bate-papo transfronteiriço com modernistas do cenário intelectual sul-americano, em especial o argentino, em um Brasil que ainda penava em comunicar a sua própria história nos mais distantes rincões de seu território.

Apartado dos principais centros de circulação de arte e cultura da época (ARAÚJO e FERREIRA, 2018, p.8), o historiador, escritor, sociólogo e advogado potiguar, um dos mais respeitados nomes da etnografia e do folclore no Brasil, mas não só, também fazia das intensas missivas<sup>3</sup> sua maneira de inserção, e ação, nas discussões políticas, econômicas e literárias do período, construindo, segundo José Luiz Ferreira, “uma ampla rede de interlocutores” (ARAÚJO e FERREIRA, 2018), bem à maneira de Mário.

Durante toda a década de 1920, período em que estabeleceu as primeiras conversas com o escritor paulista, Cascudo contribuiu ativamente com a imprensa local, tendo uma série de artigos publicados pelos jornais natalenses *A Imprensa* e *A República*, coletânea significativa para “a história cultural e literária do Rio Grande do Norte”<sup>4</sup>. O escritor tratava da cena literária e intelectual brasileira, mas não se restringia ao mercado editorial do país. Segundo Ferreira (2018, p. 27), Cascudo transpassava as fronteiras “do estado e do país, obras, escritores e tradições locais, ao mesmo tempo em que dava visibilidade, no cenário local, a obras, escritores e ideias, tanto nacionais quanto estrangeiros”, equilibrando, pode-se dizer, certas dinâmicas locais e cosmopolitas. No período, o historiador foi responsável pela “atualização da província que se modernizava e pesquisa da cultura regional com o objetivo de construir no estado uma tradição” (ARAÚJO, 1998, p. 17).

Foi desse modo, justamente, que a aproximação entre Mário e Cascudo se deu. Em agosto de 1924, o paulista agradece um artigo publicado pelo potiguar no jornal *A Imprensa* em junho do mesmo ano. Nele, Cascudo fala do “singular temperamento” do autor de *Pauliceia desvairada* (1922) (MORAES, 2010, p. 33), ao que Mário responde:

Você há-de permitir à minha modéstia que confesse a alegria que me deu o seu artigo. Muito obrigado. (...) Já o conhecia. O seu nome ficou-me dum artigo lido na Revista do Brasil. (...) Acredite que não me esquecerei mais de você. (MORAES, 2010, p. 33).

Pautada na admiração mútua e em uma extensa curiosidade a respeito do outro, de

---

<sup>3</sup> Outra evidência que reforça a centralidade do modernismo no Sul do país é a publicação um tanto tardia da correspondência mantida por Câmara e Mário, em 2010, em comparação com as publicações que reúnem as trocas de Mário com Carlos Drummond (2002) e com Manuel Bandeira (2001).

<sup>4</sup> José Luiz Ferreira e Humberto Hermenegildo de Araújo, pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, transcreveram, durante pesquisas desenvolvidas, cento e noventa e seis textos de autoria de Cascudo publicados em ambos os jornais.

seus feitos e de seu mundo<sup>5</sup>, a relação se aprofunda e culmina em dois encontros entre 1928 e janeiro de 1929, durante a longa expedição do paulista rumo ao norte do país.

Se foi pelas mãos de Monteiro Lobato (1882-1948) que Cascudo entrou em contato com a intelectualidade argentina (MEDEIROS, 2016), o historiador não hesitou em colocar as suas conexões sul-americanas e relações além-mar à disposição de Mário e de outros colegas, como é o caso do também amigo Joaquim Inojosa (1901-1987), crítico, poeta e advogado e polemista pernambucano. Ao intermediar o diálogo deste com escritores argentinos, o *Jornal do Comercio* registra em 1924, em artigo escrito pelo próprio Inojosa:

O Sr. Luiz da Câmara Cascudo conhece todo o Brasil, e trabalha numa obra de aproximação mental entre os escritores argentinos e brasileiros, especialmente nortistas. Mantém, com os primeiros, assídua correspondência, informando-os da movimentação literária do nosso país. (INOJOSA, 1968b, v. 2, apud OLIVEIRA, 2022, p. 23).

É interessante pensar em como essa circulação internacional de ideias<sup>6</sup> refletiu em futuras visitas e na ampliação de um intercâmbio de reflexões que extrapolavam o campo literário. É nesta “missão de confraternidade”, como define a pesquisadora Patricia Artundo (2013), que dois jovens argentinos, o crítico literário Luis Emilio Soto (1902-1970) e o poeta Pedro Juan Vignale (1903-1974), chegam a São Paulo em 1926.

Superando barreiras linguísticas com o objetivo de explorar as razões de um desconhecimento que se tinha como mútuo, como o veremos mais adiante, intelectuais de diversos países latino-americanos se empenharam em traçar uma rota paralela que não mais tinha como ponte a cidade de Paris, ainda que a capital francesa continuasse a ostentar o seu lugar comum de formação para muitos desses escritores, principalmente entre os que compartilhavam origens em estratos sociais mais abastados, configurando-se, nas palavras de Miceli (2012), a "meca simbólica da elite sul-americana".

Se a cena cultural brasileira foi divisada por uma semana que intencionava mudar radicalmente a maneira como nós nos pensávamos e nos refletimos na arte que produzimos, é possível dizer que a Ibero-América como um todo viveu na década de 1920 uma "eclosão de movimentos modernos", de acordo com Piazza (2007), de quem adotamos neste estudo a escolha de demarcar como Ibero-América os países impactados majoritariamente pela

---

<sup>5</sup> Em carta datada de 2 agosto de 1925, Câmara Cascudo diz a Mário de Andrade: “Estou às ordens para abarrotá-lo de regionalismos, modismos característicos, etc. Etc. Para começar registre este: Riquiffifi... Sabe o que é?” (MORAES, 2010, p. 54).

<sup>6</sup> "As condições sociais da circulação internacional das ideias", ou as tendências e os fenômenos "de importação e exportação intelectual", foi uma conferência proferida pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2022) na Universidade de Freiburg, na Alemanha, em 1989.

colonização espanhola. Novamente, uma agitação que principiaria um maior conhecimento da produção cultural da região. Do surgimento de periódicos culturais com linhas editoriais modernas, como o foram a *Martín Fierro* em Buenos Aires e a *Klaxon* em São Paulo, à publicação de *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana* (1928), do escritor, sociólogo e ativista peruano José Carlos Mariátegui (1894-1930), passando pela fundação do Partido Comunista Brasileiro (PCB) em 1922 e a ligação do ultraísmo espanhol com o grupo da Florida de Buenos Aires (PIAZZA, 2007)<sup>7</sup>. Apenas para citar alguns marcos.

Primordialmente, debruçando-me nos diálogos mantidos por Cascudo e Mário com escritores de países vizinhos, especificamente argentinos, nos comentários trocados por eles em correspondências enviadas e recebidas e em escritos publicados em periódicos no Brasil e na Argentina, compartilho com pesquisadores mencionados no decorrer deste projeto a percepção da centralidade do decênio de 1920 para: a literatura norte-rio-grandense; a articulação regional, nacional e internacional encabeçada pelo escritor potiguar; as visitas feitas por Soto e Vignale; a primeira fase do modernismo brasileiro tendo por palco a cidade de São Paulo; e, com destaque, o início dos registros das cartas trocadas pelos dois amigos.

Ao todo, de 1920 a 1930, período demarcado para a definição do *corpus*, foram 72 as correspondências trocadas por esses dois intelectuais brasileiros, 22 delas contendo menções a escritores, periódicos, obras e comentários políticos e econômicos a respeito de nações localizadas no continente sul-americano.

Evidentemente, trata-se de um movimento, como veremos adiante, que não começa nem termina em Cascudo ou Mário, e que também contou com outros importantes percursos – jamais paralelos – de conversações, em Inojosa há um deles. Contudo, ao explorar essas rotas à luz das cartas trocadas pelos dois amigos, reunidas e publicadas<sup>8</sup> posteriormente a trabalhos centrais dedicados à relação entre o escritor potiguar e os argentinos (MEDEIROS, 2016; ARAÚJO e FERREIRA, 2018), além de conjugá-las ao espaço de mediação promovido por jornais e periódicos, meio que me é caro por ser jornalista, ambiciono alguns objetivos: 1) contribuir com estudos cascudianos e marioandradianos em andamento na Academia; 2) mapear o que esses dois escritores tinham em mente quando se referiam a uma possível identidade regional, aprofundando o debate proposto por Ferreira (2000), em um convite expresso em suas pesquisas; 3) reforçar o entendimento ainda pouco corrente de que precisamos ler e estudar os muitos modernismos que tivemos, não havendo apenas um

---

<sup>7</sup> Ver também BOMFIM, M. A América latina: males de origem [online], 2008.

<sup>8</sup> Em MORAES, M. A. Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas, 1924-1944. São Paulo: Global Editora, 2010.

movimento modernista brasileira, nas palavras de Rafael Cardoso (2022)<sup>9</sup>, e, conseqüentemente, apenas uma via possível para determinar e fortalecer certa identidade, que sendo nacional poderia almejar também ser americana. Cascudo, Mário, Soto, Vignale e tantos outros intelectuais instados aqui reforçaram de maneira constante esse caminho.

Entende-se que os contatos estabelecidos manifestam um interesse por uma aproximação regional, colaborando com a formação de uma "rede de sociabilidade modernista", em expressão cunhada por Gomes (1993), deixando em segundo plano processos históricos nacionalistas que até então distanciavam essas nações. O prisma do intercâmbio regional como alternativa ao que era importado do velho mundo, em uma "estratégia de valorização do dado local" (MEDEIROS, 2016) já tem sido amplamente estudado nas últimas décadas, colocando em evidência as relações entre diferentes escritores brasileiros e latino-americanos (SOARES, 2006; MEDEIROS, 2016; MATOS, 2016; ARAÚJO E FERREIRA, 2018; MATOS, 2020).

Somando-se aos estudos dedicados à vida e à obra de Andrade e Cascudo, entendo o poeta e o historiador como mediadores “entre diferentes mundos, estilos de vidas e experiências<sup>10</sup>”, não encerrando suas atuações enquanto escritores à mera produção intelectual, e, assim, em constante esforço para dar visibilidade à literatura brasileira na cena literária americana.

É possível depreender dos movimentos vanguardistas arquitetados nos dois países uma tensão entre o que poderia ser entendido como uma delimitação do ser nacional, pautada por uma busca identitária, e também, ainda que aparentemente contraditório, uma enorme ambição pelo ser cosmopolita, em erigir relações e estabelecer conexões com o mundo, a partir de uma nova via. Analisar colocações e demarcações que Câmara Cascudo e Mário de Andrade teciam em suas missivas e escritos – além de suas correspondências, críticas literárias e ensaios publicados em *Joio* (1924), de Cascudo, e no *Diário Nacional* (1928), por Mário, compõem o *corpus* desta dissertação – se mostra fundamental.

Nesta pesquisa, excertos da obra quase centenária de Câmara Cascudo são apresentados na grafia original do autor. *Joio*, publicado pela Off. Graph. d'A Imprensa em 1924, se mantém ainda hoje em primeira e única edição.

---

<sup>9</sup> Ver também *Modernismos 1922-2022* (2022), obra organizada por Gênese Andrade que apresenta vinte e nove ensaios temáticos que festejam e revisitam a Semana de 1922.

<sup>10</sup> Sobre o tema “mediação”, consultar *Mediação, Cultura e Política*, obra organizada por Gilberto Velho e Karina Kuschnir.

## 1. Câmara Cascudo e Mário de Andrade: uma amizade cosmopolita

O intelectual potiguar, que se encontrava apartado dos principais centros de circulação de arte e cultura da época, fazia das intensas missivas sua maneira de inserção, e ação, nas discussões políticas, econômicas e literárias do período. Foi desse modo, justamente, que a aproximação entre Andrade e Cascudo se deu. Em 14 agosto de 1924, o paulista agradece um artigo publicado pelo potiguar no jornal *A Imprensa*<sup>11</sup>, de Natal, datado de 11 de junho do mesmo ano.

Você há-de permitir à minha modéstia que confesse a alegria que me deu o seu artigo. Muito obrigado. Sempre traz conforto à gente ver que de todo não é improficua a empreitada que se deu de renovação, prolifera principalmente em desgostos, lutas, calúnias, desilusões. Já o conhecia. O seu nome ficou-me dum artigo lido na Revista do Brasil. O seu estilo atual, vivaz, serelepe dá alegria. Entretece a gente. É incisivo. (MORAES, 2010, p. 33).

No texto em questão, "O sr. Mário de Andrade"<sup>12</sup>, Cascudo diz ser Mário um "homem-busca-pé", uma espécie de foguete, com a autenticidade de ser "ele mesmo", ao contrário de todos os outros – o autor potiguar se inclui neste último grupo.

Ao dedicar um artigo a Mário que tem como frase de abertura "A maior originalidade que posso encontrar no escritor brasileiro é o apresentar-se com o aspecto natural de sua inteligência" (Cascudo, 1924), Câmara Cascudo ressalta o "singular temperamento" do autor de *Pauliceia desvairada* (1922) e, ainda que não houvesse a intenção manifesta – o que é de se questionar –, sedimenta a relação entre intelectuais conhecidos tanto pela generosa tendência ao elogio sincero<sup>13</sup> quanto pela crítica combativa.

Nós estamos num período de quinas e de pontas. Quem não sabe andar com flexibilidade vive a receber pontapões e machucados. Se se pudesse desnudar das suas sedas retóricas o cérebro dum passadista, meu Deus, quanta mancha azul. São os encontros que deu no estilo da atualidade que é o seu. (...) Meu ponto vulnerável é a confirmação das inteligências fortes. Você tocou-me rijo. Terei sempre interesse em seguir seus trabalhos. Quer mandá-los? Um sincero aperto de mão. Mário de Andrade (MORAES, 2010, p. 33).

A partir daí, a relação de amizade, pautada na admiração mútua e em uma extensa curiosidade a respeito do outro, de seus feitos e de seu mundo, se aprofunda, culminando em encontros, como em janeiro de 1929, durante a longa expedição de Mário de Andrade

<sup>11</sup> O jornal *A Imprensa* é fundado em 1914, em Natal, no Rio Grande do Norte, por Francisco Justino de Oliveira Cascudo (1863-1935), "um dos três maiores conversadores de Natal", segundo palavras de Câmara Cascudo, que teve textos publicados no periódico, de propriedade familiar, durante toda a década de 1920.

<sup>12</sup> Disponível em Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP. Fonte: *A Imprensa*, Natal, 11 jun. 1924.

<sup>13</sup> Da rua Lopes Chaves, 108, Mário diz nunca ter sido "caçador de elogios", apesar de, pela gratidão, não ser mais possível esquecer de Cascudo. (MORAES, 2010, p. 33).

rumo ao norte do país. A vida do sertanejo, a arte da escrita, a existência de uma identidade – ou não – brasileira, o movimento regionalista são tópicos recorrentes nas conversas mantidas pelos dois.

Em resposta a Mário, datada de 25 de agosto de 1924, Câmara Cascudo menciona três obras de sua autoria e afirma enviar "dois livros" ao colega:

Mando os meus dois livros. O último *Joio* é a melhor parte que tenho realizado. O *História* é história. Publiquei em 1921 o *Alma patricia* que João Ribeiro, Afrânio<sup>14</sup> etc elogiaram e o Osório escolheu lindamente. Homem oportuno. (MORAES, 2010, p. 34).

Logo nesta primeira missiva endereçada a Mário, Cascudo diz aguardar a opinião do "caro amigo" sobre suas obras, pede um retrato do paulista ("Desejava dá-lo numa revista daqui do Norte") e avisa ser conhecedor dos textos publicados por Mário de Andrade na *Revista do Brasil*<sup>15</sup> e "*América Brasileira* do Elísio<sup>16</sup>", dando pistas, ainda que brevemente, de sua posição de destaque, na dianteira e articulação no modernismo nortista.

Se os anos de 1924 a 1930 foram o período de “maior força e calor” de movimento modernista, de acordo com Manuel Bandeira (GOMES, 1993), Câmara Cascudo e Mário de Andrade responderam à efusividade do período trocando 74 cartas de agosto de 1924, comentada acima, a 23 de dezembro de 1930. Em constantes análises mútuas, os dois se detiveram a explicações particulares, como o caso do jacaré dormindo na tona da água (MORAES, 2010, p. 99), a considerações taxativas, que nos ajudam a mapear, a partir da matéria elementar que é a palavra, o que pensavam do país em que viviam e ajudavam a forjar culturalmente. Em 26 de setembro de 1924, Mário de Andrade estabelece uma escrita eminentemente brasileira, como algo de original entre o português pátrio e, de certo modo, colonizador, e o regionalismo ("um perigo", ele diz):

<sup>14</sup> Médico, político, crítico literário e ensaísta, Júlio Afrânio Peixoto (1876-1947) nasceu em Lençóis, no estado da Bahia. É de sua autoria o título de "provinciano profissional e incurável" concedido a Câmara Cascudo.

<sup>15</sup> Fundada em 1916 pelo advogado e jornalista Júlio César Ferreira de Mesquita (1862-1927), a *Revista do Brasil* passou por diversas fases ao longo de seus 74 anos entrecortados de história, sendo uma das mais célebres a vivida sob o comando do escritor Monteiro Lobato (1882-1948), que a comprou em 1918. De Mesquita, passando por Lobato e Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello (1892-1968) – a partir de 1925 –, ao antropólogo e sociólogo Darcy Ribeiro (1922-1997), que a assume em sua quinta e última fase, a publicação se firmou como uma relevante arena de debates para literatos em prol do intercâmbio intelectual.

<sup>16</sup> Lançada em dezembro de 1921, no Rio de Janeiro, pelo jornalista e poeta lagoano Elysio de Carvalho (1880-1925), a revista *América Brasileira: Resenha da Actividade Nacional* (1922-1924) circulou em 36 edições e se caracterizou pela abordagem de temas variados, mas centrando sua atuação no campo literário, com destaque para dois expoentes da literatura hispano-americana, segundo Piazza (2007): o poeta e escritor nicaraguense Rubén Darío (1867-1916) e o escritor venezuelano Rufino Blanco-Fombona (1874-1944). Inovadora e promotora de uma perspectiva que procurava integrar as Américas, a publicação trazia informações vindas de países como Argentina, Cuba e México. Ver Maria de Fátima Fontes Piazza, Clarice Caldini Lemos e Maria Ione Caser da Costa.

(...) E tenho consciência de que fugindo ao regionalismo (um perigo) não escrevo mais português . Estou escrevendo brasileiro. Deus me ajude! Você também está escrevendo brasileiro. Procure vivificar ainda mais esse propósito. Lembre-se que o português não pode ser, tal como o ritmado e movido em Portugal, o nosso meio de expressão: outra terra, clima, novos costumes, preocupações, ideais. Aliás, nós não herdamos de Portugal uma língua: herdamos uma gramática. (MORAES, 2010, p. 38).

Garimpeiros do imaginário brasileiro, como bem qualifica Anna Maria Cascudo Barreto (1936-2015), filha do escritor potiguar, abstrações como a fala e a alma brasileiras ganhavam corpo em comentários de cunho político e econômico e também em efetivo movimento de aglutinação, agitação e debate, como é o caso da realização do Congresso Regionalista. Em 6 de setembro de 1925, Mário de Andrade diz a respeito do programa-convite do 1o Congresso Regionalista do Nordeste, ocorrido em Recife, Pernambuco, entre 7 e 11 de fevereiro do ano seguinte:

O tal de Congresso Regionalista me deixou besta de entusiasmo. Em tese sou contrário ao regionalismo. Acho desintegrante da ideia de nação e sobre este ponto muito prejudicial pro Brasil já tão separado. Além disso fatalmente o regionalismo insiste sobre as diferenciações e as curiosidades salientando não propriamente o caráter individual psicológico duma raça porém os seus lados exóticos. (...) É certo no entanto que regionalismo bem entendido traz benefício grande sobre o ponto-de-vista da própria discriminação dos caracteres gerais psicológicos e outros dum povo. (MORAES, 2010, p. 64).

O poeta paulista traça comentários retificadores sobre a programação, um tanto acanhada ao seu olhar, apresenta sugestões a adere ao evento. Ainda que não discorra sobre, é perceptível o movimento que Mário de Andrade faz ao delimitar o seu regionalismo em um local muito mais próximo ao interesse e amor por uma região do que junto ao entendimento favorável a autonomias regionais<sup>17</sup>. A saudade é direcionada ao Nordeste, que ele ama como ele mesmo, "que sou eu" (MORAES, 2010, p. 64).

Extremamente versados e dedicados à vida brasileira, ao resgate e mapeamento de tradições, à sistematização de costumes e produções, os dois fizeram do Brasil uma de suas paixões. Cada um à sua maneira, em uma posição de mediação intelectual, estabeleceu pontes e zonas de contato<sup>18</sup>, originando círculos de trocas locais, regionais, nacionais e

<sup>17</sup> Ver "Regionalismo" em Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino, no Dicionário de Política, Volume 2.

<sup>18</sup> O termo "zona de contato" é entendido sob a perspectiva descrita por Mary Louise Pratt (1999), como "(...) espaço de encontros coloniais, no qual as pessoas geográfica e historicamente separadas entram em contato umas com as outras e estabelecem relações contínuas".

internacionais. Segundo José Luiz Ferreira e Humberto Hermenegildo de Araújo, organizadores da obra *Interloquções latino-americanas: Câmara Cascudo e escritores estrangeiros* (2018), os textos escritos por Câmara Cascudo em periódicos de Natal revelam considerações a respeito de questões políticas, econômicas e culturais latino-americanas, bem como uma possível reação ao domínio dos Estados Unidos no período.

Ainda que disserte pouco a respeito de seus posicionamentos e preocupações no campo da política nas cartas endereçadas a Mário, Cascudo logo no início do ano de 1925, diz ao escritor paulista ter comentado sobre *A escrava que não é Isaura* (1925) – obra de Mário de Andrade publicada naquele ano – com contatos argentinos.

Recebi, li, treli e quase decoro a *Escrava que não é Isaura*. Falei do livro para amigos meus n'Argentina. Desejava mandar a V. os *Versos de la calle*, do Yunque [Alvaro Yunque]. Escrevi ao Yunque pedindo o livro. (MORAES, 2010, p. 40).<sup>19</sup>

Yunque, autor de *Versos de la calle* (1924)<sup>20</sup>, é Aristides Enrique José Roque Gandolfi Herrero, ou Álvaro Yunque (1889-1982), contista, historiador e ensaísta argentino, figura de destaque na cena literária do país vizinho na década de 1920. A erudição de Cascudo impressiona se notarmos que em uma mesma correspondência, esta mesma de 19 de maio, o potiguar chega a mencionar em um só parágrafo Óscar da Silva (1870-1958)<sup>21</sup>, compositor e pianista lusitano, que estava em sua companhia quando da chegada da última carta enviada por Mário, e Zygmunt Stojowski (1870-1946), pianista e compositor polonês, escolhido por Óscar para ser tocado para Cascudo.

As interlocuções latino-americanas promovidas por Câmara Cascudo e alguns outros poucos intelectuais brasileiros já têm sido objeto de estudo de pesquisadores centrados no intercâmbio entre intelectuais e na sociologia da literatura nacional, como são o caso de Ferreira (2000 e 2008), Medeiros (2016) e Araújo e Ferreira (2018). Contudo, a análise de categorias, bem como os objetivos desses contatos, como provoca Medeiros (2016), se apresentam como território inexplorado, ainda mais se considerada em diálogo tão ampliado – até geograficamente falando –, como na figura de Mário de Andrade.

É possível pensar que, apesar das fronteiras e barreiras, que também se firmam como pontos de contato, apesar dos diferentes estímulos e das particularidades, o começo

<sup>19</sup> Trecho de carta datada de 19 de maio de 1925.

<sup>20</sup> Além de *Versos de la calle*, lançado em 1924, Yunque publicaria também no mesmo ano o livro de poemas *Nudo corredizo*. Segundo Moraes (2010), o primeiro livro dele a figurar na biblioteca de Mário foi presente oferecido por Cascudo em 1925.

<sup>21</sup> O compositor e pianista português Óscar da Silva Correge (1870-1958) é considerado o iniciador da música moderna em Portugal e um dos últimos representantes do romantismo em seu país.

daquele novo século trazia semelhantes inquietações personificadas nos movimentos modernistas. Em comum, intelectuais latino-americanos buscavam respostas mais definidas a essa quimera que seria a pátria e, lado a lado, a um conceito complexo e plural já consolidado em meados do XIX: a América Latina. Em estudo comparativo sobre a institucionalização das ciências sociais no Brasil e na Argentina, Luiz Carlos Jackson e Alejandro Blanco (2014) afirmam que nos dois países os anos de 1930 caracterizaram-se por transformações políticas e sociais profundas que levaram a revisões das histórias nacionais.

No caso brasileiro, sabe-se que a criação de uma identidade nacional foi fomentada por escritores do período e pelo conjunto de artistas e intelectuais que organizou e participou da Semana de Arte Moderna de 1922, um evento artístico catalisador e multidisciplinar que ocupou o Teatro Municipal de São Paulo entre os dias 13 e 18 de fevereiro daquele ano<sup>22</sup>. Considerando aqui a menção a Yunque, no cenário argentino, como enfatiza Beatriz Sarlo (2010), havia uma “cultura de mescla”. Fortemente europeizada, Buenos Aires adentrava o século XX pelas tensões entre aceleração e angústia, o tradicional e o espírito renovador, o criollismo e a vanguarda. Se pararmos para pensar, nada muito diferente das contradições em que viviam e fomentavam localidades centrais à época, como Rio de Janeiro e São Paulo, mas também cidades periféricas, como é o caso da Natal de Cascudo.

Esse traço comum entre as literaturas latino-americanas refletem as marcas diretas deixadas pela figura do colonizador europeu. Em "Literatura e subdesenvolvimento" (1989), ensaio publicado originalmente em 1970, o sociólogo e crítico literário brasileiro Antonio Candido (1918-2017) encontra nas literaturas do cone Sul, como também nas produções oriundas da América do Norte, galhos, em suas próprias palavras, ramificações da que ele chama de "metropolitana".

E se afastarmos os melindres do orgulho nacional, veremos que, apesar da autonomia que foram adquirindo em relação a estas, ainda são em parte, reflexas. No caso dos países de fala espanhola e portuguesa, o processo de autonomia consistiu, numa boa parte, em transferir a dependência, de modo que outras literaturas européias não-metropolitanas, sobretudo a francesa, foram se tornando modelo a partir do século XIX, o que aliás ocorreu também nas antigas metrópoles, intensamente afrancesadas. (CANDIDO, 1989, p. 151).

---

<sup>22</sup> Ainda que figure na historiografia brasileira como o grande marco do início do modernismo no país, dois outros eventos artísticos que antecederam a Semana ajudaram a preparar o terreno para tudo o que viria depois: a exposição do pintor e escultor lituano Lasar Segall (1889-1957) de 1912 e, sobretudo, a de Anita Malfatti (1889-1964) em 1917.

No "Ano-Bom de 1926", Mário de Andrade em longa carta discorre sobre diferentes assuntos: da correspondência "gentilíssima" que diz ter recebido do crítico literário Luis Emilio Soto (1902-1970)<sup>23</sup> a crítica literária de três poemas enviados por Cascudo em missiva anterior. Um dos mais célebres críticos literários da cena argentina entre as décadas de 1920 e 1950, o colombiano Soto colaborou com relevantes publicações do período, como *Sur*, *Nosotros*, *Claridad*, *Inicial* e *Proa*.

Em trecho em que comenta as faculdades do sentir e a falta de sensibilidade de parte da intelectualidade da época – "(...) me parece gente sem sensibilidade nova, sem esta agilidade intelectual desabusada que é tão característica do nosso tempo e que você tem" (p. 85) –, o escritor paulista aponta a transformação do papel do compositor alemão Richard Wagner (1813-1883) em sua vida:

Quando eu principiei a estudar música aos dezasseis anos, me lembro que entusiasmo eu tinha por Wagner, como defendia Wagner, como gostava entregadamente e sem critério de tudo o que era de Wagner, só porque pela pobreza dos livros que tinha então a última moda inda era Wagner e eu achava intuitivamente que a arte devia sempre de progredir. E te garanto que tive brutas comoções escutando obras de Wagner, comoções erradas certamente sobre qualquer ponto-de-vista porém imensamente sinceras. Depois progredi... (...) É incontestável porém que aquela boa-vontade dos dezasseis anos ajudou muito pra que eu chegasse aonde cheguei. Eu tenho por isso muita esperança nessa gende do Norte; mais dia menos dia de tanto ouvir e de tanto matutar hão de ficar em dia com o tempo, você vai ver. (MORAES, 2010, p. 85).

Ainda que o continente europeu se constitua como referencial para essa geração de intelectuais, é notável o movimento de contestação e superação por uma via regional, tratando-se aqui do continente americano, antecipando uma linha de pensamento pautada no Sul global que ainda tardaria em se formalizar<sup>24</sup>. A constatação só reforça o caráter emancipador desses intercâmbios e reflexões. Em artigo sem título publicado em 20 de outubro de 1928, em *A Imprensa*, Cascudo versa sobre e mescla escrita e alma, conceito que poderia ser entendido também na dimensão da identidade.

Não podemos ser brasileiros de alma, se a nossa poesia recheada da luminosa frivolidade que caracteriza Paris, se a nossa literatura tirada, vista, observada e escrita longe de nós, da nossa alma, costumes e cenários. (...) Somos os hóspedes

<sup>23</sup> Após o envio do exemplar de "A escrava que não é Isaura" a colegas argentinos, o autor da obra recebe de Soto o artigo publicado sobre o livro na revista *Renovación*. Em 22 de setembro do ano anterior, o crítico argentino registra em carta a Mário de Andrade: "En setiembre último, mas o menos, recibí de nuestro excelente (sic) amigo Cámara Cascudo, un ejemplar del libro de Vd. (...)" (MORAES, 2010, p. 84).

<sup>24</sup> As Epistemologias do Sul surgem, no século XXI, como uma proposta alternativa, resistente e, sobretudo, decolonial. Elas orientam para três percepções, segundo o professor português Boaventura de Sousa Santos (1940-): "aprender que existe o Sul; aprender a ir para o Sul; aprender a partir do Sul e com o Sul". Ver mais em SANTOS (1995) e SANTOS E MENESES (2010).

da nossa terra, e suspiramos pelo libertamento, que seria para um povo forte, o doloroso desterro. Cantamos em prosa o verso, a alma e cousas de outrem (CASCUDO, 20 out. 1918a apud MEDEIROS, 2016)

Para o crítico literário brasileiro Roberto Schwarz, as ideias no país estavam fora do lugar, “fora de centro, em relação ao seu uso europeu” (SCHWARZ, 2014). O centro em questão era a metrópole, o espelho do continente colonizado para o qual se dirigia toda produção comercial e da qual se assimilava tudo o que pudesse vir de melhor. Como veremos adiante, Cascudo se mostrava interessado e, além, atento e articulado em questões que diziam respeito aos países da América do Sul, não restringindo o olhar para aspectos culturais, mas, sim, extrapolando suas considerações a possíveis projetos de ordem política e econômica, buscando, enfim, uma integração em parte do continente.

Na visão de Anna Maria Cascudo Barreto, a amizade nutrida por Câmara Cascudo e Mário de Andrade ao longo de 20 anos não foi, até o momento, "suficientemente medida, avaliada e nem ao menos entendida" (p. 8), apesar de sua extrema importância para vida intelectual brasileira do período e para as possíveis leituras dos modernismos brasileiros que tentamos fazer até os dias de hoje.

Tecida sobre movimentos declarados de estima, Cascudo e Andrade dedicavam correspondências à atividade crítica<sup>25</sup> a respeito de suas produções literárias, iluminaram caminhos, apresentaram colegas e amigos<sup>26</sup>, estabeleceram planos de encontros, debateram sobre políticas locais e nacional, mediaram intercâmbios intelectuais e traçaram rotas com a finalidade de divulgar o que de melhor se produzia entre a intelectualidade brasileira do período.

Como Cascudo mesmo afirma, ser admirador de Mário naquele período era "um lugar-comum". É, contudo, interessante destacar – e, aqui, analisar – o lugar de amizade ocupado por Cascudo entre as muitas relações de Mário.

## 2. Palavras ao vento

Na segunda década do século XX, Natal, a capital potiguar, acompanhava o sopro de e por mudança que envolvia tanto a política quanto a cultura naquele período nas principais cidades do país. Dentre elas, São Paulo, berço do movimento cultural de 1922, que deu vazão

---

<sup>25</sup> Em missiva datada de 26 de setembro de 1924, Mário de Andrade diz ao amigo: "(...) Em todo caso admirou-me a facilidade dos seus entusiasmos. A parte sobre a Argentina já é melhor. A mim foi útil. Quanto às *Histórias que o tempo leva*, livro interessantíssimo sob todos os aspectos." (p. 36).

<sup>26</sup> Na constelação intelectual brasileira, encontram-se Jorge Fernandes, o poeta pernambucano Ascenso Ferreira (1895-1965), o crítico paraibano Antonio Bento de Araújo Lima (1902-?), o jornalista, crítico de cinema e advogado paulista Guilherme de Almeida (1890-1969) e Manuel Bandeira.

a ares modernistas que prometiam imperar nas produções artísticas de então. Do vestuário<sup>27</sup> à programação cultural, passando por planos urbanísticos que alteraram os traçados das vias públicas, as novidades reverberavam na imprensa, que, por sua vez, também encorajava ares modernos. Segundo Ferreira (2008), a região também permitiu a penetração e a divulgação de ideias do modernismo de origem paulista. "Neste caso, foi através da articulação entre o modernismo e o regionalismo que se trouxe à tona as discussões sobre a realidade artística e cultural da região" (p. 10).

*A Arte Moderna*, carta e panfleto do crítico, poeta e advogado pernambucano Joaquim Inojosa (1901-1987)<sup>28</sup>, repercute em todo o Nordeste a partir de julho de 1924 ao divulgar a Semana de Arte Moderna de 1922 e tratar de suas primeiras repercussões no Pará e no Rio Grande do Norte. Para Oliveira (2019), sua importância reside no fato de ter divulgado o movimento modernista nas regiões Norte e Nordeste do país. O contato de Inojosa com o grupo klaxista de São Paulo leva o crítico pernambucano a explorar a publicação *Era Nova* como a "klaxon parahibana".

E' em síntese, essa a situação do movimento moderno no Recife. Resta-me, agora, pedir que a Parahiba nos acompanhe. (...) Porque, ou a Parahiba se filia ao movimento renovador, ou em arte, ficará no Morro do Castello da antiguidade. (...) Está decretada, ahi tambem, a fallencia da arte antiga. Seja a Era Nova o porta-voz de todos os clamores de renovação, e assim terá cumprido a sua mais nobre finalidade. Seja a Klaxon parahibana (INOJOSA, 1984 [1924], p. 39 apud Oliveira, 2019).

No artigo "Revista Cigarra: Cenário Social de Natal nos anos de 1920", a professora e pesquisadora Isabel Cristine Machado afirma que, além de uma maior quantidade de bondes elétricos transitando pela cidade, a população passou a refletir uma moda mais atual em seu vestuário e a frequentar o teatro e o cinema.

No ano de 1929 – durante a administração do governo de Juvenal Lamartine e do prefeito Omar O' Grady – foi elaborado o plano urbanístico do arquiteto italiano Giacomo Palumbo uma proposta inédita no momento, principalmente pela sua concepção e ousadia. A partir desse projeto mudava o traçado das vias públicas, ordenava o trânsito e melhorava as condições de habitação. Numa época em que o automóvel era um veículo raro, traçaram-se largas áreas de rolamento e os bairros do Tirol e Petrópolis tornavam-se endereços nobres. (MACHADO, 2012)

<sup>27</sup> Um exemplo de pesquisa recente centrada na vestimenta de personalidades associadas aos modernismos brasileiros é *O guarda-roupa modernista: O casal Tarsila e Oswald e a moda* (2022), de autoria da professora e pesquisadora Carolina Casarin.

<sup>28</sup> Ver em Oliveira (2019) e Oliveira e Lima (2022) informações sobre a viagem de Inojosa ao Rio de Janeiro, em agosto de 1922, e a São Paulo, onde trava contato com Menotti del Picchia e Oswald de Andrade na redação do jornal *Correio Paulistano*, além de personalidades como Guilherme de Almeida e Tarsila do Amaral (1886-1973), além do próprio Mário de Andrade.

Se no censo demográfico de 1920, Rio de Janeiro, então distrito federal do país, e São Paulo ocupavam o primeiro lugar no ranking de cidades mais populosas da Primeira República, com 1 157 873 e 579 033 pessoas, respectivamente, Natal em número de habitantes apresentava meros 30 696. Como afirma Machado (2012), em uma cidade ainda na periferia do Brasil da época, a imprensa exerceu um papel central de acesso a expectativas e transformações para a população norte-rio-grandense. "Ela segue os passos da imprensa nacional, veiculando e reproduzindo diariamente o que vinha acontecendo no mundo e nas principais capitais do país, em relação à economia, à conjuntura política e à vida cultural e social"

O papel de mediação intercultural exercido por revistas, jornais e enciclopédias foi fundamental para dinâmicas que se davam no presente, como o fortalecimento do exercício crítico, a divulgação de lançamentos e obras do período, mas também em um tempo futuro, como função basilar de periódicos de testemunha e registro. Analisando os circuitos de mediação intelectual no Brasil e na Argentina em um artigo sobre as experiências das publicações *Revista Brasileira* e *La Biblioteca*<sup>29</sup>, Dutra (2016) reforça o caráter de trânsito/diálogo que esses periódicos tiveram em fins do século XIX e início de XX para os intelectuais dos dois países. Inclusive, retomando um tema abordado anteriormente, em triangulação com trocas culturais que tinham espaço no continente europeu: tanto a revista feita no Brasil quanto *La Biblioteca* foram inspiradas em organização, projeto editorial e forma física na francesa *Revue des Deux Mondes*<sup>30</sup>. Segundo Dutra (2016), citando Bruno (2011), o escritor nicaraguense Rubén Darío chegou a confirmar a inspiração, dizendo ser *La Biblioteca* a "nossa *Revue des Deux Mondes*". A própria *América Brasileira: Resenha da Actividade Nacional*, empenho do editor Elysio de Carvalho, ilustra essa dupla face da sedimentação de uma identidade: o periódico imprimiu em suas páginas a ex-metrópole ibérica – Portugal – e a produção literária da América Espanhola, "não olvidando a tradição ibérica" (Piazza, 2007). É na revista que Mário de Andrade publica, entre 1923 e 1924, as suas *Crônicas de Malazarte*.

A América Brasileira consagrou algumas personalidades do mundo ibérico; da América Espanhola, Rubén Darío e Rufino Blanco-Fombona; da Espanha, Don Juan Valera, Ramón Gómez de La Serna e Azorin; do Brasil, além de Elysio de Carvalho, Graça Aranha e Ronald de Carvalho, protagonistas da *Semana de Arte*

<sup>29</sup> Revista argentina lançada em junho de 1896. A publicação foi dirigida por Paul Groussac, então gestor da Biblioteca Nacional de la Argentina desde 1885, e se caracterizava por ser um periódico centrado na divulgação de novidades científicas, históricas e literárias. Ver mais em BRUNO, Paula G.

<sup>30</sup> Segundo Dutra (2016), o periódico francês, com sua vocação intercultural, instituiu um arquétipo para revistas e publicações literárias, enciclopédias de cultura e almanaques do período.

Moderna de 1922. Com relação aos autores espanhóis, a revista, a partir de janeiro de 1924, publicou O momento literário de Espanha, com destaque para Don Juan Valera (1824-1905), Ramón Gómez de La Serna (1888-1963) e Azorin (1873-1967). (Piazza, 2007, p. 53)

De acordo com Piazza (2007), pode-se dizer que certo nacionalismo de caráter militante e cultural movia Elysio, tendo sido ele, inclusive, o precursor da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, projeto que seria retomado 50 anos depois pelo embaixador José Aparecido de Oliveira (1929-2007). É de se compreender certa onda nacionalista, e até ufanista, à época, próxima ao fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e em face às comemorações do centenário da Independência do Brasil. Em *Nacionalismo literário e cosmopolitismo*, Antonio Arnoni Prado ressalta justamente, entre o grupo que conduzia o periódico, o culto ao político e líder venezuelano Simón Bolívar e a crença em uma "solidariedade latino-americana".

Revestidos de um caráter transnacional e transcultural, esses periódicos refletiram em futuras visitas e ampliação de um intercâmbio de reflexões que extrapolavam o campo literário<sup>31</sup>. É nesta “missão de confraternidade” (ARTUNDO, 2013) que dois jovens latino-americanos, Soto e o poeta argentino Pedro Juan Vignale (1903-1974), chegam a São Paulo nos primeiros dias de 1926. Os dois, por sinal, apresentados a Mário de Andrade por intermédio de Cascudo, que ainda não os conhecia pessoalmente. A revista *Los Pensadores* (1924-1926) ressalta a importância do intercâmbio “entre os países além e aquém do Oceano, para intensificar o alcance de nossa obra e obter a natural repercussão que lhe dará maior eficácia”. Antecedendo e prolongando encontros, a correspondência, bem como as trocas de críticas em artigos e ensaios, se fazia de espaço de sociabilidade que prolongava o físico em viagens e festivais. Acompanhando a passagem pelo Brasil, por exemplo, Vignale publica em *Folha da Manhã*, veículo de imprensa de São Paulo, no dia 3 de fevereiro, o artigo "Reseña de la Renovación Estética en la Argentina: Hacia un Arte Americano".

Os textos publicados por Câmara Cascudo nos jornais natalenses *A Imprensa* e *A República*, nos anos de 1924, 1927, 1928 e 1929, segundo Ferreira (2008), têm representação significativa para a história cultural e literária do Rio Grande do Norte e simbolizam, em seu recorte, o início da divulgação no Rio Grande do Norte dos ventos de vanguarda que tomavam o país, os anos das visitas do escritor paulista ao estado e compreendem o ano de publicação d'O livro de poemas, de Jorge Fernandes (1887-1953), considerado um dos

---

<sup>31</sup> Dada a forte influência francesa nas letras brasileiras, o fluxo de intelectuais vindos do país europeu é significativo. Ainda que se configure como interesse de fundo para esta pesquisa, ver Piazza (2007) para esse panorama.

precursores da poesia moderna no país e poeta muito mencionado nas missivas trocadas pela dupla.

Graças às pesquisas de mestrado e doutorado empreendidas por Ferreira (2018, p. 16), 196 textos do escritor potiguar publicados nesses periódicos foram identificados e transcritos. Segundo o pesquisador, parte o material destinava-se “à divulgação de obras e escritores estrangeiros, principalmente, os latino-americanos” (2018, p.16).

Ao demarcar o escopo das publicações *Revista Brasileira* e *La Biblioteca*, Dutra apresenta características comuns e presentes em muitos dos periódicos da época

Tanto uma quanto outra foram instâncias de construção e representação dos "autores", de comunicação e legitimação da literatura e também de programas político-culturais nacionais. Também foram instâncias de visibilidade de conteúdos e tendências intelectuais, bem como exerceram a mediação de obras literárias, ensaios, crítica literária, resenhas bibliográficas, antologias, os quais conforma instâncias discursivas na formação de um cânone de leitura e de tradição literária (DUTRA, 2016, posição 3951)

Com tese centrada nas relações entre Cascudo e o polímata pernambucano Gilberto Freyre (1900-1987), que encabeça um movimento de retraditionalização a partir de 1923, Ferreira (2008) afirma que a região foi "o espaço em que as idéias do modernismo de origem paulista tiveram ampla divulgação. Neste caso, foi através da articulação entre o modernismo e o regionalismo que se trouxe à tona as discussões sobre a realidade artística e cultural da região" (p. 10).

Retomando a percepção de um certo deslocamento de lugar, é interessante notar como esses escritores registravam trânsitos que denunciavam a não-linearidade e, de certo modo, uma não-hegemonia do projeto de uma identidade nacional, ainda que estivesse na ordem do dia e fosse pauta máxima do modernismo, para além das inovações estéticas e formais. Se certa “penúria cultural”, de que nos diz Candido (2014), fazia com que escritores se voltassem para centros metropolitanos europeus, que pudessem lhes fornecer um ponto de referência e um projeto de literatura, quando pensamos em zonas de contato e em pontos de encontro entre as elites intelectuais da América do Sul também deslocamos o eixo geográfico, deslocamos o olhar. Ironicamente, a ponte poderia não passar necessariamente pela Europa – até mesmo em um movimento de distanciamento pela afirmação. Em artigo publicado sobre Elysio de Carvalho na *América Brasileira*<sup>32</sup>, o francês Manoel Gahisto (1878-1948) chama a atenção para determinadas afirmações do editor sobre o nacionalismo brasileiro que

---

<sup>32</sup> Segundo Piazza (2007), tradução de texto de novembro de 1923 veiculado originalmente na *Revue de l'Amérique Latine*.

"repelem, solidamente, a influência francesa" e censuram imitações e modas fáceis do país. Como diria Pascale Casanova, Paris se consubstanciava como uma espécie de meridiano de Greenwich literário.

Ainda no fim do século XIX vários foram os exemplos de interações e conexões, além de reflexões, que buscavam extrapolar fronteiras com lentes direcionadas para países vizinhos na porção Sul do continente americano. Em 1895, por exemplo, o advogado, jornalista e poeta Mário Alencar (1872-1925)<sup>33</sup>, filho do escritor cearense José de Alencar (1829-1877), escreve o artigo "Letras americanas", com o objetivo de apresentar um texto escrito pelo político e escritor argentino Bartolomé Mitre (1821-1906). Já em 1898, uma conferência do escritor e diplomata maranhense Graça Aranha (1868-1931), apresentada no Ateneo de Buenos Aires, dava conta d'A literatura atual no Brasil". Ainda em 1921, nos meses que antecederam a Semana de Arte Moderna, um informe de 10 de dezembro, de autoria de Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), historiador e sociólogo brasileiro entusiasta e agitador do evento, antecipava o evento, sim, mas trazia uma proposição que extrapolava um pensamento meramente nacional. Na Fon-Fon, ele escreveu, como destaca Prado (2015):

"Se eu fosse assaz ousado, violaria todas as regras da fantasia de aliterações, de assonâncias, de tudo que me parecesse cômodo (...)." No corpo da nota, a chamada para as diferenças que se radicalizavam na Pauliceia entre os que Sérgio chamava de beletristas e os seus adversários futuristas, estes últimos – segundo ele mais próximos de Tristan Tzara que Marinetti – prontos a desencadear o que Sérgio antevia como **"um movimento de libertação dos velhos preconceitos e das convenções sem valor, único no Brasil e na América Latina"**<sup>34</sup>. (PRADO, 2015, p. 194-195)

Aliás, em um balanço sobre o percurso intelectual e crítico de S. B. H., em "Nota breve sobre Sérgio crítico", ensaio presente em *Cenário com retratos: Esboços e perfis* (2015), Antonio Arnoni Prado aponta uma característica de Sérgio que merece destaque, por reforçar as proposições delineadas nesta pesquisa: a emancipação intelectual do Brasil passava pela emancipação política do continente. "Sérgio associava a busca da nossa identidade como única forma capaz de vencer os obstáculos do nosso isolamento em relação à vida cultural da América Latina." (PRADO, 2015, 191).

Se nas missivas de Cascudo destinadas a Mário as interlocuções argentinas aparecem

---

<sup>33</sup> Exemplo de intelectual plural em suas funções, Mário contribuiu com diversos veículos ao longo de sua trajetória profissional. Para citar apenas alguns órgãos de imprensa: Almanaque Brasileiro Garnier (criado em 1903 e mantido até 1914), Correio do Povo (jornal fundado em 1895 e ainda em circulação); Gazeta de Notícias (1875-1956, contando com contribuições de Mário em 1894); Revista Brasileira (criada em 1855, com contribuições do advogado entre 1895 e 1899 e ainda em circulação, sendo a publicação da Academia Brasileira de Letras), entre outros, no Rio de Janeiro, além de alguns periódicos paulistas.

<sup>34</sup> Grifo da pesquisadora.

com certa naturalidade e cotidianidade, e se na virada do século, em 1900, o portenho Martín García Mérou (1862-1905)<sup>35</sup> publica *El Brasil Intelectual. Impressões e Notas Literárias*, a sensação de isolamento sentida por SBH não era insular. Dutra (2016) afirma que o desconhecimento era mútuo entre os países da América Latina: em seu "As letras americanas", Mário de Alencar diz se saber pouco das nações hispano-americanas no Brasil; e Mérou, por outro lado, comenta que "de todas as literaturas sul-americanas nenhuma é tão pouco conhecida entre nós como a brasileira".

Em 1895, Alfredo Maria Adriano d'Escragnoille Taunay (1843-1899), primeiro e único visconde de Taunay, indaga, em balanço para a Revista Brasileira sobre obras de Mérou:

Por que o isolamento em que temos vivido uns para com os outros? Que justificação tem essa ignorância radical, esse desconhecimento absoluto dos nossos esforços para, cada qual em sua circunscrição territorial, fazermos alguma coisa honesta e sincera a bem das letras? (Taunay, 1895, p.280-281, apud Dutra, 2016)

Intelectual precursor e destaque no mercado editorial brasileiro, Monteiro Lobato, responsável pela Revista do Brasil entre 1918 e 1925, manifestou, como bem ressaltou Soares (2006) e abordaremos adiante, "disposição para abarcar em seus projetos a América Latina, em particular a Argentina". Em um intercâmbio particular de correspondências, Lobato recebe do novelista, poeta e ensaísta argentino Manuel Gálvez (1882-1962) uma proposição que merece destaque nesta pesquisa por reforçar mais do que um desconhecimento: a ânsia pela aproximação:

(...) A literatura brasileira me interessa enormemente (...). Creio, com toda sinceridade, que vocês têm uma literatura superior à nossa. (...) Seria muito incômodo enviar-me uma pequena lista, 20 nomes no máximo, do que mais se sobressai dentro da pura literatura? (...) De minha parte, posso escrever para você (...) um artigo sobre a literatura argentina do momento para a Revista do Brasil. Parece-me lamentável que nossos países não se conheçam, e nós escritores devemos fazer algo em prol da aproximação e conhecimento entre ambos os povos.<sup>36</sup>

Em 1923, Elysio de Carvalho publica *Príncipes del Espiritu Americano*, uma coletânea de três estudos sobre Rubén Darío, o "príncipe dos poetas de língua castelhana"; Graça Aranha, o "príncipe da literatura brasileira" e Don Rufino Blanco-Fombona, o

<sup>35</sup> Diplomata argentino, embaixador e ministro plenipotenciário da Argentina no Brasil, Mérou publicou 25 dos 39 capítulos de *El Brasil Intelectual* na revista *La Biblioteca*. Com menções e referências à Revista Brasileira e ao crítico José Veríssimo (1857-1916), a obra apresenta análises a respeito da vida intelectual brasileira, além de um longo estudo sobre a personalidade e as obras do jurista e polímata Rui Barbosa de Oliveira (1849-1923), a quem Mérou conheceu em Petrópolis após o retorno do intelectual baiano do exílio na Inglaterra durante o governo de Floriano Peixoto (1839-1895).

<sup>36</sup> Destaque da pesquisadora de carta de Manuel Gálvez a Monteiro Lobato, Buenos Aires, 13 de agosto de 1919, original, em Soares (2006, p. 250).

"príncipe do espírito americano", este um escritor venezuelano bastante presente e, talvez, consagrado pelas páginas América Brasileira, editada por Elysio. Segundo Piazza (2007), "os ensaios tinham como objetivo a definição de três grandes forças da literatura do continente, procurando sintetizar o caráter de sua pujante mentalidade".

Ainda assim, na segunda década do século XX, a sensação de nosso "insulamento no continente latino-americano", nas palavras do poeta e político carioca Ronald de Carvalho (1893-1935), era presente, como registrado em "México, paiz de beleza", artigo de outubro de 1923, publicado em América Brasileira. O texto repercutiu a passagem do diplomata pelo México, país em que visitou a convite do governo mexicano, segundo Piazza (2007).

As livrarias no México não possuíam qualquer obra científica ou literária do Brasil, somente por informações as pessoas sabiam da existência de Olavo Bilac, do qual se traduziram alguns sonetos, de Machado de Assis, através de dois ou três contos e de Graça Aranha, por Canaã. Mesmo assim, os mexicanos mostravam-se interessados e acompanharam o curso ministrado por Ronald de Carvalho na Universidade Nacional, sobre a história da formação e da cultura do Brasil. Para o escritor, a missão mexicana que veio ao Brasil por ocasião do Centenário da Independência em 1922, chefiada pelo ministro da Educação José Vasconcellos, contribuiu para melhorar 'esse estado de cousas', ou seja, a propaganda do Brasil através da divulgação de sua literatura. (PIAZZA, 2007)

Esses exemplos ressaltam a importância do empenho de Cascudo, estando geograficamente apartado dos principais círculos de incidência direta do modernismo à época, ainda mais se atentarmos para o fato de que é o escritor potiguar quem coloca à disposição de Mário suas amizades transnacionais. Como demonstram relatos e confidências feitas pelo escritor ao amigo paulista, Cascudo estabeleceu conexões sul-americanas que o levaram a ter o retorno da revista *Cuba Contemporânea*, de "Habana", como ele mesmo diz, a respeito de *Joio* (1924), obra que reúne "páginas de litteratura", "páginas de critica" e ensaios sobre escritores argentinos. Segundo Araújo e Ferreira (2018), "a aproximação de Câmara Cascudo com os escritores argentinos é intensa".

Em meio aos 196 materiais transcritos a partir das contribuições de Cascudo à imprensa, alguns recortes são precisos. Em 1924, seu primeiro ano de colaboração em *A Imprensa*, todos os textos dedicados a autores estrangeiros tematizam escritores de nacionalidade latino-americana. Entre os 49 textos esparsos publicados por Câmara Cascudo naquele ano, três figuram nos 10 escolhidos para compor a última seção de *Joio*, segunda obra publicada por ele, editada pela Off. Graph. d'A Imprensa, como consta em seu frontispício. São eles: "Froylan Turcios", *A Imprensa*, Natal, 30 janeiro; "Ricardo Gutierrez". *A Imprensa*, Natal, 25 abril; e "Salvador Alfredo Gomis". *A Imprensa*, Natal, 27 abril.

A menção a Sérgio Buarque de Holanda possibilita o resgate de expressões e conceitos utilizados na abertura do clássico *Raízes do Brasil* (1936) – uma das obras basilares do pensamento sobre a formação da sociedade brasileira – para pensar o trabalho de articulação intelectual desses escritores à época, como a ideia de desterro em relação a um local<sup>37</sup> e a imagem de "territórios-ponte" (HOLANDA, 2006, p. 20), usada por S. B. H. para pensar Portugal e Espanha em relação ao continente europeu. Em um pêndulo entre a valorização, atestando a qualidade da produção local com o esforço em divulgá-la, e a superação de uma suposta insulação<sup>38</sup>, intelectuais como Cascudo tinham nas correspondências e na publicação em periódicos uma maneira de inserção, e até existência em relação ao outro, em uma realidade nacional e estrangeira. O próprio escritor como um território-ponte.

Nas palavras de Ferreira (2008), "essa articulação do intelectual potiguar possibilitou, assim, um processo de intercâmbio entre a capital norte-rio-grandense e alguns dos centros produtores de cultura do país e do exterior naquele período, a exemplo do Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Buenos Aires. (...)". Nesse sentido, ao colocar o Rio Grande do Norte em contato com "o que existia de mais expressivo na literatura nacional e estrangeira", como também afirma Ferreira (2008), Cascudo atesta e sobretudo extrapola aspectos práticos desses formatos de comunicação para agir efetivamente na cena cultural do país.

Se o diálogo estabelecido entre Cascudo e Mário teve início em virtude da publicação de um artigo em jornal, é possível dizer que a amizade desenvolvida entre os dois contou majoritariamente com o papel como principal suporte, visto que foram duas as únicas visitas do escritor paulista ao Rio Grande do Norte, sendo uma delas a da expedição de 1929, empreendimento acompanhado em parte pelo potiguar, em cidades do sertão norte-rio-grandense à Paraíba, entre janeiro e fevereiro do mesmo ano. Segundo Ferreira (2008), Cascudo registrou a epopeia em seis textos intitulados todos como "Diário dos 1.104 klmts", publicados entre os dias 29, 30 e 31 de janeiro e 1º, 2 e 3 de março no jornal *A República*.

Não apenas aproximadamente 3.000 km separavam os dois intelectuais e suas ideias, o ritmo do tempo, apesar do agito proporcionado por novas tecnologias e por ímpetus vanguardistas, era outro. Para se ter um vislumbre desse intercâmbio, entre o pedido por uma edição de *A escrava que não é Isaura*, feito por Cascudo, e o informe de Mário ao amigo a

---

<sup>37</sup> Não se tratando de particularidade dos brasileiros, os argentinos, segundo Jorge Luis Borges, se sentiam como europeus em exílio.

<sup>38</sup> Termo aqui empregado se aproxima mais da ideia de apartamento – e não de isolamento.

respeito da ciência de um artigo publicado na Argentina passaram-se seis meses, com alguns diálogos triangulados. Em 12 de julho de 1925:

E penso ter V. recebido umas duas cartas outras, antes desta que ora recebo. Creio que lhe mandei versos. E que versos!... E um livro argentino, pedindo, em troca, outro *Escrava* para um meu camarada argentino que nasceu na Colômbia e Luis Emilio Soto, em tudo digno de nossa atenção e carinho. (MORAES, 2010, p. 51)

A Mário de Andrade, em 22 de dezembro de 1925, escreve, por sua vez, Luis Emilio Soto:

Em setembro último, mais ou menos, recebi do nosso excelente amigo Câmara Cascudo, um exemplar do livro do Sr., *A Escrava que Não É Isaura*. Como me interessasse sobremaneira esse eficaz arrazoado, cujo aspecto teórico não o impede de ser veemente, escrevi o artigo anexo. No tocante à data em que este se publica e tendo em conta que seu livro apareceu em fevereiro [de] 1925, ao perder oportunidade, por pouco mais se acreditaria que foi escrito comemorando seu primeiro aniversário! Evidentemente, tal demora se deve primeiro ao fato de que o livro chegou a minhas mãos apenas em setembro e depois ao interesse que eu tinha em publicar minha nota em *Renovación*, revista que é lida em toda a América latina. (ARTUNDO, 2013, p. 107-108)

Já na missiva datada como Ano-Bom de 1926, Mário compartilha com Cascudo que recebeu

anteontem uma carta gentilíssima do Soto com o artigo sobre a *Escrava* saído em *Renovación*. Deus lhe pague o que você vem fazendo por mim. Vou esperar mais uns cinco ou seis dias pra responder pro Soto, porque assim posso mandar pra ele o meu livro novo que está sai-não-sai. Você já sabe qual é, o *Losango cáqui*, versos líricos, coisa íntima, coisa de coração moderno. (MORAES, 2010, p. 84)

"Las Nuevas Corrientes Estéticas en el Brasil: Un Importante Libro de Mário de Andrade", texto escrito por Soto e publicado na *Renovación* de set.-out. de 1925, se destaca por ser a primeira dedicada a Mário no país vizinho (ARTUNDO, 2013).

Segundo notas de Moraes (2010), entre setembro e dezembro de 1925, Soto agradece Cascudo por fazer chegar a ele tanto a edição de *Escrava* quanto de *Espírito moderno* (1925), de Graça Aranha, tece análises a respeito de obras dos modernistas brasileiros e, em 3 de dezembro, comunica também a sua viagem com destino a Rio de Janeiro e São Paulo, lamentando não visitar na mesma oportunidade as cidades de Natal, onde Cascudo vive, e Recife. Nota-se, contudo, a agilidade com que essas obras viajavam entre remetentes e destinatários, muitas vezes em seu próprio ano de publicação, como no caso dos dois títulos mencionados acima. Além das produções de Aranha e de Andrade, missivas de Soto

registram o recebimento de *A Esthética da Vida* (1921), obra mais antiga de Graça Aranha, *Memórias Sentimentais de João Miramar* (1924), do escritor e dramaturgo Oswald de Andrade (1890-1954):

Recibí su muy apreciable carta cuya lllegada fué precedida por ‘A esthetica da vida’ de Graça Aranha y posteriormente ‘Memórias de João Miramar’ de Oswald de Andrade, envios ambos que obligam mi agradecimento. (...) (SOTO, 1925a).  
 Estoy em posesión de sus dos apreciables cartas 29 de Mayo e 12 de Agosto último, habiendo recebido el ESPIRITO MODERNO de Graça Aranha y A ESCRAVA QUE NÃO É ISAURA de Mário de Andrade, respectivamente inclusos. (...) (SOTO, 1925b).

Em uma visão distanciada, possibilitada pela passagem de um século exato dos acontecimentos relatados aqui, à luz de interpretações menos lineares dos modernismos brasileiros<sup>39</sup> e justamente encorajadas por efemérides, é possível observar círculos de trocas coexistentes, teias de articulações que podem, sim, ser sudestinas, no Brasil clássico, mas que tem pilares fortíssimos em outras regiões do país. Da mesma forma como creditamos a Cascudo a responsabilidade por apresentar os modernistas brasileiros, em especial Mário de Andrade aos argentinos, sabemos que o contato do escritor potiguar foi intermediado por Lobato, como veremos adiante, em um capítulo centrado nas discussões promovidas por Câmara Cascudo<sup>40</sup>. Assim, concêntrica e interseccionalmente, ocorria com as escritas destinadas a a publicações editoriais.

Além das tradicionais Revista Brasileira, Revista do Brasil e América Brasileira, citadas anteriormente, em uma perspectiva mais centralizada no Nordeste do país, região que nos é de interesse, a Revista do Centro Polymathico, periódico de publicação trimestral editado em Natal, e na qual Cascudo tem alguns de seus textos – inclusive, sobre leituras argentinas – publicados, foi um dos canais mais relevantes de expressão da intelectualidade do estado do Rio Grande do Norte, ponto de atualização de manifestações culturais do sul do país, além de espaço de valorização de escritores e poetas locais. É em sua segunda edição que o potiguar publica em agosto de 1920 “O Theatro de Moysés Kantor”, neste último acusando o recebimento de uma edição de 1919 da *Nosotros*, possível envio feito por Lobato (MEDEIROS, 2016).

É possível fechar perfeitamente o ciclo de diálogo e intercâmbio nesse episódio quando sabemos que tanto Monteiro Lobato aguardou por uma edição da Revista do Centro Polymathico quanto encaminhou a produção de Cascudo ao dramaturgo e geólogo

<sup>39</sup> Ver Cardoso (2022).

<sup>40</sup> Ver Andrade (2022), Ferreira (2000), Ferreira (2008), Ferreira (2018), Medeiros (2016) e Soares (2006), entre outros.

russo-argentino Moysés Kantor (1879-1946). Segundo nota de *A Imprensa* datada de 4 de outubro de 1922, presente em Oliveira e Lima (2022):

Recebendo o trabalho do nosso talentoso patricio, Moisés Kantor, enviou, por intermédio de Monteiro Lobato, um exemplar do seu último trabalho 'Victoria Colonna' poema dramático em treze actos e um prólogo. Como 'Sandro Boticelli', a revista argentina 'Nosotros' editou o último trabalho. Moisés Kantor transcreveu literalmente o estudo de Lus da Câmara Cascudo sobre teatro. Julgamos ser a primeira vez que o juízo literário de um norte rio-grandense seja transcripto no seu próprio idioma no corpo de um livro argentino (*A IMPRENSA*, n. 2027, de 4 de out. 1922, apud Oliveira e Lima, 2022).

### 3. O Sul em diálogos transfronteiriços

Em vinte anos de conversas, mantidas sobretudo por meio de cartas entre 1924 e 1944, o Brasil é mapeado política, econômica, social e culturalmente pela dupla Câmara Cascudo e Mário de Andrade. Tendo a oportunidade de se aproximar do estranho, e se distanciar do familiar, o antropólogo que habitava em Mário, com ânimos de brasilidade, fazia das correspondências fonte fidedigna para escrever a respeito do que não conhecia:

Então jacaré dorme na tona da água? Eu pensava que ele dormia no fundo do rio e o meu verso é: 'Os círculos dos jacarés que afundam pra dormir'. Não se esqueça ainda de me esclarecer sobre isso. São os inconvenientes de quem escreve sobre o que não conhece. (MORAES, 2010, p. 99).<sup>41</sup>

Mário de Andrade. (...) *Jacaré*: dorme de dia. Dorme trepado nas ilhotas. Dorme na margem do igarapé. Dorme metido no balcedo. Dorme nas pedras emergentes dos estirões. Estirão é a reta fluvial. Diz-se assim no Amazonas. Está satisfeito? (MORAES, 2010, p. 105).<sup>42</sup>

Passando majoritariamente a sua vida na capital do seu estado<sup>43</sup>, Câmara Cascudo assumiu a tarefa da mediação intelectual e literária em diferentes frentes: estabelecendo conexões pessoais – como é o caso da relação com Mário –, extrapolando fronteiras linguísticas e territoriais, e aglutinando escritores nordestinos do período – é por meio de Câmara que o escritor paulista passa a conhecer o poeta Jorge Fernandes e outros intelectuais da região. A intensa atividade encabeçada por Cascudo colaborou para que Natal se inserisse em discussões literárias e culturais que tomavam o Brasil e o mundo naquele período. Como missivista na cidade, articulista em periódicos, o polímata teve contato com experiências muito diferenciadas.

Nas palavras de Ferreira (2008), houve uma "política de integração entre os intelectuais e escritores do estado com os nomes mais expressivos das artes nacionais e estrangeiras". E essas articulações permitiram que o estado do Rio Grande do Norte tivesse expressivo contato com a literatura que se fazia no Brasil e fora dele.

Como mencionado anteriormente, Câmara passa a ter textos autorais publicados em jornais ainda na década de 1920. Em *A Imprensa* e *A República*, o escritor supera a possibilidade do espaço como mera divulgação e crítica literária: faz uso dos veículos como

<sup>41</sup> Trecho de correspondência datada de Dia de Tiradentes [21 de abril] – 1926.

<sup>42</sup> Trecho de correspondência datada de 18 de maio de 1926.

<sup>43</sup> No início da década de 1960, Câmara Cascudo empreende uma de suas poucas viagens: parte em direção ao continente africano em missão de pesquisa e estudos. Da viagem, resulta *Made in Africa*, uma coletânea de vinte e oito capítulos-artigos dedicados a temas variados.

forma de exposição de poetas de seu estado – o próprio Jorge Fernandes é assunto de muitas cartas a Mário – e, em outra mão, com o intuito de divulgar o que chegava a ele de cantos onde mantinha correspondentes. Em 8 de agosto de 1926, o historiador envia ao amigo paulista parte de um texto produzido pela escritora e jornalista pernambucana Débora do Rego Monteiro. O artigo em questão tratava de *Escrava que não é Isaura*, obra de Mário de Andrade:

Mando uns recortes. O "Dom Pedro II" é o começo do artigo cuja segunda parte versa sobre a *Escrava que não é Isaura*, de Débora do Rego Monteiro. Deus lhe pague o catálogo de dona Tarsila com o formosinho açúcar-cândi Cendrars. (MORAES, 2010, p. 116).

Se a contribuição de Cascudo como crítico literário e, especialmente, transmissor do que de imediato ocorria nos círculos intelectuais já vem sendo mapeada (FERREIRA, 2008; ARAÚJO E FERREIRA, 2018), a relação estabelecida entre o escritor e intelectuais argentinos<sup>44</sup> tem se mostrado campo fértil para pesquisas e um convite para que extrapolemos um pouco mais as fronteiras. Quais foram as articulações encabeçadas por Câmara Cascudo no terreno da América do Sul? Em dezembro de 1925, o historiador confia a Mário: “uma revista de Habana (*Cuba Contemporânea*<sup>45</sup>) disse mil coisas do Joio. Comeram-no por trigo. E fiquei desvanecido com o apetite” (MORAES, 2010, p. 81).<sup>46</sup> Na edição de número 151 do periódico *Cuba Contemporânea* (de julho de 1925), diz-se de Cascudo:

A lo que parece es muy joven este autor, y las audacias literarias propias de los escritores que comienzan, están refrenadas en Câmara Cascudo por las disciplinas del estudio que le evitan los peligros a que se ven de continuo amenazados aquellos que espoleando el pegaso alado de la fantasía no saben hacer uso de las riendas, cuando ello les es preciso. Crítico impresionista de primera línea, pinta de un trazo el personaje que nos presenta, poniendo todo su arte al hacerlo no en meros detalles más o menos técnicos, sino en aquel rasgo esencial que al ser reproducido, consigue traducir, mejor que copiar, el espíritu que anima el sujeto que ha Ajado en el lienzo su pincel vigoroso. (CUBA CONTEMPORÁNEA, 1925)

<sup>44</sup> Ver *Câmara Cascudo e a Argentina intelectual: um joio na seara latino-americana*, pesquisa realizada por Joatan David Ferreira de Medeiros em 2016.

<sup>45</sup> Segundo informações da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional de Espanha (BNE), a revista *Cuba Contemporânea* foi lançada em janeiro de 1913 e teve sua última edição publicada em agosto de 1927. De periodicidade mensal, foi a primeira grande revista de pensamento cubano do século XX que alcançou certo prestígio internacional. "Foi escrita por ilustres membros da chamada 'primeira geração da República Cubana' -- independente e liberal -- criada em 1902." Teve como antecessoras a *Revista de Cuba* (1877-1884) e a *Revista cubana* (1885-1895).

<sup>46</sup> A autora desta pesquisa procurou, inicialmente, por qualquer menção a *Joio* (1924), ou a algum texto assinado por Câmara Cascudo, em 16 edições da revista *Cuba Contemporânea*, de dezembro de 1925 a junho de 1927. A menção à obra foi encontrada, contudo, na edição de julho de 1925 (número 151), meses antes da carta remetida a Mário de Andrade.

Ao longo da década de 1920, e no que se refere à cena literária sul-americana, Cascudo manteve constantes trocas com o já muito citado crítico Luis Emilio Soto, o poeta Pedro Juan Vignale, o escritor espanhol Braulio Sánchez-Sáez (1892-?) e com o professor e dramaturgo russo-argentino Moisés Isaakovich Kantor (1879-1946), que, à época, exerciam, juntamente com Lobato e o próprio Cascudo, os papéis de, como diz Medeiros (2016), cónsules "do intercâmbio entre as duas nações".

Aliás, merece destaque Sánchez-Sáez, a relação de intercâmbio na Argentina mais duradoura mantida por Cascudo. Além de ser o autor de diversos textos que tentaram abarcar aspectos da literatura brasileira, 1) traduz "El Caipora, Dios salvaje", ensaio folclórico de Cascudo publicado na edição de 5 de abril de 1924 do periódico *Caras y Caretas*; 2) escreve "Pequeño guia intelectual brasileño", artigo publicado pelo *Eldorado – semanário de la vida literaria argentina* em agosto do mesmo ano; 3) lança, na década de 1930, *Vieja y Nueva literetura del Brasil* (1935, Edições Ercilha, Santiago do Chile), uma síntese da literatura "nortense" em língua espanhola; e 4) publica "La Novela en el Brasil" na *Revista Hispánica Moderna* em outubro de 1943.<sup>47</sup>

Por seu notável esforço de integração entre as duas nações, *A Imprensa*, vale ressaltar novamente, veículo fundado pela família Cascudo, registra em 1924:

Traductor e chefe da secção brasileira da "Plus Ultra", a revista – joia de Buenos Ayres, da "Caras y Caretas", magazine tradicionalmente ilustre, dirige a representação da Editora Monteiro Lobato e "Revista do Brasil" iniciando uma acção brilhantíssima no intuito do mutuo conhecimento entre Brasil-Argentina. Está tornando conhecidos na capital platina as nossas melhores revistas, os nossos escriptores e poetas. Collaborador d'A IMPRENSA, bem podemos julgar os seus dotes de estylo e graça imaginativa (A IMPRENSA, 23 de abril de 1924, Nº 2244, Ano XI apud MEDEIROS, 2016).

Nas páginas da imprensa natalense, durante a década de 1920 e o início de 1930, o crítico argentino ainda teve as obras *El libro moderno* e *Vientos de Brasil y otros poemas* (1929) analisadas por Câmara. Em "Pequeño guia intelectual brasileño", Sánchez-Sáez diz ser o intelectual potiguar um homem das letras em escala nacional, destaca as publicações de seus dois primeiros livros, *Alma Patricia* e *Joio*, este último sendo lugar de publicidade a "figuras conocidas" como "Fernan Félix do Amador, Ricardo Gutierrez, Arturo Lagorio, Atilio Chiappori" (SÁNCHEZ-SÁEZ, 1924 apud MEDEIROS, 2016).

Já em 12 de julho de 1925, Câmara Cascudo menciona Soto, autor de "Crítica y

---

<sup>47</sup> Ao intelectual espanhol que viveu seus anos de exílio entre o Uruguai e a Argentina, Cascudo oferece a "parte do 'JOIO' em que falo de sua linda terra, sonora pela voz dos filhos" (CASCUDO, 1924). Ver "La Novela en el Brasil" na *Revista Hispánica Moderna* (Ano 9, número 4) em <<https://www.jstor.org/stable/30205443>>.

estimación” (1938), reunião de suas obras publicada pela Sur<sup>48</sup>, a Mário de Andrade. Pede ao amigo “outro [exemplar de] *Escrava* para um camarada argentino que nasceu na Colômbia e Luis Emilio Soto, em tudo digno de nossa atenção e carinho”.

Os esforços de Cascudo na direção da difusão da literatura brasileira "acima das fronteiras" são revelados em carta remetida por Soto em 8 de setembro de 1925 com agradecimento pelo envio das obras *Espírito Moderno* (1925), do escritor e diplomata maranhense Graça Aranha (1868-1931), e *A Escrava que não é Isaura*, de Mário, além de menção a Oswald de Andrade.

(...) confieso que leí con preferente interés aquellos capítulos que versan sobre cosas brasileñas (...). Gustosamente voy a escribir algunas impresiones mías sobre A escrava que não é Isaura de Mário de Andrade. Me interesó tanto ese libro que apenas lo tuve en mis manos, lo leí de una sola sentada. Tan pronto aparezca la nota en cuestión, me será grato enviársela a Vd. así como al Sr. Mário de Andrade. (MORAES, 2010, p. 51).

Alguns dos aspectos compartilhados por esses intelectuais vanguardistas são a consciência da formação histórica e cultural dos dois países, o interesse pela aproximação e exploração literária, e mesmo física, e o próprio perfil cosmopolita desses escritores, que conduz a um interesse por assuntos relacionados à América Latina, à porção sul do continente americano. Tanto no Brasil quanto na Argentina existiu um movimento que repelia o academicismo e o rubendarianismo (este no caso portenho).

Durante o ano de 1925, Cascudo e Mário trocam 16 correspondências. Destas, oito abordam aspectos das relações travadas por eles (aqui, muito mais intensas da parte de Câmara Cascudo) no país vizinho. Em maio, julho, agosto e dezembro, o historiador é quem traz *A Escrava* como tema, pedindo edições, contando que o livro "seguiu para a Argentina" (MORAES, 2010, p. 54) até, por fim, a devolutiva do colega argentino. Em dezembro daquele ano, Cascudo estabelece a triangulação: "o argentino-colombiano Luis Emilio Soto leu o *Escrava* duas vezes e está suando de entusiasmo. Mandeí seu endereço para que ele enviasse a crônica a respeito do livro" (MORAES, 2010, p. 80). É importante comentar que o feito termina por gerar o único texto dedicado a Mário de Andrade na imprensa argentina durante a década de 1920.

Em correspondência datada de 31 de dezembro de 1925, Soto comenta a entrega do artigo à revista *Renovación* e informa Cascudo de sua "escapada" em direção ao Brasil.

---

<sup>48</sup> A Sur foi uma importante revista literária argentina, fundada em 1931 pela escritora Victoria Ocampo Aguirre.

“Hace mucho más de um mês entregue um artículo sobre el interesante libro de Mário de Andrade a la revista ‘Renovacion’, órgano difundido entre la América española que se edita em Buenos Aires”. (...) Sí estimado amigo, em companhia de otros jóvenes literatos pienso hacerme una escapada proximately a Rio y San Paolo. Aunque no tenemos pecha (sic.) há de ser problemente em Febrero. Como (sic.) para essa época se encontrará allí, un seumirá de ‘cicerone’ a la vez que nos presentará a los intelectuales que entonces se encuentren em San Paolo. Espero que esa visita seá fecunda tanto para mí como para mis compañeros. Lastimo que el viaje a Natal sea tan (sic.) y nosotros disporeyamos de tan poco tempo como um mês, travessia inclusive, lle lo contrário gustosamente iria a darle um abrazo aí como a nuestro común amigo Inojosa, de quién recebi ultimamente um notable folleto *O Brasil brasileiro* (SOTO, 1925c).

Em 3 de fevereiro de 1926, antes mesmo de ter êxito no encontro com Câmara Cascudo, que ainda tardaria a ocorrer apesar das mútuas promessas, Mário de Andrade diz ter estado com Soto<sup>49</sup> e seu amigo “muito inteligente e vivo, um tal Vignale”:

Tenho estado com o Luis Soto aqui vindo pra ver coisas. Rapaz sério de voz cortante que bate na gente e dói. (...) Já estive com ele duas vezes e uma delas muito tempo umas quatro horas aqui em casa. Trouxe um amigo muito inteligente e vivo, um tal Vignale. (MORAES, 2010, p. 89).

A passagem dos argentinos pela cidade de São Paulo suscita uma série de comentários e reflexões a respeito do modernismo fomentado (e aspirado) no Brasil e sobre nacionalismos da parte de Mário. Em carta escrita em 12 de março de 1926, um pouco mais de um mês depois, o autor informa que Soto e Vignale regressaram à Argentina e comenta ter achado “bem esquisito” a passagem dos dois por São Paulo – e não pelo Rio de Janeiro<sup>50</sup>.

"O Luis Emilio Soto foi-se embora. Gostei dele de verdade. Um pouco misterioso. De repente desaparecia. Esteve mais de mês aqui em S. Paulo. Desconfio um pouquinho que veio em alguma missão que não sei o que é. Possivelmente bolchevista... Não sei e não quero fazer juízo de ninguém. (...). Passaram por literatos e desaparecerem de vez em quando dos meios literários (...). (MORAES, 2010, p. 97).

No vasto acervo de Mário de Andrade, abrigado pelo Instituto de Estudos Brasileiros

<sup>49</sup> Novamente, apesar da temporalidade muitas vezes tardia das missivas, hoje é possível inter cruzar menções e encontros suscitando uma aparente instantaneidade que facilita a análise. Em correspondência destinada a Inojosa, entre outros temas, Cascudo confirma: "(...) Luis Soto escreveu-me de S. Paulo. Fez-se amigo do Mario de Andrade a quem eu apresentara." (ARAÚJO, 2012).

<sup>50</sup> Para Mário, à época, o Rio de Janeiro parecia ser muito mais relevante “como meio literário”. É interessante pensar a opinião à luz do artigo *Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo*, de autoria de Gomes (1993). A pesquisadora aborda a centralidade da cidade de São Paulo na normatização do movimento, ocorrida durante a Semana de 1922, e o “lugar social” do Rio a partir de 1924, quando da fundação da revista *Estética* por Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) e Prudente de Moraes Neto (1904-1977) – com a benção e apoio de Graça Aranha.

da Universidade de São Paulo (IEB-USP), há uma obra de Vignale, de quem ainda se sabe muito pouco no Brasil, com dedicatória datada de 1926, ano do encontro. Na mesma missiva de março deste ano, o escritor diz a Cascudo ter recebido 8 livros argentinos e acrescenta: "Se o modernismo argentino é isso o nosso é bem mais forte".

De acordo com Artundo (2004), os intelectuais argentinos também demonstravam com suas ações a tentativa de "romper com a tradicional viagem à Europa", feita por muitos artistas no período.

A decisão que motivou a presença de Luis E. Soto e Pedro J. Vignale em São Paulo no começo de 1926 esteve guiada por sua necessidade de romper com a tradicional viagem à Europa e com tudo o que isso significava para voltar seu olhar para o próprio continente. Isso não implicou ignorar o universo intelectual europeu, mas reconhecer que suas próprias inquietações e expectativas podiam ser compartilhadas em outros lugares, uma espécie de espaço comum que era necessário explorar. Sua viagem ao Brasil significou, além disso, transpor as supostas barreiras que impunha um idioma não compartilhado e provocar uma aproximação que excedeu a vontade cosmopolita reconhecida nas vanguardas históricas (ARTUNDO, 2004, p. 19).

É justamente no início de 1926, em carta remetida na virada do ano, que Mário de Andrade menciona a correspondência "gentilíssima" recebida de Soto contendo um artigo sobre *A Escrava*. Com a possibilidade aberta, graças a Câmara, Mário arquiteta: "Deus lhe pague o que você vem fazendo por mim. Vou esperar mais uns cinco ou seis dias para responder pro Soto, porque assim posso mandar pra ele o meu livro que está sai-não-sai" (MORAES, 2010, p. 84). *Losango cáqui* (1926) seria lançado naquele ano mesmo, no mês de fevereiro.

O ano de 1927, na reunião de Moraes (2010), apresenta o total de oito correspondências enviadas por Câmara Cascudo e Mário de Andrade. Destas correspondências, duas dão conta de fatos dignos de nota para esta pesquisa: em 28 de março, Cascudo comenta sobre a passagem de Manuel Bandeira por Natal; e em 5 de abril, Mário diz ao amigo que pretende ir ao Norte do país em uma comitiva "dumas oito pessoas" (MORAES, 2010, p. 126). Em 7 de agosto de 1927, uma fotografia registra os dois escritores juntos.

Pedro Vignale e a cantora brasileira Germana Bittencourt (?-1931), sua esposa, voltam a aparecer no Brasil, na casa de Câmara Cascudo, em 1928. O escritor argentino escreve a Mário de lá, em correspondência coletiva também assinada pelo crítico paraibano Antônio Bento de Araújo Lima (1902-?), Cascudo e a própria Germana: "Estamos em Natal com fantásticas esperanças de realizar algo em prol do folclore brasileiro". Segundo a correspondência, o intelectual portenho, Antônio Bento e Cascudo escreveram um "libreto do

‘Congo’”.

A aproximação entre Cascudo e Mário ao longo de uma década foi tamanha que, em 3 de setembro de 1929, o escritor potiguar escreve ao amigo buscando saber, entre outros assuntos, sobre como estavam as relações intelectuais e de amizade entre os célebres modernistas de São Paulo. Em agosto de 1929, Cascudo passa a saber pelo escritor e médico Jorge de Lima (1893-1953) que "em São Paulo o pessoal brigado: Mário, Oswald, Alcântara, Yan, Paulo Prado (na Europa) etc." (MORAES, 2010, p. 167). Cascudo, então, questiona:

Tudo brigando? Por quê? Ou melhor, para quê? Esta gente decididamente não vive. Que expressão pode ter certas atitudes? Como vou ficando subjetivista e palerma acho graça em vez de indignar-me. Quando leio notícia de movimento intelectual, nomes difíceis e fáceis, dou para rir. Acaba sistematicamente em zanga, briga e afastamento (MORAES, 2010, p. 167).

A relação de amizade não apenas gera frutos para ambos em solo estrangeiro. Em 29 de abril de 1930, Mário convida o amigo para escrever para o *Diário Nacional*, periódico paulista lançado em 14 de julho de 1927, "explicitamente como um 'instrumento de ação' do Partido Democrático (PD) de São Paulo. (COHN E HIRANO, on-line, s.d.) O intelectual assume uma coluna semanal, na chamada página de honra do jornal, de acordo com Mário de Andrade, no canto direito do leitor da terceira página. Em correspondência remetida em 9 de maio de 1930, Cascudo informa o aceite e envia duas crônicas: "Razões de cavalo", publicada na edição de 15 de maio, e "Conversa de cachorro", divulgada na semana seguinte, em 22 de maio.

Frequentemente reconhecido como o folclorista que de fato viria a ser, Cascudo ainda tem sido apartado da configuração de um círculo articulador e modernista que poderia extrapolar o eixo sul do país. Em correspondência datada de 2 de junho de 1930, Mário de Andrade apresenta o "primeiro team" do Diário. "Somos: você, Manuel Bandeira, Ronald de Carvalho, Alcântara Machado, Carlos Drummond de Andrade, e eu. Cada um tem seu dia certo e quando falha, você compreende: é um desastre".

Nos meses de julho, agosto, setembro e outubro, Câmara Cascudo tem 12 artigos seus estampados no periódico: no primeiro mês, "Os poetas do pé" (em 3 de julho), "O ensino de história" (em 10 de julho), "Lima Barreto" (em 13 de julho), "Colombo português" (em 17 de julho) e "Lourival Açucena" (em 24 de julho); em agosto, "Antonio de Souza" (no dia 7), "Cônsul por engano geográfico" (no dia 14), "Um agressor de Luís do Rego" (no dia 21) e "Carlos Quinto e os reis portugueses" (no dia 28); em setembro são publicados "O governo

holandês do Rio Grande do Norte" (no dia 18) e "Clemenceau apud Jean Martet" (no dia 25); e, em 2 de outubro, "O conde d'Eu em Natal"<sup>51</sup>.

A "ordem nova de coisas" em 1930, como Mário de Andrade define a explosão do movimento que culmina na deposição de Washington Luís (1869-1957), em 24 de outubro, e com a chegada de Getúlio Vargas (1882-1954) ao Palácio do Catete<sup>52</sup>, em 31, impacta o humor do amigo paulista ("Ai! até meio que fico triste e não vale a pena a gente ficar triste das invenções da saudade, quando já este mundo só por si nos dá tantos milhões de tristuras. Assim sou eu com esta revolução!", diz ele em 18 de novembro) e causa instabilidades à rotina do historiador. Em 5 de dezembro, escreve

(...) sem a gratificação de diretor e minha seção de colaboração histórica (exclusivamente) n'A *República* perdi 500\$ o que é mau pra mim. Daí perguntar a V. se o Diário Nacional inda aceita colaboração ou a suspende. Eu tenho esperanças de arranjar, pelo tempo adiante uns jornais cariocas e paulistas onde escreva (MORAES, 2010, p.188).

### 3.1. Páginas de literatura: escritos de Câmara Cascudo

1924 é um ano-chave para a atividade intelectual de Cascudo. Além de passar a colaborar com o jornal natalense *A Imprensa*, ele publica a sua segunda obra, *Joio*, que, de acordo com Ferreira (2008), em tese de doutorado sobre as relações entre o escritor potiguar e o sociólogo e antropólogo Gilberto Freyre (1900-1987), tinha a intenção de "atingir um público mais amplo e já inserido na atmosfera de discussão do modernismo, uma vez que, além de focar a atividade literária local, através da atuação do poeta Ferreira Itajubá, ele escreveu sobre escritores e poetas nacionais e estrangeiros" (FERREIRA, 2008, p. 78). O livro foi dividido em três partes, contendo "páginas de litteratura", "páginas de critica" e ensaios sobre escritores argentinos.

Em seu primeiro ano de *A Imprensa*, Cascudo publica dez textos sobre escritores estrangeiros, todos eles referentes a autores de nacionalidades latino-americanas, como o sobre o hondurenho Froylan Turcios. Como detalha Ferreira:

Outros textos publicados sobre escritores estrangeiros, no ano de 1924, foram: "Algo... sobre o século XX", *A Imprensa*, 1º de fevereiro, momento em que Câmara acusa o recebimento de dois livros de escritores estrangeiros, doados por Peregrino Júnior, *O copa de David*, de Fernan Felix de Amador e *Século XX*, de Vina Centi; "Lourenzo Stanchina", *A Imprensa*, 22 de fevereiro, onde comenta a obra do

<sup>51</sup> Em carta datada de 26 de setembro de 1930, Cascudo afirma ter enviado duas crônicas para as datas 2 e 9 de outubro.

<sup>52</sup> Sede do Executivo de 1897 a 1960.

contista argentino de quem Câmara Cascudo recebera os livros *Desgraciados e Brumas*; “Ricardo Gutierrez”, *A Imprensa*, 25 de abril, no qual comenta o estilo e a qualidade poética do argentino Ricardo Gutierrez; “Moysés Kantor”, *A Imprensa* em 20 de julho, em que apresenta outro poeta argentino; “Elias Castelnuovo”, *A Imprensa*, 24 de fevereiro, onde apresenta outro estrangeiro, cuja nacionalidade não conhecemos; e “Ouro alheio”, publicado pela *A Imprensa* em 12 de novembro. Nesse último texto, Câmara Cascudo faz uma rápida caracterização de quinze escritores estrangeiros (...) (FERREIRA, 2008, p. 80)

O começo das relações de Cascudo com a intelectualidade argentina data do início desta mesma década, quando o escritor tinha apenas 22 anos e já contava com certo prestígio na cena literária do Rio Grande do Norte. Em 23 de abril de 1924, em artigo n'*A Imprensa*<sup>53</sup>, Câmara é chamado de “'leader’ do movimento fraternista entre o Brasil – Argentina no nordeste do Brasil” pelo poeta e crítico pernambucano Joaquim Inojosa (1901-1987). Inojosa (1962) também publica no *Jornal do Commercio*, de Pernambuco, em 1924:

O Sr. Luís da Câmara Cascudo conhece todo o Brasil, e trabalha numa obra de aproximação mental entre os escritores argentinos e brasileiros, especialmente nortistas. Mantém, com os primeiros, assídua correspondência, informando-os da movimentação literária do nosso país. Tem vinte e poucos anos de idade como é de notar, não se filiando a escolas, admira e acompanha os falangários da renovação artística que se está realizando nos países civilizados (INOJOSA, 1962, p.111-113).

Além do intercâmbio de livros, correspondências, traduções de obras, estudos críticos, filiações a instituições e produções escritas para jornais e periódicos formavam o rol de atividades encabeçadas por esses intelectuais<sup>54</sup>. O itinerário dessas relações aponta para Monteiro Lobato como um iniciador dos contatos travados por Câmara Cascudo. Em correspondência de agosto de 1920, Lobato diz que mandará “sempre a edição nova da revista. E agora mando-lhe esse livro interessante que a ‘Nosotros’, revista argentina, encarregou-me de distribuir entre nossos homens de letras.” (MEDEIROS, 2016). A primeira publicação em questão é possivelmente a *Revista do Brasil*, já citada anteriormente. Já o periódico portenho, a *Nosotros*, foi publicada em Buenos Aires entre 1907 e 1943 e, de acordo com Miceli (2012), exerceu o papel de “instância máxima de consagração nas letras argentinas nas décadas de 1910 e 1920”.

Medeiros (2016) atribui à relação com os escritores argentinos, sem esquecer da ação cultural empreendida por Lobato, a publicação dos primeiros escritos de Cascudo em línguas portuguesa e espanhola em periódicos argentinos. São eles “O teatro de Moisés Kantor” (*Victoria Colonna*, 1922), “Ronda de Muerte” (*Inicial*, 1923) e “El Caipora, Dios salvaje” (*Caras y Caretas*, 1924). Em sua pesquisa, ressalta que a produção crítica de Cascudo se

<sup>53</sup> Edição de número 2244 de *A Imprensa*.

<sup>54</sup> Além dos intelectuais anteriormente mencionados, há registros de diálogos entre Cascudo e Robert Lehmann Nitsche (1872-1938), médico e etnólogo alemão que viveu na Argentina por quase 40 anos. As duas correspondências remetidas por Robert estão no acervo do Ludovicus – Instituto Câmara Cascudo e datam de 1923 e 1927.

firmou mais como um caminho para o intercâmbio e a divulgação literária do que como uma atividade crítica em si.

Entre as leituras argentinas e uruguaias feitas pelo autor, além do contato com as produções de autoria de Braulio Sanchèz-Saez, Luis Emilio Soto e Moysés Kantor, estão a poeta e escritora Alfonsina Sotorni (1892-1938), o novelista e poeta Alfredo Brandán Caraffa (1898-1978), o poeta e ensaísta Arturo Capdevila (1889-1967), o escritor e diplomata Arturo Lagorio (1892-1969), o escritor e jornalista Elías Castelnuovo (1893-1982), o poeta e jornalista Fernán Félix de Amador (1889-1954), o contista Horacio Quiroga (1878-1937), o escritor e político Hugo West (ou Gustavo Adolfo Martínez Zuviría) (1883-1962), o médico e psicólogo José Ingenieros (1877-1925), o escritor e polímata Leopoldo Lugones (1874-1938), o ensaísta e historiador Manuel Gálvez (1882-1962) e o médico e escritor Ricardo Gutiérrez (1836-1896).

Dez pequenos artigos integram "Argentina intellectual", a terceira e última seção de "Joio"<sup>55</sup>. Nela, o historiador tematiza cada um de seus textos nominalmente, com títulos dedicados aos escritores argentinos "Benjamin de Garay", "O theatro de Moises Kantor", "Santos Vega", "Fernan Felix de Amador", "O romance de Hugo West", "Froylan Turcios", "Salvador Alfredo Gomis", "Ricardo Gutierrez", "Horacio Quiroga" e "Arturo Capdevila".

Ainda que se configurem como rápidas categorizações de autores estrangeiros, como mencionado anteriormente, é possível depreender o convite ao mergulho, feito por Cascudo, em uma série de referências que compõem a trama de cada um dos textos. Para falar sobre a obra de Moysés Kantor, o escritor potiguar aciona o "theatro" de Shakespeare ("intenso, dramatisado"), "Ibsen, Bjorson, Holfmann. Maeterlinck halòou de estranhezas as suas imagens", o dramaturgo alemão Friedrich Carl Georg Kaiser (1878-1945) e o escritor, jornalista e dramaturgo uruguaio Ernesto Herrera (1889-1917). "Moises Kantor tem um destaque especialissimo entre estes formadores da estructura moral do theatro" (CASCUDO, 1924, p. 135). Em "Ricardo Gutierrez":

A chuva destes que leram as avessas Papini e Marinetti, esquecidos de Verlaine e ignorantes de Nervo, entulha naturalmente livros e livros. E passa como se nunca existisse siquer. Quando surgiram Blaise Cendrars, Jean Cocteau, Appolinaire e Semain, os imitadores se arrojaram ao esforço, visivelmente nullo, do 'seguir a escola'. Com o rotulo do modernismo o parnasiano tumefacto de emphase, o pseudo-symbolista á Moréas ou Mallarmá se atira curiosamente ao novo typo e verseja. Antes nunca soubesse ler para taes resultados... É nesse ambiente, **sul-americanamente infixo**<sup>56</sup> e malleavel a qualquer influencia que a figura mental

<sup>55</sup> A obra apresenta ainda "Excerptos da Critica sobre o 'Alma Patricia'", um compilado de 24 parágrafos de opiniões e avaliações sobre seu primeiro livro. Entre elas, encontra-se a de Soto. "Leido ahora el libro y con una vision de conjunto, amplia y serena, estimole que és una meretissima contribucion al estudio critico del movimiento intellectual Norte-Rio-Grandense." (CASCUDO, 1924, p. VI)

<sup>56</sup> Grifo da pesquisadora.

de Ricardo Gutierrez se apruma magnifica, numa solida nitidez de agua-forte. (CASCUDO, 1924, p. 165).

Em cinco dos dez textos que integram esse compilado que visa analisar – e, pelo caráter no geral elogioso das peças, homenagear – a literatura produzida no país vizinho, Câmara Cascudo dá pistas do que considerava como um verdadeiro nacionalismo, que passava, invariavelmente, pelo enaltecimento da região – como veremos também em Mário de Andrade mais para frente.

Demarcando o ambiente "sul-americanamente infixo", a menção ao "sonho fraternal" latino-americano encabeçado pelo escritor e político uruguaio José Enrique Camilo Rodó (1871-1917), autor de *Ariel* (1900), é feita nos textos dedicados a Benjamín de Garay (?-?), Froylán Turcios<sup>57</sup> (1875-1943) e Arturo Capdevila.

### 3.1.1. A Argentina intelectual em *Joio*

#### 1. *Benjamin de Garay*

Câmara Cascudo dedica 3 páginas ao texto que leva como título – e destinado é a ele – o nome do escritor e tradutor argentino, sendo a primeira citação a Garay vista apenas no terço final do breve artigo. Inicialmente, o polímata discorre a respeito do papel analítico do escritor e ressalta nomes da literatura brasileira, para então introduzir a questão americana no panorama literário. Uma vez mais: apesar de geograficamente próximos, raramente nos lemos.

Cascudo diz que os “Escolhidos” trabalham para o futuro, sendo um deles o escritor brasileiro Machado de Assis (1839-1908). Destaca o “terrível acastellador de verbos explosivos” Euclides da Cunha (1866-1909), isolado e orgulhoso de uma multidão que não compreendeu sua obra. “Paiz dos talentos ineditos”, o Brasil teria Machado, Euclides e Bilac consagrados pelo mundo se estes escritores falassem “francez... mesmo de Marselha”.

Para mim, o mais difficil papel de escriptor é aquelle que analisa. Arte critica é o requinte. A ultima evolução espiritual de uma raça, se reflecte, integralmente nos seus criticos. É opinião de Anatole e minha. O Brasil, cheio de artistas inconscientes, felibres vagos de uma epopéa que bruxoleia indecisa num crepusculo de outomno racial, esthetas sem visão de conjunto, é a selva selvaggia, luxuriante e bravia, onde um cantor sentirá o novo rythmo de uma Ramayana. Vivemos dentro de uma natureza absorvente de tropico. O espirito traz á viva flor da sensibilidade o sangue moço de uma raça egressa do mysterio ethnico. As impressões recebidas resóam num clamor de victoria. (CASCUDO, 1924, p. 132).

<sup>57</sup> Poeta e jornalista hondurenho, Turcius foi um dos intelectuais hondurenhos mais importante do início do século XX.

Sentindo a afinidade "entre os latinos da America", Garay teria realizado traduções de "Machado, Aluizo, Euclides, Afranio" e seria quem estava colocando em contato, na visão do historiador potiguar, "a nossa esperança de progresso com o trabalho esforçado dos argentinos". Ainda que enalteça a literatura brasileira e seus cânones de diferentes maneiras – o "paiz dos talentos ineditos" – em seus pequenos ensaios críticos, Cascudo estabelece uma relação em que

Emquanto a nossa litteratura se amolda tacitamente aos liames do francesismo incolor, vibra em torno de nós a grande esthetica neo-espanhola. Raramente lidos, **os sul-americanos**<sup>58</sup> aparecem vestidos de originalidade e brilho desuzado, riqueza pictorial de estylo, sombria elegancia de colorido e phrase. A cultura greco-romana, os ensaistas inglezes, as theses dos universitarios allemães revivem na tranquilla sapiencia de Rodó, este attico neo-latino, grego transviado, sonoro como uma harpa de oiro, o oiro vivo do seu talento que elle espargiu na doçura fraternal de Ariel. (p. 133).

O crítico nos vê “sem ar e esperança” em uma “America luminosa”, América esta que nos inclui em irmandade. É interessante ressaltar também o fato de Cascudo atribuir a Garay e seus projetos uma atitude de aproximação com a Argentina muito mais proveitosa e até efetiva do que a que vinha sendo feita pelas “embaixadas custosas e inuteis”. “Constróe seguramente o tratado sem firmas e rompimentos, antes acceito e guardo na consciencia dos **verdadeiros nacionalistas**<sup>59</sup>”, afirma na página 134. Seria assim que se daria o tal “sonho fraternal de Rodó, nas paginas serenamente luminosas de Ariel” levado a cabo por Garay.

Traductor de Machado, Aluizo, Euclides, Afranio, Benjamim de Garay affirma e define a superioridade de sua cultura, ligando pelos seus artistas e pensadores, a mentalidade da America latina. Alicercia o porvenir dos povcs fraternos, indicando no mesmo potencial animico a solida realidade das litteraturas communs. E' este o trabalho erudito, paciente altamente nobre, que Benjamim de Garay vem erguendo nas terras amaveis do Brasil. Está fasendo mais pela nossa approximação com a Argentina, que as embaixadas custosas e inuteis. Constróe seguramente o tratado sem firmas e rompimentos, antes acceito e guardado na consciencia dos verdadeiros nacionalistas. (p. 134)

## 2. *O teatro de Moises Kantor*

Em seu segundo ensaio, Cascudo destina quase 5 páginas a uma análise detalhada da obra do dramaturgo russo-argentino, destacando a sua capacidade de criar uma "teia de aranha que se multiplica e abraça em derredor do nucelo (sic) gerador e unico" (p. 135). Mobilizando referências dos mais distintos campos da arte e da história<sup>60</sup>, em diferentes

<sup>58</sup> Grifo da pesquisadora.

<sup>59</sup> Grifo da pesquisadora.

<sup>60</sup> Além de convocar para o texto figuras mitológicas, como Primavera e Vênus, presentes em obra do artista italiano Sandro Botticelli (1445-1510), também citado no ensaio, Cascudo resgata, em suas palavras: "Marcilio

temporalidades, o crítico afirma que o teatro feito por Kantor apresenta uma "significação íntima, concentrada, misteriosa" (p. 138).

O teatro de Shakespeare intenso, dramatizado, humano, cheio de agitação e formas visíveis de sofrimento criou tacitamente o ditame que em trabalho a acção é conjuncto e a idéa detalhe. Rolaram sobre a technica do poeta de Macbeth varios seculos sonoramente varios. Depois os "mentaes" pontificaram. Ibsen, Bjorson, Hoffmann. Maeterlinck halòou de estranhesas as suas imagens. Em torno do enredo, havia um ambiente de tragedia invisivel e percebida. Em quasi todas as suas peças, nós outros seguimos com Tytyl o passaro azul das nossas recordações. Lugar efficientissimo, ao lado de Benavente, terá este admiravel Flrencio Sanches, imperfeitamente conhecido no Brasil. E' uma adaptavel credora do expressionismo de George Kaiser e da vida observada das scenas de Ernesto Herrera. Moises Kantor tem um destaque especialissimo entre estes formadores da estrutura moral do teatro. (p. 135)

Apesar de referenciar o Brasil, como de hábito em seus textos, o artigo dedicado a Moysés Kantor é um dos únicos sem menção ao continente americano nominalmente.

### 3. Santos Vega

"Não ha na litteratura brasileira um movimento de carinho em derredor de um nome comos os argentinos a Santos Vega." Inicia assim Câmara Cascudo a primeira das 6 páginas destinadas a ressaltar a lendária figura de Santos Vega, o mítico gaúcho argentino, o rei dos payadores ("o payador sem descanso e sem calma"), cuja história ainda hoje é mote e inspiração para poemas, enredos e canções.

Seu vulto encheu de sonoridade viva, de força agil e de tenacidade heroica, o scenario dos pampas infinitos. Não encontra um gaúcho que se meça elle em luta ou no torneio da *payada de contrapunto*. Correm as historias. Fez um pacto com o Demonio para ter o improviso eterno e prompto. E' o rei dos payadores. Morre porque foi vencido numa tarde por um peão de hacienda, Juan Sim Ropa, o diabo em pessoa. (p. 140)

No ensaio em questão, Cascudo surpreende ao destrinchar detalhes da trajetória folclórica de Santos Vega, evidenciando um repertório muito específico sobre a as lendas de formação do país vizinho. O historiador afirma que Robert Lehmann Nitsche prestou enorme auxílio aos estudiosos quando reuniu em seu V volume do Folklore Argentino a vida e a influência de Santos Vega. Diz também que o cancionero guasca é rico em influência platina,

---

Ficino o philosopho, Benvenuto Gutti o medico, Fra Mariano o monje", entre outros, evidenciando, no caso do presente texto, um grande conhecimento de ilustres personalidades italianas.

suas lendas são um “desvio” de superstições do Uruguai e da Argentina.

A lição argentina, começada desde 1838, não deixa de ser custosa e dura. Nós possuímos dezenas de cantadores curiosíssimos, improvisos felizes, decimas interessantes e nada disto é tratado como merece. Raros os collectaneadores. O trabalho ante a indiferença e descaso ambientes, morre em desalento e tristesa. E desta forma, todo o passado sertanejo, credices, os agouros, os remedios, a poetica rusticamente maravilhosa, vão desaparecendo pouco a pouco, como um grande passaro somnolento e bisonho que a luz atacasse pela madrugada. Lehmann Nitsche, erudito folklorista, profundo conhecedor de varias disciplinas e misteres, nome soberbamente conhecido na Europa e America, não desdenhou de apanhar com mão carinhosa e paciente, todos os traços da passagem na terra e nas letras argentinas, do payador Santos Vega. (p. 144 e 145)

#### 4. *Fernan Felix de Amador*

Em um verão "somnolento" e perturbador, Cascudo leu "*Copa de David*" ou *La Copa de David*, obra lançada em 1923 por Féran Félix de Amador. Em 5 páginas, o polímata presenteia o leitor brasileiro com uma legítima crítica literária, com direito a trechos breves da produção resenhada e referenciais em, entre outros intelectuais, Paul Marie Verlaine (1844-1896) e Walt Whitman (1819-1892)<sup>61</sup>.

Com sensibilidade finissima creou o seu verso suave e ascencional numa progressão espiralada e lenta de incenso. (p. 146)

A perfeição é o escriptor encontrar a sua forma. Repetir-se é a anulação creadora. (p. 147)

Fernan Felix de Amador escreveu "Copa de David" num palimpsesto. Daqui e dalem reaparecem a flor dagua mansa, petalas de rosas de Saron, corolas de orchideas, violetas tristes, lyrios fidalgos e hieraticos como as princesas de Bysancio. Voltam a ser visto caracteres de velhos livros de Horas, iluminados pela saudade dos tres seculos. (p. 148)

#### 5. *O romance de Hugo Wast*

O quinto texto da última seção de *Joio* é uma das mais completas críticas literárias presentes na obra. "O romance de Hugo Wast" é dedicado às características gerais de um bom romance, tendo como mote a produção do romancista argentino Hugo Wast, autor de, entre outros trabalhos, *Desierto de piedra*, de 1928.

---

<sup>61</sup> Cabe destacar que, iniciando na tradução a partir da década de 1940, Câmara Cascudo publica o volume *Três poemas de Walt Whitman*, contendo textos extraídos da obra *Leaves of grass (Folhas da relva)*: "I hear America singing", "The base of all metaphysics" e "For you, O democracy". Ver mais em ALVES, Alexandre, *Câmara Cascudo e Walt Whitman: poesia moderna em diálogos tradutórios*.

O romance como sucessão de photographias animadas, no diser de sir Walter Besant, é o liyro de technica, de agilidade scenica, de conhecimentos rethoricos. A verdadeira creação é rebeldia e normalidade. Deante de nossos olhos ficará vivendo naturalmente como se fosse o producto logico duma gestação. E' o resultado especial de um temperamento unico, affirmava o poeta do Dorian Gray. E' a summula de factores psycho-physicos em conjuncto harmonico, talvez dissesse Taine. E' um estagio evolutivo numa mentalidade analysta dirão os fieis de Brunetiére. Hugo Wast, o romancista maravilhoso de verdade e brilho, escapa a estas classificações.

Cascudo diz ser sua arte de uma "sensibilidade ante o real immediato. Possui as virtudes pictoriaes de um ingenuo primitivo e de um reformador audaz. Memling-Carriére, Van Eyck-Rubens" (p. 152), além de seu mérito total na construção e "fixação" de personagens. O crítico literário Câmara Cascudo se detém sobre três obras publicadas por Wast: *Flor de Durazno*, de 1911, *La Casa de los Cuervos* (na escrita de Cascudo, "*Casa de los Cuervos*"), de 1916, e *Ciudad Turbulenta, Ciudad Alegre*, de 1919.

"Flor de Durazno", "Casa de los Cuervos" e "Ciudad Turbulenta" synthetizam a obra de Hugo Wast. E' alma argentina desvendada em seu triplice aspecto de amor, guerra e desejo, de campo, villa e cidade. Talvez seja Wast acusado de rethorico. Perlonga intencionalmente os actos patheticos, os momentos dolorosos, a dor silenciosa e calma. E' o meio de exaurir o thesouro idiomatico que possui, idumentando-o em formas pulchras e sadias. *La parola é una casa profunda, in cui per l'uomo d'intelletto son nascote inesauribili ricchezze*, affirma Gabriel d'Annunzio. (p. 158)

O valor essencial e basico de um romancista é a sua expressão de crear figuras mentaes que vamos encontrar-las na vida. (p. 152)

A perfeição descriptiva de Wast realisa o milagre de ser simples tratando de intrincados e tecidos pormenores. O detalhe é seguro, natural, sem rendilhados e fofices pedantescas. (p. 154)

Hugo Wast, participante na historia parlamentar da Argentina, obteve inteligentemente o material *in anima vili* para o seu livro. Os seus typos andam nos corredores de todos os Congressos do mundo. (p. 156)

Neste artigo ainda Câmara Cascudo aponta para certa semelhança entre Argentina e Brasil na política e nos "tipos" de seus respectivos Congressos Nacionais.

Hugo Wast, participante na historia parlamentar da Argentina, obteve inteligentemente o material *in anima vili* para o seu livro. Os seus typos andam nos corredores de todos os Congressos do mundo. Desde aquelle deputado de rouca eloquencia penumbrosa que adormece os collegas lloviznando sin prisa su oratoria brumosa até requerente perpetuo da concessão para caçar lobos marinhos, licença que se delongou por vinte annos de espera, terminando por morrer o postulante sem recebe-la, fasem lembrar factos e homens parecidos aqui no Brasil. E' o senador que parvoejava asnices respondendo a Ruy Barbosa ou o famoso e mallogrado Encas

Martins que fez o cav. Strapini esperar pela sua delle augusta pessoa durante seis meses, das 10 da manhã às 7 da noite, contou Paulo Barreto. (p. 156)

## 6. *Froylan Turcios*

Se a passagem do século XIX ao XX deu lugar ao estreitamento das relações entre a dita América hispânica e seu antigo império colonizador – a metrópole –<sup>62</sup>, a efervescência promovida pelas vanguardas modernistas do novo século propunha, por um lado, um salto interior em busca de identidades e, em outra via, uma curiosidade a respeito do que nações tão subjugadas poderiam compartilhar em potência, como manifestação de fortalecimento e singularidade. Ao tratar da obra do hondurenho Turcios, além de uma vez mais citar o "mysterio da forma sadia e calma do Rodó", Cascudo diz que o "primeiro poeta de Honduras" é a grande voz da "Centro-America" contra o que teria se aninhado, em suas palavras, na "White House". Trata-se de uma pauta muito presente nos escritos de Câmara Cascudo.

Froylan Turcios, o poeta dos "Hojas de Otono", o *estylista* das "Prosas Nuevas", radicou-se ao integralismo cultural de Dario. O verso é de uma sensibilidade penetrante e doce como a luz esparsa e suave das lampadas votivas. Disciplinou seu idioma cascalhante a um rito severo de forma precisa. "Excepcional organização de artista", chamou-o Vicente Salaverri. O influenciado de Maeterlinck, Ibsen, Semain e Verlaine é a grande voz, a voz clamantis do Centro-America contra o polvo que se aninhou em White House. As revistas de Turcios, "Ateneo de Honduras", "Hispano-América" e "Esfinge", clamam adiante das terras novas do continente a campanha de Ariel. Guia na hora incerta o cenaculo de pensadores, poetas, criticos, jurisconsultos e historiadores de Honduras. (p. 160)

No artigo, além de demonstrar conhecer a literatura cubana, a produção do peruano José Santos Chocano Gastañodi (1875-1934), ou, para Cascudo, Santos-Chocano, o crítico literário cita Machado de Assis, única referência que faz ao Brasil no texto, e afirma

Este nome empenachado e rutilo de pagem medieval [Froylán Turcios], pertence ao primeiro poeta de Honduras. Agora já não lhe é dado inteiramente. Evoca o perfume perturbador e acre dos seus versos, algo de castello roqueiro e de vitral bysantino. As mãos de Ruben Dario, desvendaram á Europa a Golconda amerindia. Todas as imagens estranhas e novas, mundos de anormalidades e côres, surgiram, clangorando junto a queixa da avena verlaeneana. Dario, o verdadeiro raptor da estrella verbal, reuniu as dysphonias do seu impulso no mesmo destino do seu verso. (p. 159)

## 7. *Salvador Alfredo Gomis*

---

<sup>62</sup> Em Candido (2014), ainda que centrado na análise da produção literária feita no Brasil, somo veremos adiante, a dialética do localismo e do cosmopolitismo aponta para uma aproximação em vias de superação, com o objetivo de ressaltar certa peculiaridade literária.

Quando falo dos poetas platinos, cito Amado Nervo. Sahe-me da penna, sem querer, este nome. Penso te-lo na retina. Antes de ver o que desejo, surge a figura angulosa e os olhos tristes do maravilhoso vate mexicano. De todos os outros que li, Chocano e Dario, Rueda e Villaespesa, nenhum se gravou tão profundamente. no meu espirito. Basta sentir nos versos lidos, um perfume discreto de sua influencia, pronuncio o nome como os crentes anunciando a vinda ineffavel do milagre. Devo a Amado Nervo a sensação do rythmo. Minha divida è igual a do sr. Mario de Andrade para Blaise Cendrars. Nem mesmo Paul Verlaine actuou tanto em minha percepção. Somente, sem ser paradoxo, Emile Verhaeren. Desta idolatria resulta a citação sempre prompta do nume, como propiciando um futuro melhor a minha jornada. O encanto desta recordação avivou-m'a o sr. Salvador Alfredo Gomis, poeta argentino obrigatoriamente moço e com todas as delicadezas, as nuanças, a serenidade melancolica e doce Amado Nervo. Com Fernan Felix e Ricardo Gutierrez, sua poesia estrantia e plena de indolencia e vivacidade fixou-se-me indelevelmente. (p. 162)

A erudição e o vasto conhecimento da literatura feita no continente impressionam o leitor de Cascudo. Na década de 1920, o historiador e crítico literário extrapola sobremaneira as referências europeias ao propor que percorramos um caminho pela literatura latino-americana (ou centro-americana, em sua demarcação, por incluir assim o Brasil) em um texto que homenageia o argentino Salvador Alfredo Gomis, de quem temos parca informação nos dias de hoje.

#### 8. *Ricardo Gutierrez*

Em um ambiente "sul-americanamente infixo e malleavel a qualquer influencia mental", surge a sólida e magnífica figura de Ricardo Gutiérrez. Em 3 páginas, um dos últimos textos de *Joio* dedica-se a uma análise da persona e da escrita do médico e intelectual argentino. Para Cascudo, trata-se de um escritor sereno, com poemas que parecem "sahidos de um hymno vedico; um lento e tardio cantico á Sidarta Guatama". Neste curto artigo, Câmara Cascudo cita uma vez, em paralelo, o Brasil:

Quando possuímos no Brasil uma nuvem de litteratos cujas almas semelham a cêra em plasticidade e ausencia de forma propria, as excepções encontram attitudes brilhantemente realisadas no continente. E' um estimulo quando leio "algo de bueno y de nuevo" dentro das nossas possibilidades creadoras". (p. 167)

#### 9. *Horacio Quiroga*

Da leitura do contista Horacio Quiroga, Cascudo ressalta o estilo calmo e singular, a preferência por temas "mais convulsivos e ardentes que elle analysa e disseca numa invejavel serenidade de anatomista". O penúltimo texto, de aproximadamente quatro páginas, é extremamente elogioso e um dos mais detalhados e centrados no intelectual-título. Com um estilo que varia "de um a mil", Quiroga parece escapar por entre os dedos de "criticos de

catalogos e indices", diz o polímata.

Esta individualidade absolutamente singular e propria, sem mestre, sem guieiro consagrado á manada de suas intenções, possui o modo espe-cialissimo de crear a impressão com a feitura de seu trabalho. Após a leitura, a primeira idéa è que Horacio Quiroga não pensou em escrever o que publicara. Sahu-lhe "aquillo" naturalmente, de um jacto, sem a menor actuação de sua vontade, por força unica da observação exterior. Dahi as suas scenas, typos, paysagens, traserem o ar de uma eterna primeira edicção. Aquelles homens, mulheres, fazedores de carvão, engenheiros, gente do campo, escripturarios e serventes ainda não tinham parado ante a objectiva de nenhum outro escriptor. (p. 170)

### 10. Arturo Capdevila

A serenidade do poeta e ensaista Capdevila é um dos ensinamentos que Cascudo decide destacar neste último texto da terceira parte de *Joio*. Ainda que em prosa e sem intertítulos, o crítico literário marca o estilo do breve ensaio com 4 momentos em que "Tal ensina Arturo Capdevila".

Educador, historiador, dramaturgo e discípulo de Rodó, Cascudo diz ainda ser o intelectual um "chronista elegantissimo", que "disfarça estes ensinamentos nas mil paginas dispersas de seus livros sonoros".

O artigo que fecha o livro é encerrado por uma nova menção ao Brasil:

Ha uma exhortação terminal que eu quisera ver tradusida e cantada pela juventude das escolas do Brasil no lugar destes horrendos hymnos sem espirito de poesia e distincção de ideal. E' de notar-se para o nosso coração, a figura energica desta attitúde unguida de sadio e nobre patriotismo, no final de seu "voto" – "Sea el destino nuestro, la glorificaci3n del campo, las artes de la paz, la prosperidad agricola. Que no por ser agricultores ha de faltarnos, llegada la ocasi3n, el encendido patriotismo. Por el contrario, hemos de tenerlo mucho mejor fundado, ya que nadie ama con más puro amor 'la tierra de los padres', que aquel que la trabaja y la embellece". Tal ensina Arturo Capdevila. (p. 175 e 176)

Além da valorização da produção intelectual da porção sul do continente americano, a aproximação regional fomentada por Cascudo, como foi possível verificar até aqui, orientava para uma ideia específica de espacialidade do continente americano. No fim da década de 1920, entre junho de 1928 e janeiro de 1929, o escritor publica três textos no jornal *A República* em que tematiza o poder político e econômico dos Estados Unidos (a "White House" acima), a necessidade de uma frente ampla integrada pelos países sul-americanos e a visita de Herbert Hoover (1874-1964), presidente eleito dos Estados Unidos (1929-1933), ao Brasil.

Em suas palavras, a potência norte-americana se assemelhava a "um caterpillar

ameaçador e bruto em sua grandeza implacável por que, há séculos estão unidos e se educam para um dia influir e ordenar"<sup>63</sup>. Uma mais segura associação sul-americana, no sentido econômico, seria uma empreitada ideal para Cascudo.

Regularização de mercados, fixação de typos padrões de exportação em café, assucar, sal, algodão, cacau, salitre, guano, madeiras, mineraes etc. Redução mínima da taxa telegraphica e postal. Quase gratuidade para livre entrada de jornaes e livros. Uma rodovia transadina, colleando todos os países, carreando todos os interesses, resumindo todas as operosidades (CASCUDO, 1928b).

Denominando Centro-America parte da região, ao citar alguns países do continente, o historiador diz quando da visita do presidente eleito – ainda que não empossado no período da viagem feita:

Na Bolívia, Paraguay, Perú. Por todo **Centro-America**<sup>64</sup>, estalam protestos. (...) Política nascida do próprio elasteiro financeiro. Política de transbordamento natural. Lógico. E porque não seremos nós, **sulamericanos**<sup>65</sup>, lógicos em nossa política?... (CASCUDO, 1929a)

O escritor potiguar apontava para a necessidade de uma "centro-américa", frente à dominação norte-americana, vista por ele como presente em diferentes esferas. Segundo Ferreira (2008, p. 81), "a idéia de criação do Centro-América não se limitava a uma questão geográfica, uma vez que nos textos de Câmara Cascudo a Argentina aparecia como sendo o país com maior número de poetas e intelectuais por ele divulgados". É relevante ressaltar o fato de que a preocupação com a integração no continente compreendia aspectos econômicos, sociais, políticos e, sim, culturais e literários.

No discurso, a origem colonial comum de atraso parece fazer aproximar. Os interesses fragmentários das vanguardas do momento, delimitando identidades, e uma ferrenha postura antiamericanista fermentam a valorização regional e endossam o interesse em um pêndulo proposto, futuramente, por Candido (1995) entre "ser nacionalista no sentido de preservar e defender a sua autonomia e a sua iniciativa", mas sem entender o nacionalismo como "exclusão das fontes estrangeiras".

Essa rede forjada substancialmente por meio de correspondências, um espaço de sociabilidade que dava vazão e até fazia aprofundar e estender encontros físicos, colaborou para desencadear um espírito de confiança, autoafirmação e autonomia, reavivando os nacionalismos de cada um dos países de língua espanhola e também originando um certo

<sup>63</sup> "O dogma do Imperialismo americano", em *A República*, de 21 de junho de 1928.

<sup>64</sup> Grifo da pesquisadora.

<sup>65</sup> Grifo da pesquisadora.

latinoamericanismo<sup>66</sup>. Extrapolar e superar o caráter nacionalista de cada um desses modernismos se faz, portanto, essencial.

A nossa literatura tem essa propriedade: fixa, desconhecida, sem aparecer e sem evoluir. Possuímos a mitológica fome de Saturno; devoramos nossos filhos, após o nascimento. Ou o que se escreve, escandalosamente mau e, nós não temos literatura, ou os livros são bons, e o nosso parcialismo os destrói, e nós não temos crítica. É necessário gritarmos a rude verdade, é preciso sacudir a nossa indolência, é urgente que os “nossos” literatos sejam conhecidos em meios maiores (CASCUDO, 30 nov. 1918d)

Na visão de Medeiros (2016), o historiador espelhava um sentimento de renovação que, à época, ressoava pelo continente como um todo. "A visão de pátria, de nacionalidade, de integração vinculada à noção de coletividade e tradição, aparece como uma constante do pensamento de Cascudo nesses ensaios" (2016, p. 91).

Se o mapeamento das aproximações regionais entre escritores latino-americanos já tem formado uma fortuna crítica basilar, as colocações de Câmara Cascudo, nos espaços enunciativos dos ensaios de *Joio*, bem como as demarcações feitas por Mário de Andrade em correspondências e artigos são convite para os seguintes questionamentos: 1) de que América falavam em seus discursos? 2) como essa visão – ou múltiplas noções – dialogava com o que se compreendia, geopoliticamente, do continente americano no período? 3) como os dois escritores se aproximavam e se distanciavam, tendo como referencial o que pensavam a respeito do tema?

### 3.2. Páginas de literatura: escritos de Mário de Andrade

Em "Prefácio Interessantíssimo", texto com o qual Mário de Andrade abre *Pauliceia desvairada* (1922), é possível encontrar um local, por assim dizer, interessante e esclarecedor a respeito das posições do escritor paulista para aquele movimento que se tornou parte de sua alcunha. Em fluxo de consciência, o prefácio em versos é manifesto do novo e resgate do primitivismo, ainda que reserve ao passado um espaço de contemplação ativa. Tudo ao mesmo tempo, o texto dicotômico e em tensão é espelho dessa faceta do modernismo brasileiro que não dialogava com uma suposta identidade calcada no desconhecimento do outro: "Não sou futurista (de Marinetti). Disse e repito-o. Tenho pontos e contacto com o futurismo" (ANDRADE, 1922).

Propondo o desvairismo como uma nova escola literária, Mário de Andrade nos diz

---

<sup>66</sup> Para essa relação, MORENO, Cesar Fernandez. América Latina en su literatura. 4. ed. México, Espanha e Argentina: Siglo Veintiuno Editores, 1977.

atrasados em relação às vanguardas europeias e sugere o moderno sem oposição franca ao passado, reconhecendo neste um valor para o presente e para o futuro.

Não quis também tentar primitivismo vesgo e insincero. Somos na realidade os primitivos duma era nova. Esteticamente: fui buscar entre as hipóteses feitas por psicólogos, naturalistas e críticos sobre os primitivos das eras passadas, expressão mais humana e livre de arte. / O passado é lição para se meditar, não para reproduzir. / “E tu che sé costí, anima viva, Partiti da cotesti che son morti”. / Por muitos anos procurei-me a mim mesmo. Achei. Agora não me digam que ando à procura de originalidade, porque já descobri onde ela, estava, pertence-me, é minha. (ANDRADE, 1922).

Da mesma maneira que inicia o seu "inútil" prefácio lançando um novo momento de ruptura na narrativa da historiografia literária brasileira, Mário considera o fim do desvairismo quando do encerramento de seu texto: "E está acabada a escola poética. “Desvairismo”. / Próximo livro fundarei outra.", ele diz. Totalmente fortuito, acidental, em consonância com a rítmica do início do século XX, o poeta paulista afirma escrever *Pauliceia* para olhos vivos, embora não tenha deixado no papel algo muito planejado: a mão registra o que a cabeça nem chegou a formular ainda.

Escrever arte moderna não significa jamais para mim representar a vida atual no que tem de exterior: automóveis, cinema, asfalto. (...) / Canto da minha maneira. Que me importa si me não entendem? Não tenho forças bastantes para me universalizar? Paciência. Com o vário alaúde que construí, me parto por essa selva selvagem da cidade. Como o homem primitivo cantarei a principio só. Mas canto é agente simpático (...) (ANDRADE, 1922).

Além de hegemônico enquanto liderança cultural naquele período, como bem categorizou Miceli (2012), Mário de Andrade era mesmo inventivo, polivalente e detinha um cabedal cultural único. O texto de "Prefácio Interessantíssimo" (Anexo A) sintetiza sua visão sobre o momento em que vivia, apresenta referências (e também ao que se contrapunha) e suas considerações a respeito de uma escrita brasileira e de seu empenho por um nacionalismo que não construísse barreiras.

Nas 11 missivas endereçadas a Cascudo, no período de 1920 a 1930, o intelectual, além de comentar fatos cotidianos, fazer sugestões em textos enviados pelo colega e, evidentemente, destinar livros e periódicos ("Aqui vai uma porrada de coisas pra você. Livros, jornal e brigas.", Andrade, 1926b), encontra espaço de abertura para demarcar e conceituar alguns termos caros a uma das vertentes do modernismo brasileiro do momento, a gestada por ele. Em 3 de fevereiro de 1926, na mesma correspondência em que noticia a chegada de Soto a São Paulo, Mário de Andrade convoca a participação de Cascudo na

enquete da primeira edição do periódico Terra Roxa e Outras Terras e comenta algumas celeumas de bastidores envolvendo o próprio poeta, Menotti e Graça Aranha. Destaca-se, contudo, ao que nos interessa as seguintes considerações:

Você repara também certo passadismo em algum... É questão de finanças, meu caro. E aliás o passadista do número é sujeito de muita inteligência, muito meu amigo porém que não devia escrever. Deu pra escrever... paciência! No 2o número você se admirará talvez de encontrar uma descompostura minha no Menotti. É verdade. Esse homem está cada vez ficando mais pedante e como arranjou um grupinho de sequazes que como ele deram pra patriotas por **não poderem compreender a elevação de ideia em que estamos alguns fazendo brasileirismo sem nacionalismo**, resolveu, se imaginando forte, me atacar. (...) No 3o número de Terra Roxa porém explicarei pela primeira vez minha atitude e a orientação de meus trabalhos. **Isso é preciso pra que não me confundam com essa corja de nacionalisteiros de última hora que por aqui andam ganindo.** (ANDRADE, 1926b)

A busca por certa universalização de suas ideias a respeito de temas como identidade, nacionalismo e brasilidade toca menos a seara da vaidade intelectual e muito mais um cuidado de Mário, que é constante e calculado, em se opor a "nacionalisteiros" que incorreriam em um "nacionalismo supernacionalistificante"<sup>67</sup>, como diz a Sousa da Silveira.

Esse tipo de circunscrição, para além de delimitar certo distanciamento de um patriotismo tido como nocivo, almejava sobrepor ideias que apenas a princípio poderiam aparentar dicotomia ou dualidade. Não se tratava de um posicionamento restrito a Mário de Andrade.

Na edição de número 1 da primeira revista do modernismo brasileiro, a *Klaxon*, datada de 15 de maio de 1922, por exemplo, um manifesto assinado pela "redacção" pontua saber que "a humanidade existe. Por isso [a revista] é internacionalista", mobilizando um termo do campo das relações internacionais<sup>68</sup> que, de origem, ainda na segunda metade do século XIX, compreendia ideias e fenômenos políticos diversos que convergiam em uma solidariedade política e econômica de povos e nações, mas que, naquele início dos anos XX já carregava matizes revolucionários.

Esquadrinhar as considerações de Mário sobre determinados conceitos não se traduz em tarefa descomplicada. Com a própria *Klaxon*, atravessando o ano simbólico de 1922, o escritor colaborou com a publicação de 22 textos sobre assuntos e em formatos diversos, contribuindo com crônicas, poemas e críticas literárias. Apenas em dois deles, contudo, o

<sup>67</sup> Expressão extraída de cartas escritas em 1935 a Sousa da Silveira, exibido na exposição "Mário Oswald", que permaneceu em cartaz no Centro Cultural São Paulo, em São Paulo, de 25/04/2017 a 20/08/2017.

<sup>68</sup> Para uma maior aprofundamento do vocábulo internacionalista, conferir definição de Aldo Agosti em volume 1 de BOBBIO, Norberto, 1909-. Dicionário de política/Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino.

escritor se detém em suas considerações sobre a temática levantada nesta pesquisa.

Como mencionado anteriormente, a trajetória de Mário até meados da década de 1920 já compreendia experiências difusas e polivalentes entre ensino formal, como em história da música no Conservatório de São Paulo (1913) e o posto de catedrático de dicção, história do teatro e estética na mesma instituição (1922), publicações em volumes<sup>69</sup>, como os de *Há uma gota de sangue em cada poema* (poesia 1917), *Pauliceia desvairada* (poesia, 1922), *Primeiro Andar* (conto, 1926) e, evidentemente, a sua presença constante em colaborações com a imprensa de diferentes estados do Brasil. O seu projeto de construção de uma identidade brasileira passa por uma produção que caminhou por diferentes formatos e temáticas.

Nos anos de 1926 e 1927, Mário de Andrade publica, a convite de Oswald de Andrade, na edição paulista do jornal carioca *A Manhã*, periódico de relevância na imprensa e na cena política do Rio na década de 1920, artigos em que menciona a literatura argentina, sendo um deles "Clara Argentina". Fundado por Mário Rodrigues (1885-1930), pai do célebre escritor Nelson Rodrigues (1912-1980), o matutino, quebrando a tradição dos jornais vespertinos, começou a circular em 29 de dezembro de 1925 e teve uma trajetória "curta e ruidosa", na definição de Molina (2011):

(...) abriu caminho para um jornalismo popular, de um sensacionalismo exacerbado, que até então era desconhecido e raras vezes foi igualado. Inovou na imprensa pela sua apresentação gráfica e pela qualidade de suas charges e ilustrações, que contribuíram para sua grande aceitação pelo público. (MOLINA, 2011)

Em "Clara Argentina", artigo publicado na edição de 26 de outubro de 1926, o escritor paulista relata o início de seu interesse pelo país em questão, curiosamente por outras portas de entrada que não a literária:

Faz já uns bons pares de anos que principiei me interessando pelos "nossos vizinhos do sul". Isto é, muito antes disso eu já sabia da vitalidade e braveza deles sempre que torcia, torcia no futebol, Friedenreich era gentilmente chamado por êles "El tigre", recebíamos cestas de flores e no fim da história a verdade é que a gente levava em geral cada tunda, puxa!...  
Depois ajuntei outros interesses aos do futebol, aprendi o tango, andei procurando compositores argentinos, me interesse pela arquitetura de Buenos Aires, conheci um argentino gringo que andou surripiando uns contecos por aqui (...) (ANDRADE, 1926)

---

<sup>69</sup> A cronologia geral da obra de Mário de Andrade publicada em volume, organizada por Telê Porto A. Lopez permite uma visão macro do caminho percorrido pelo escritor no que diz respeito a volumes. Ver em Lopez (1969).

É justamente neste texto que Mário de Andrade cita a passagem ("estouraram pela minha casa") de Soto e Vignale por São Paulo, relata seus outros contatos intelectuais com a "Argentina boa" e categoriza regionalmente o Brasil e o país vizinho como pertencentes a "nossa Sulamerica".

Então conheci nos livros o Ricardo Güiraldes de cujo recente *Don Segundo Sombra*, uma obra-prima, hei-de falar; a Oliverio Girondo que modelou em versos estupendos uma Semana-santa de Sevilha; o Pettoruti pintor moderníssimo de que o Governo argentino acaba de comprar o quadro *Los Bailerines* pro museu de La Plata... Enfim conheci e ando conhecendo a Argentina cuera. (ANDRADE, 1926)

"Clara Argentina" tem por mote a incredulidade do escritor com o fato de a Argentina ter destinado 75 milhões de pesos, na moeda da época, para a compra de material bélico de fabricantes de submarinos e metralhadoras. Entre diversas colocações, Mário de Andrade diz temer uma possível guerra entre as nações vizinhas, comenta ter a Argentina feito papel de tonta e coloca em pauta as consequências de um conflito armado, considerando que possam haver, obviamente, "homens roubados da humanidade".

Na visão de Piazza (2007), uma rede forjada por meio de intercâmbios que vão de correspondências a visitas, passando por críticas literárias e aquisições de obras, permitiu ao escritor uma aproximação de intelectuais ibero-americanos, resultando em produções como a série publicada no *Diário Nacional* sob o título *Literatura Modernista Argentina*.

Três passagens de missivas remeidas por Luis Emilio Soto em 29 de junho, em 12 de julho e em 3 de setembro de 1926, respectivamente, detalham

Recebi todas as suas cartas, livros para [Emilio] Pettoruti e exemplares de *Terra Roxa*<sup>70</sup>. Fiz a respectiva distribuição assim como de seus livros. Está pois em contato com os ases mais destacados da cúpula vanguardista daqui. Logo irá recebendo em correspondência aos seus, livros da Sra. Victoria Ocampo, Sres. Jorge Luis Borges, Evar Méndez, Raúl González Tuñón, Nicolás Olivari, José S. Tallón etc., agradicados no reparto dos poucos volumes que eu trouxe. (ARTUNDO, 2013, p. 111-112)

Envio-lhe o livro [*El Cencerro de Cristal*] de [Ricardo] Güiraldes ao que já fiz referência. Gostaria de conhecer sua impressão pois se trata de um dos escritores que mais alta figuração tem aqui agora. (ARTUNDO, 2013, p. 115)

Parece-me muito boa sua atitude para escrever sobre nossos autores e terei muito prazer em enviar-lhe toda sorte de referências que possam orientá-lo e permitir-lhe situar com comodidade e sem risco cada um deles. (ARTUNDO, 2013, p. 117)

Líder por convicção, Mário, de fato, possuía um "radar privilegiado em matéria de

---

<sup>70</sup> Soto foi um interlocutor particularmente interessado em *Terra Roxa*. O periódico é citado e demandado nas missivas datadas de 29 de junho e 25 de novembro de 1926 e 2 (?) de fevereiro e 15 de julho de 1927.

importação cultural" (MICELI, 2012) e um ímpeto de articulação intelectual um tanto inerente a sua atividade literária. O poeta caminhava por todo e qualquer assunto, mobilizando nomes da música clássica, do cinema, das artes plásticas e da literatura mundial.

Em "O homenzinho que não pensou", crônica publicada no terceiro número de *Klaxon*, em 15 julho de 1922, Mário decide responder um texto depreciativo sobre *Klaxon*, publicado anonimamente pela revista *O Mundo Literario*". Categorizada como passadista e conservadora, *Klaxon* seria uma repetição sintética do manifesto futurista do italiano Marinetti, de acordo com o artigo misterioso. Mário, então, repassa diversos parágrafos do documento futurista em voga, tecendo aproximações e distanciamentos e afirma: "E se em outras coisas aceitamos o manifesto futurista, não é para segui-lo, mas por compreender o espírito de **modernidade universal**" (KLAXON, 2014 [1922]).

Embora repudie taxativamente "qualquer 'patriotismo' que se manifeste política e idealistamente" (ANDRADE, 1928a), engana-se quem pense ser possível ver em Mário de Andrade uma solidariedade latino-americana. Não em meados dos anos 1920. Em 1927, o poeta inicia a sua colaboração com o *Diário Nacional* (de São Paulo), órgão do Partido Democrático. No ano seguinte, sobretudo no mês de abril, Mário publica uma série de 4 artigos centrada na análise da literatura modernista – ou moderna – feita na Argentina.

### 3.2.1. A Argentina modernista para Mário de Andrade

#### 1. *Literatura modernista Argentina I, 22 de abril de 1928, página 9*

Mário de Andrade escolhe iniciar o texto ressaltando haver uma grande diferença entre as "literaturas modernas" da Argentina e do Brasil. O autor fala em uma distinção de "rythmo" que impossibilitaria a compreensão integral do que é realizado no país vizinho, apesar do fato não retirar o mérito da força e a admiração de Mário.

Entre as literaturas modernas da Argentina e do Brasil, vae uma differença. (...) tão grande que me parece difícil a gente se compreender integralmente. (...) Essa observação me parece importante e falarei porquê. (ANDRADE, 1928a)

Se o ritmo que organiza a literatura de um país é incompreensível – por não fazer parte – ao outro, certos ideais de "americanismo e latinoamericanismo" não poderiam despertar interesse. Ao menos, não a Mário de Andrade. O escritor admite

o conceito político de patria, embora elle me repugne. (...) todo e qualquer alastramento do conceito de patria que não abranja a humanidade inteira me parece

odioso. Tenho horror a essa historia de "America Latina" muito agitada hoje em dia. (...) Tenho horror a Pan-americanismo. (ANDRADE, 1928a)

Apesar de não acreditar em uma “unidade psychologica ou ethnica continental”, Mário de Andrade entende a questão nacional como comum a todos os países americanos ("Estamos incontestavelmente num periodo americano (e até universal) em que a preocupação de nacionalização domina.") e passa a traçar um breve panorama sobre cada um deles, embora o artigo tenha como mote a literatura modernista na Argentina. O crítico disserta sobre progressos alcançados pelo país vizinho e pondera ser o Brasil “no rincão da Sul-américa" um estrangeiro enorme.

A Argentina realizou um progresso material e intellectual unanime e bem grande. O argentino se tornou naturalmente um ser affirmativo, um ser que olha de cima. Sem que para isso careça de inventar idealismos vãos ou patriotismos exacerbados. Está claro que me refiro sempre á geração modernista. (ANDRADE, 1928a)

## *2. Literatura modernista Argentina II, 29 de abril de 1928, página 11*

Escritos em continuidade – o primeiro artigo é encerrado com o aviso de desdobramento no domingo seguinte –, o tom e a tônica deste segundo texto são outras. O articulista Mário de Andrade destaca em sua análise a vida coletiva intensa e forte na Argentina, a qualidade e a persistência das revistas modernistas – se comparadas às brasileiras – e, entre outros aspectos, a "suavidade lirica (...) sem excesso de individualismo" dos intelectuais argentinos.

Podemos afirmar que o artigo é centrado em um breve panorama dos periódicos com os quais Mário de Andrade tinha familiaridade à época. Ele menciona "Nosotros, Inicial, Prisma, Proa, Los Pensadores, Claridad, Valoraciones, Campana de Palo, Clarin, Brújula e Martin Fierro".

O escritor não faz referência a nenhum dos tópicos abordados no primeiro artigo, relacionados a americanidade, patriotismo ou nacionalismo. Apenas menciona aspectos de seu país como medida de comparação.

Si os primetros pruridos de renovação apareceram lá com os poemas de Ricardo Güiraldes em 1915, como aqui com a aventura surpreendente de Anita Malfatti, foi mesmo só depois da Guerra que o movimento botou corpo. Uma enquête de "Nosotros" em 1923 teve o mesmo e unico merito da Semana de Arte Moderna aqui, "puso de manifesto, sino una nueva sensibilidad, por lo menos una reaccion higiénica" (P. J. Vignale). (ANDRADE, 1928b)

Além de transcrever para o público brasileiro trechos de produções literárias dos argentinos, Mário de Andrade menciona figuras como Álvaro Yunque, Luis Emilio Soto

("figura forte e angular, com a pureza nitida dum desenho de Léger"), o novelista e contista argentino Ricardo Güiraldes (1886-1927) e o próprio Pedro Juan Vignale, ilustrando, assim, parte de suas conexões no país vizinho.

### 3. *Litteratura moderna Argentina III, 13 de maio de 1928, página 10*

Na página 10, no dia 13 de maio de 1928, o *Diário Nacional* presenteou o leitor com uma dupla célebre de articulistas: ladeando Mário de Andrade em seu terceiro "Literatura moderna Argentina", estava o escritor, poeta, ensaísta e crítico literário argentino Jorge Luis Borges (1899-1986) com "Queixa de todo crioulo". Diz Mário ser Borges a "personalidade mais saliente da geração moderna da Argentina. Depois de Ricardo Güiraldes – o que teve a felicidade de morrer depois da obra-prima – a figura de Jorge Luis Borges é a que mais me atrai e me parece mais rica de lá" (p. 10).

Considerando o planejamento do intelectual paulista para uma série de artigos temáticos (Mário mesmo avisa de seu encerramento no "domingo proximo"), e tendo em mente um olhar integral para os quatro textos, é possível notar o fato de Mário de Andrade seguir um caminho de aprofundamento em seu olhar para a produção literária modernista encabeçada pelos intelectuais argentinos à época. Se no primeiro artigo há uma demarcação pelo que os distanciava, e no segundo, um panorama sobre os periódicos publicados no país vizinho, o terceiro texto da coluna focaliza na revista *Martín Fierro*, detentora do movimento

mais fecundo e mais típico da literatura moderna argentina. "Martín Fierro" tomou e mantém cada vez mais viva uma função orientadora e selecionadora de idéas e valores caracteristicamente modernistas. Além disso, limitou em geral a sua manifestação á arte, o que a valoriza especialmente neste trabalho, cujo fim é de vulgarização artística. Por todas estas razões "Martín Fierro" ajunta o que tem de melhor a literatura moderna argentina e representa com largueza e caracter o espirito dessa literatura. (ANDRADE, 1928c)

Além dos artigos temáticos de Borges e Mário, a página 10 do veículo apresenta um "Poema sin titulo" de Leopoldo Marechal (1900-1970) e "Tarde a Solas", de Norah Lange (1905-1972), este último parte do texto do escritor paulista.

Se Mário de Andrade inicia a coluna com, entre elogios, uma crítica ao espaço que *Martín Fierro* costumava dar a muitos nomes estrangeiros – europeus –, ele diz ter tido a intenção, no artigo, de dar visibilidade aos nomes "mais evidentes do movimento modernista da literatura argentina".

Minha intenção foi a melhor possível e não tenho a vaidade dos juízos que exprimo.

Valem de passagem como sensação de leitor estrangeiro, no sentido em que "estrangeiro" compreende apenas uma psicologia étnica diferente. Porquê no resto não me considero estrangeiro pra ninguém. Aqui no Brasil a palavra "estrangeiro" só é conhecida pelos semi-cultos. Meu povo só fala em "estranhos". Naqueles que a gente estranha um bocado pelo modo de falar e de sentir. E' como estranho que escrevi tudo isto. Minha intenção foi apenas vulgarizar aqui nomes de valor que não cedem a muito nome europeu que vem na capa tradicionalmente comprada de livro franceses, inglês e italiano. Na renovação enorme por que está passando a literatura de agora, **nossos países da America já compartilham com menos número mas igualdade de valores do movimento do mundo**<sup>71</sup>. (ANDRADE, 1928c)

#### 4. *Literatura moderna Argentina IV, 20 de maio de 1928, página 11*

O derradeiro artigo da série elaborada por Mário de Andrade é um dos maiores e focaliza um intelectual da literatura moderna argentina: Ricardo Güiraldes. Na visão de Mário, o novelista e contista, falecido no ano anterior<sup>72</sup>, era à época o maior representante do "período psicológico nacional que estão atravessando com maior ou menor intensidade as **nações sul-americanas**". Faz-se oportuno salientar dois aspectos: 1) a escolha da condução do leitor brasileiro por um panorama da literatura argentina, encerrando, então, em um escritor emblemático; e 2) como Mário de Andrade passa a enfatizar questões comuns aos países sul-americanos, deixando de lado o prisma da diferenciação como marca.

Em seu último texto, o escritor paulista se dedica a uma detalhada crítica literária, mencionando aspectos diversos da obra "curta e irregular" de Güiraldes, da poesia à prosa, cuja influência era, na opinião de Mário, um espelho, e não um modelo. Mário de Andrade ainda afirma que Ricardo Güiraldes deixou duas obras esplêndidas como legado, sendo uma delas "um dos livros mais notáveis da época e o mais significativo da literatura argentina contemporânea".

Já afirmei que a diferença psicológica atual entre brasileiros e argentinos significava mais que simples descendência racial e circunstâncias sociais diferentes. Significava que as duas nacionalidades já possuíam uma entidade psicológica constante. Essa entidade por meio de todas as libertações entrou no período de fixação. Por isso mesmo período de mais turtuveio. Momento de trabalho brabo, muita crítica, pesquisa por demais, inquietação, vitórias e enganos. (ANDRADE, 1928d)

Ora influência europeia, apesar de figuras escoteiras mais ou menos arreadas de hispanismo lá e lusitanismo aqui, ou mais ou menos germanizadas no pensamento, influência europeia quase que é sinônimo de influência francesa. Pois ninguém como Ricardo Güiraldes não pode representar tanto este momento sulamericano.

<sup>71</sup> Grifo da pesquisadora.

<sup>72</sup> Data de 17 de novembro de 1927 a carta remetida por Soto a Mário de Andrade contendo a notícia da morte de Güiraldes. "Das novidades literárias daqui, a única e por certo de transcendência dolorosa, é a morte de RICARDO GÜIRALDES, o querido amigo e autor de *Don Segundo Sombra*, obra a mais intensa das que apareceram nos últimos tempos em Buenos Aires. Em minhas [cartas] anteriores já lhe falei de Güiraldes a propósito de publicar-se esse livro que junto com *Martín Fierro* e *Facundo*, formam a trilogia épica do pampa e a gesta do gaucho cada dia mais bloqueado pela civilização." Ver em Artundo (2013).

(ANDRADE, 1928d)

Acho que ninguém não representa talqualmente Ricardo Güiraldes o momento psicológico sulamericano justamente porquê em ninguém como nele não se ajuntaram tão conscientemente tão equilibradamente e bem aceitas as duas tendências em que a gente se debate: atração da França e atração nacional. (ANDRADE, 1928d)

### 3.3. A pátria é um acaso

A preocupação com o universal ocupa um lugar singular e estratégico nas considerações de Mário de Andrade a respeito de seu entendimento sobre o verdadeiro espírito moderno. São recorrentes demarcações como "modernidade universal" e "nacionalismo universalista", além da diferenciação entre ser brasileiro e ser nacional.

As correspondências de Mário a Carlos Drummond de Andrade carregam uma porção dessas distinções. É na enviada em 23 de agosto de 1925, entre considerações a respeito do que seria a felicidade ("(...) a minha felicidade é feita de poucadinhas de felicidade alheia", ele diz), que o escritor paulista confidencia:

(...) não dou vinte anos teremos uma língua não diferente porém bastante diversa da portuguesa e, o que é muito mais importante, afeiçoada ao nosso caráter e condições. (...) Quanto à nacionalidade, Carlos, fique sossegado. Sou o minimamente nacionalista que é possível a gente ser neste mundo. Me contento de ser brasileiro que é coisa muito mais importante pra mim que ser nacionalista. (ANDRADE, 2002, p. 135-138)

A busca pela identidade nacional brasileira, no campo da cultura e das artes, teve dois momentos importantes, de acordo com Perrone-Moisés (2007): no século XIX com o romantismo, e no século XX, com o modernismo. A tônica do localismo, e de certo patriotismo desmedido, sempre se apresentou como via possível, paralela, à procura da essência nacional.

Nosso nacionalismo voltou-se então contra inimigos mal definidos, oscilando segundo as circunstâncias, misturando etnia, cultura, política e economia, atribuindo aos desígnios funestos de outros todas as nossas dificuldades em encontrar um lugar na cultura internacional. A busca de uma essência nacional, visando a conquistar um lugar honroso no conjunto das nações, esbarra sempre no paradoxo de reforçar o localismo e o provincianismo, embora o objetivo maior seja provar o valor universal dessa particularidade. Opondo-se ao "mundo", a cultura teimosamente nacional se reconhece como menor, como aldeã (PERRONE-MOISÉS, 2007, p. 36).

Ainda que a mobilização da cultura nacional por uma via conservadora e fascista, como às mãos da Ação Integralista Brasileira, tenha se sedimentado a partir da década de

1930, interessa observar, ainda em meados de 1920, os esforços de Mário de Andrade e de seus colegas intelectuais no sentido contrário, buscando circunscrever sua visão de Brasil a um território resguardado de qualquer radicalismo político. Em trecho de carta enviada em 30 de dezembro de 1924, Carlos Drummond diz não ser nacionalista e intenta rascunhar o que seria ser entendido como tal

Escute. Há ocasiões em que eu me sinto enquadrado no meio natal. Sou um com a minha gente. Nessas ocasiões sou brasileiro como os que mais o sejam. **Mas não chego a ser nacionalista. Entendo por nacionalista: ter princípios; fazer estatutos sobre o amor da pátria, etc.**<sup>73</sup> E como é bom ser brasileiro! Contudo, não é o único bem da vida. Daí amanhecer, outros dias, noruguês ou tchecoslovaco (mais freqüentemente, francês). Isto é o que eu chamo de liberdade espiritual. Este, sim, o maior bem da vida. Ser. Mas ser tudo. Não somente brasileiro. É tão pequeno o Brasil!... (...) Você, que tão arduamente campa de brasileiro, foi fazer a sua cultura na França, na Inglaterra, na Alemanha. Universalizou o mais que pôde a sua inteligência... (...) **Repito: há mil maneiras de ser. A pior é ser nacionalista.** (ANDRADE, 2002, p. 79-80)

A despeito da visão de Mário de Andrade, de Câmara Cascudo e de tantos outros intelectuais brasileiros que buscaram extrapolar um nacionalismo cabotino que pudesse desaguar em eventuais preconceitos, a verdade é que o discurso único enquanto voz do modernismo brasileiro à época – aqui ainda visto como um só – incorria, tantas vezes, na aversão ao estrangeiro como maneira de elevar o valor do espírito brasileiro.

É o que aconselha a geração atual, senhores. É o que defendem os modernistas: eles vêem que periga, ante a invasão estrangeira, o espírito de brasilidade: lembram que, ao desencadear-se a guerra européia, o Brasil teve que procurar nas suas fontes de riqueza, o necessário para substituir às grandes crises advindas. E clamam pela libertação do Brasil, por sua formação (INOJOSA, 1977 [1925], p. 132).

Vamos, senhores e senhoras, homens e mulheres, que me ouvis, vamos preparar a nossa pátria. Cabe à mocidade esta missão. Somente os moços têm audácia para esse surto de patriotismo e fê. Sigamos todos à oficina para trabalhar pelo Brasil brasileiro. Vamos vestir o Brasil, para que, no baile do futuro, ele seja o mais inteligente e o mais jovem, o mais forte e o mais elegante, consciente da sua força e dominador pelo seu espírito de cultura e de originalidade. Somente assim teremos preparado a nossa pátria (INOJOSA, 1977 [1925], p. 135).

A ideia da criação de uma Centro-América por Câmara Cascudo visava justamente um fortalecimento regional, em caráter de resistência, diante de certa influência imperial exercida pelos Estados Unidos da América, vistos como ameaça. Reforço: já na década de 1920. De acordo com Ferreira (2008), a percepção do historiador não se limitava a uma questão geográfica, uma vez Cascudo extrapolava os campos da política, da economia e das

---

<sup>73</sup> Grifos da pesquisadora.

relações internacionais, no geral, para adentrar terrenos aos quais se dedicava com mais afinco: "nos textos de Câmara Cascudo a Argentina aparecia como sendo o país com maior número de poetas e intelectuais por ele divulgados", enfatiza Ferreira (2008), mas cabe ressaltar a afinidade e o conhecimento que o escritor potiguar detinha a respeito de, para ficar em dois exemplos, intelectuais hondurenhos e da cena literária sul-americana no geral.

Ainda que a Centro-América visada por Cascudo pareça coincidir, a princípio, à contraposição de duas Américas, a do Norte à do Sul, proposta pelo economista e político liberal francês Michel Chevalier (1806-1879) em 1836, a via almejada é a de superação, oposta à instrumentalização que termos relacionados a um pensamento americano passaram a sofrer entre os séculos XIX e XX<sup>74</sup>. Em três dos 10 ensaios da seção "Argentina Intellectual", em *Joio* (1924), o historiador resgata a compatibilidade de sua visão à do uruguaio Rodó. Trata-se de vocábulos que coexistem e se interseccionam – como não poderia deixar de ser com tamanha complexidade cultural e política – com o propósito de delinear certa solidariedade continental. Se a ideia de América Latina, tracejada em meados do século XIX, em oposição à perspectiva panamericanista, considerava um mapa da colonização espanhola e portuguesa que seguia "desde el sur del río Grande hasta el cabo de Hornos, incluido el Caribe hispano y francoparlante" (Giunta, 2016, p. 56), há em todos esses vocábulos a negação de uma contínua exploração colonial, tendo nos modernismos do início do novo século a força motriz para essas contestações.

É facilmente reconhecível, diante de tamanho distanciamento linguístico e desconhecimento territorial – em comparação com o próprio continente europeu, por exemplo –, aquela sensação de estranheza que vimos anteriormente. A curiosidade comum conduzia à sociabilidade por meio de correspondências e resenhas, em um primeiro momento, até levar à visita, em alguns casos muito específicos.

Se Câmara Cascudo e Mário de Andrade nunca chegaram de fato a conhecer a morada de tantos interlocutores seus, a viagem dos argentinos na década de 1920 pareceu reverberar em todo o núcleo intelectual de ambos os lados, como já visto anteriormente. Em duas correspondências escritas por Soto, em junho e em 25 de novembro de 1926, respectivamente, é possível atestar:

Nunca esquecerei as muito amáveis tertúlias em sua casa regadas a pinga e bom um humor ao extremo. A Bittencourt, a senhora de Guilherme de Almeida, este, Rubens de Moraes, [Sérgio] Milliet, Couto de Barros, aquele moço bibliófilo dono de um

---

<sup>74</sup> Ver ARDAO, Arturo, "Panamericanismo y latinoamericanismo" em ZEA, Leopoldo (coord.), América Latina en sus ideas, México, UNESCO-Siglo XXI, 1986.

livro secular sobre a fundação de Buenos Aires, Di Cavalcanti e todos os que prestigiaram aquelas gratas reuniões cujo centro absorvente era o senho, polifacético Mario, são lembranças vivas que a perspectiva do tempo ilumina mais e mais. (...) Anteontem em Palermo, passeando com Vignale, o recordamos muito a propósito das últimas cartas recebidas do Sr. Evocando nossa estada aí, comentamos a realização de seu projeto de vir a estes "pagos" no fim do ano em curso. (ARTUNDO, 2013, p. 113-114)

Se é certo que não abundamos em comentários nem publicamos nossas "impressões", depois de chegar daí, como é prática consagrada, em compensação nossa visita ao Brasil serviu para que muitos amigos literatos e próximos se mostrassem curiosos para conhecer esse admirável país probabilizando uma viagem. (ARTUNDO, 2013, p. 119)

Estava nos planos de Soto e Vignale a realização de uma *Antología de Poetas Brasileños Actuales*, ou *Muestra de Poesía Brasileña Contemporánea*, como se intitularia a obra. Segundo Soto, o projeto seria uma tentativa de superar esse desconhecimento comum, já referido neste estudo anteriormente. Em carta remetida em 28 de julho de 1926, Pedro J. Vignale dá detalhes:

M a r i o: Estou comprometido aqui com um trabalho sério que me causa um enorme prazer e que será possivelmente, de utilidade para os Srs. e para nós: uma Muestra de Poesía Brasileña Contemporánea. Desejaria a ajuda do Sr. na enumeração dos poetas. Não seria uma "antologia" no sentido usual de coleção de peças mais ou menos excelentes, e sim uma mostra de escritores de personalidade indubitável e mais ainda, nova. (...) Eu quero divulgar os novos poetas brasileiros para que possamos tirar deles alguns ensinamentos, se for possível. (ARTUNDO, 2013, p. 154)

Os esforços nesse sentido gestavam diferentes percepções a respeito do continente, em movimentos que delimitavam uma América pelo idioma falado, como a Espanhola para alguns, ou unida por um tronco linguístico muito mais profundo, a América Latina, possibilitando assim a inclusão de um país como o Brasil. Esse exercício reflexivo e verbal atravessava a funcionalidade da comunicação, orquestrada pela língua, conduzindo então a um olhar de pertencimento e encaixe.<sup>75</sup>

De acordo com Soares (2006), "meridianos intelectuais" se encontravam em formação,

podendo as nações que a integravam buscar inspiração e referência umas nas outras, e não apenas no Velho Mundo, cujo modelo foi por muito tempo tomado como única possibilidade de superação da "barbárie" local. Em lugar do olhar detratador, a nova percepção sugeria representações afirmativas sobre as sociedades latino-americanas e aguçava o desejo de conhecimento mútuo. Pois, ao lado das

<sup>75</sup> Tomo emprestada aqui a seguinte observação do escritor e biólogo moçambicano Mia Couto (1955-): "As línguas servem para comunicar. Mas elas não apenas "servem". Elas transcendem essa dimensão funcional. Às vezes, as línguas fazem-nos ser". Ver mais no conto "Línguas que não sabemos que sabíamos" (Couto, 2011).

aspirações identitárias, os países vizinhos Brasil e Argentina passavam, em certos contextos, a figurar como referências de desenvolvimento e concepções de modernidade que iam ao encontro das premências nacionais. Ao mesmo tempo, apresentavam-se como potenciais mercados de bens culturais a serem explorados (SOARES, 2006, p. 243).

Em uma confluência de nomenclaturas, nenhuma é derradeira. Diversos escritores sul-americanos viam no iberismo a nossa origem comum. Elysio de Carvalho, sendo um deles, reforçou essa percepção ao privilegiar nas páginas da sua *América Brasileira* intelectuais que compartilhavam de sua visão, como é o caso do escritor, diplomata e político espanhol Don Juan Valera<sup>76</sup> (1824-1905), para quem, segundo (Piazza, 2007),

o iberismo contemplava, também, uma aproximação entre Portugal e Espanha – as culturas de língua castelhana e portuguesa eram "dos ramos de un próprio tronco", e, nesse tronco de origens comuns, a cultura brasileira viria representar um rebento novo e vigoroso do velho ramo português.

Não há que se buscar uma unidade ou uma linha exata de progressão no mapeamento desses vocábulos e seus usos. Embora seja esperado que verbetes se firmem e se transformem com o tempo em um idioma, sempre vivo e coletivo, o que essas categorizações revelam é o pensamento de um continente em constituição, por meio de uma diplomacia não oficial, exercida por intercâmbios culturais, mas não menos expressiva. A Centro-América de Cascudo coexistia com a Sulamérica de Mário de Andrade, em um movimento nem sempre inclusivo da parte da América Ibérica, como distingue Piazza (2007), ou Espanhola, em colocação do próprio Elysio de Carvalho no ensaio "Suave e Austero", de 1925, sobre o escritor e político venezuelano Rufino Blanco-Fombona<sup>77</sup>

Dotado de forte capacidade de trabalho e de rara independência mental, a versatilidade das suas aptidões, a originalidade de seus conceitos, a perspicácia de seu engenho, a universalidade de suas idéias, a sua sagaz penetração psicológica e o profundo sentimento da vida fizeram dele um dos promovedores do movimento de emancipação intelectual da **América Espanhola**<sup>78</sup>. (CARVALHO, 1925)

<sup>76</sup> Ainda que tenha se inspirado pela presença ibérica no continente americano, o escritor via com reservas a designação América Latina.

<sup>77</sup> Além da sensação mútua de desconhecimento, abordada nos capítulos anteriores, havia em meados da década de 1920 quem chamasse a atenção, inclusive, para a falta de reciprocidade da parte dos escritores espanhóis, por exemplo. Questiona Blanco-Fombona, em edição de 18 de junho de 1923 de *América Brasileira*, "¿Existe hoy en España con respecto a nosotros una superioridad tan excelsa que justifique el desvio? ¿No tienen los escritores de España nada que estudiar en nosotros? Una raza como la iberica – quiere decirse española de toda la Peninsula, incluso Portugal, – transplantada a los montes, los rios, los llanos más conspicuos del planeta, y cruzada con aborígenes y con multitudes de otros continentes, ¿no ha producido en América ningún destello de espíritu, ninguna modalidad, ningún matiz que despierte la curiosidad o que merezca el estudio de nuestros hermanos de la Peninsula?"

<sup>78</sup> Grifo da pesquisadora. Ver em Anexo mais um excerto da *América Brasileira* com citação a Rufino Blanco-Fombona, edição de setembro de 1924, número 33, ano III.

Paradoxalmente, tanto à colocação de Elysio quanto ao próprio papel de inspiração e correspondência exercido por algumas capitais europeias, a necessidade de superação de “tutelas metropolitanas”, nas palavras exatas de Soto, é impressa em todos esses esforços da fala. Em missiva datada de 15 de julho de 1927, endereçada a Mário de Andrade, Luis Emilio Soto é categórico na crítica à geração espanhola da revista bimestral e vanguardista *La Gaceta Literaria*, que em edição de abril de 1927 (n. 8) propunha a representatividade dos intelectuais espanhóis como líderes na América Hispânica:

Anexo-lhe um número de *Marín Fierro* – o último – contendo o ultimátum à nova geração espanhola que recentemente em *La Gaceta Literaria* propôs: Madri, o meridiano espiritual da Hispano-américa. Como o Sr. verá, reedita-se agora no campo intelectual o grito de liberdade! dado aqui em 1810... É dito a eles claro e terminantemente que não queremos nem precisamos de tutelas metropolitanas baseadas em sentimentalismos ou protocolos chancelerescos. Haveria que falar muito sobre isso, mas fica para outra vez. (ARTUNDO, 2013, p. 128)

As colocações de Soto sugerem uma mudança de paradigma, uma inversão no olhar. Ao ser categórico em “não queremos nem precisamos de tutelas metropolitanas”, após tantos movimentos e êxitos formais de Independências ao longo do continente, Luis Emilio Soto ilustra a posição de que é preciso ir além, em um discurso que não trata mais de fronteiras ou de mera subjugação econômica. Como dirá Joaquín Torres García sete anos depois, em sua conferência chamada “*La Escuela del Sur*”<sup>79</sup>, ter uma “justa idea de nuestra posición, y no como quieren en el resto del mundo. (...) Esta rectificación era necesaria; por esto ahora sabemos dónde estamos”.

A pauta da emancipação cultural da região ganhará fôlego e outros impactos a partir da década de 1960 em todo o continente. Contudo, há essa leitura um tanto mais geopolítica e universalista, pela potência de ser regional, em curso naquele momento. Deslocando a lógica da dialética do localismo e do cosmopolitismo de Antonio Candido (2014), centrada na análise de um panorama brasileiro e detalhada no artigo “*Literatura e Cultura de 1900 a 1945*”, observamos essa tensão entre o “dado local” e os “moldes herdados da tradição europeia” sob o prisma da autonomia e da afirmação, como o próprio intelectual ressalta haver em relação a momentos de tomada de consciência. Para Candido (2014), a fase do modernismo que compreende os anos de 1922-1945, a segunda, já apresenta um desconhecimento da “velha mãe-pátria” portuguesa, que deixa de “existir para nós como termo a ser enfrentado e superado”. É importante destacar o fato de que a análise de Antonio Candido se dá em relação à produção literária feita no período. Contudo, ainda que esse

<sup>79</sup> Proferida em 8 de fevereiro de 1935, na Associação Cristã de Moços de Montevidéu.

caráter de "rebeldia" se sinta presente em colocações de Cascudo e de Soto, por exemplo, é notável o enfoque moderno: a negação de valores europeus dá lugar ao interesse – à afirmação – pelo que urge além das fronteiras, que, paradoxalmente, é ser local e cosmopolita.

A fase culminante da nossa afirmação – a Independência política e o nacionalismo literário do Romantismo – se processou por meio de verdadeira negação dos valores portugueses, até que a autoconfiança do amadurecimento nos levasse a superar, no velho diálogo, esta fase de rebeldia. (CANDIDO, 2014, p. 118)

Como vimos anteriormente, a pauta de uma fraternidade latino-americana não parecia ser a tônica do momento para Mário, muito embora ele dialogasse com todos esses intelectuais e pudesse notar certas semelhanças históricas do momento, em interlocução com uma origem que se relacionava de diversas maneiras. Em "consciência americana", escreve Soto a Mário de Andrade já na década de 1930. Em 1924, contudo, na correspondência sem data destinada a Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade discorre sobre o que pensa a respeito do caráter nacional das artes feitas no Brasil, até o momento e à época e discorda do amigo mineiro ao se contrapor a um "apertado dilema" entre nacionalismo e universalismo. Mário relaciona a repetição de costumes e práticas europeias a um estado primitivo. Para ser universalista, é preciso criar. Criação que não ignora a valorização da tradição.

"Nós, imitando ou repetindo a civilização francesa, ou a alemã, somos uns primitivos, porque estamos ainda na fase do mimetismo. Nossos ideais não podem ser os da França porque as nossas necessidades são inteiramente outras, nosso povo outro, nossa terra outra etc. Nós só seremos civilizados em relação às civilizações o dia em que criarmos o ideal, a orientação brasileira. Então passaremos da fase do mimetismo pra fase da criação. **E então seremos universais, porque nacionais**<sup>80</sup>." (FROTA, 2002, p. 71).

Câmara Cascudo e Mário de Andrade se distanciavam, neste aspecto, em suas confabulações com escritores latino e sul-americanos. Contudo, faz-se notar que, para todos eles, urgia consumir uma visão de identidade que extrapolasse, porque em coexistência, fronteiras geográficas, geopolíticas e idiomáticas.

---

<sup>80</sup> Grifo da pesquisadora.

#### 4. Súmulas de interlocutores sul-americanos citados na pesquisa

Arturo Capdevila (1889-1967)

Dramaturgo, ensaísta e poeta argentino, foi também juiz, professor de filosofia e sociologia e historiador. Publicou, entre outras obras, *Arbaces, maestro de amor* (1945), *Córdoba del recuerdo* (1923) e os contos de *La ciudad de los sueños* (1925), além de poesia (*El libro de la noche* (1917) ou *El libro del bosque* (1948)) e drama.

Benjamín de Garay (?-?)

Escritor e tradutor argentino, foi um dos primeiros tradutores e críticos da obra do romancista alagoano Graciliano Ramos (1892-1953) fora do Brasil e um dos responsáveis pela divulgação de produções literárias brasileiras nos países de língua espanhola da América Latina. Em texto de Cascudo, como vimos anteriormente, Garay teria realizado traduções de "Machado, Aluizo, Euclides, Afranio".

Domingo Fernández Beschtedt, ou Fernán Félix de Amador (1889-1954)

Escritor, poeta e jornalista argentino, o catedrático Fernán Félix de Amador foi professor da Escola Nacional de Artes de Buenos Aires na década de 1920 e acadêmico da Academia Nacional de Belas Artes (1936), além de docente da Universidade Nacional de La Plata. Autor de *El Libros de Horas* (1910) e *La Copa de David* (1923), entre outras obras.

Froylán Turcios (1875-1943)

Escritor, jornalista e político hondurenho, Froylán Turcios foi um dos mais importantes intelectuais de seu país no início do século XX. Foi ministro de Estado e diretor de uma série de revistas literárias e jornais. Autor de *Mariposas* (1894), *Reglones* (1899), *Annabel Lee* (1906), *El vampiro* (1910) e *Tierra Materna* (1911).

Gustavo Adolfo Martínez Zuviría, ou Hugo Wast (1883-1962)

Mais conhecido por seu pseudônimo, Hugo Wast, foi um renomado romancista e roteirista argentino. Autor de obras como *Flor de Durazno* (1911) e *La Casa de Los Cuervos* (1917). Em 1926, recebe o Prêmio Nacional de Literatura por seu romance *Desierto de Piedra*, de 1925

Horacio Quiroga (1878-1937)

Intelectual uruguaio célebre por seus contos fantásticos e macabros e por ser leitor do norte-americano Edgar Allan Poe. Sua obra é extensa, e entre ela se encontram *Cuentos de amor, de locura y de muerte* (1917), *El desierto* (1924) e *Los desterrados* (1926). Seguidor de Darío, Quiroga teve um fim de vida trágico, à semelhança de alguns de seus tantos contos.

Juan Crisóstomo Ruiz de Nervo, ou Amado Nervo (1870-1919)

Considerado um dos maiores poetas mexicanos, Amado Nervo, pseudônimo de Juan Crisóstomo Ruiz de Nervo, foi escritor e diplomata, além de ter atuado como jornalista no início de sua vida profissional, tendo sido correspondente do jornal *El Mundo* em Paris, na França. Publicou, entre outras obras, o romance *O bacharel* (1895) e poemas em *Pérolas negras e Místicas* (1898).

Leopoldo Marechal (1900-1970)

Foi um poeta, dramaturgo e ensaísta argentino, vencedor do primeiro Premio Nacional de Poesía, em 1941, pelas obras *Sonetos a Sophia* e *El centauro* (ambas de 1940). É o autor de *Adán Buenosayres* (1948), uma das novelas mais importantes da literatura argentina.

Luis Emilio Soto (1902-1970)

Um dos maiores críticos literários da Argentina entre as décadas de 1920 e 1950, Luis Emilio Soto teve parte de suas obras foi publicada pela revista *Sur* em fins de 1930, assumiu a direção da página bibliográfica de *La Razón* em 1945 e, entre 1960 e 1961, foi responsável pelo suplemento cultural de *El Mundo*. Ainda na década de 1960, lecionou na Universidade de Michigan e Boston. Artigos e ensaios seus apareceram em inúmeras publicações argentinas e estrangeiras.

Moisés Isaakovich Kantor (1879-1946)

Dramaturgo e político russo-argentino, Moisés Kantor é autor de ampla obra dedicada a diferentes campos do conhecimento: de geologia e metalurgia à filosofia e estética. No e sobre teatro, publicou, em periódicos, "Noche de Resurrección: Esbozo dramático en 3 actos" (1917), "Victoria Colonna: Poema dramático en tres actos con un prólogo" (1922) e "Halima: Leyenda dramática en un acto" (1922).

Norah Lange (1905-1972)

Escritora norueguesa-argentina, Norah Lange publicou nas revistas *Prisma*, *Proa* e *Martín*

Fierro e foi integrante do grupo de artistas de vanguarda chamado Florida, que incluiu também personalidades como o poeta argentino Oliverio Girondo -- com quem esteve casada entre 1943 e 1967 -- e Jorge Luis Borges.

#### Pedro Juan Vignale (1903-1974)

Intelectual argentino e diplomata, Pedro Juan Vignale foi um dos escritores argentinos mais articulados nos anos iniciais do século XX. Colaborador da revista *Martín Fierro* e diretora da revista *Poesía*, publicou em diversos periódicos argentinos e estrangeiros. Com César Tiempo, organizou o volume *Exposición de la Actual Poesía Argentina (1922-1927)*. É autor de, entre outras obras, *Sentimiento de Germana* (1927).

#### Ricardo Güiraldes (1886-1927)

Novelista, poeta e contista argentino, foi um dos maiores escritores de sua época. Güiraldes tornou-se amplamente aclamado pelo romance *Don Segundo Sombra* (1926). Durante a sua trajetória intelectual, colaborou com periódicos de seu país, como em *Martín Fierro* e *Caras y Caretas*, foi inspiração para o grupo Florida e publicou sua produção poética, como em *El Cencerro de Cristal* (1915), entre outros.

#### Ricardo Gutiérrez (1838-1896)

Médico e poeta argentino, Ricardo Gutiérrez foi membro da Academia Nacional de Belas Artes da Argentina, criador e diretor da instituição pediátrica pública Hospital de Niños, em Buenos Aires, em 1875, e autor de produções poéticas em: *Poesías escogidas de Ricardo Gutiérrez* (1878), *Poemas* (1915) e *El libro de los cantos* (1878), entre outros.

#### Rufino Blanco-Fombona (1874-1944)

Historiador e intelectual venezuelano, Rufino Blanco-Fombona foi figura central na divulgação de escritores latino-americanos pelo mundo. Indicado ao Nobel de Literatura diversas vezes, é autor de, entre outras obras, *Cuenos americanos* (1904), *Grandes escritores de América* (1917) e *La bella y la fiera* (1931).

## Considerações Finais

Apesar de grande parte desta pesquisa ter sido gestada durante o ano do bicentenário da Independência do Brasil e do centenário da Semana de Arte Moderna de 1922, o caminho percorrido para a escrita foi iniciado em 2015, se for possível estabelecer um marco temporal para fatos que mesclam desenvolvimento acadêmico com predileções e motivos que também se dão em trajetórias muito pessoais. Quando tive contato – por mera curiosidade pela leitura – com as correspondências trocadas por Carlos Drummond e Mário de Andrade, passei a questionar a narrativa unívoca sobre um olhar singular, enquanto identidade, voltado para o Brasil. Construtores de nacionalidades, como o foram alguns escritores e artistas brasileiros das décadas de 1920 a 1950, intelectuais como Mário e Luís da Câmara Cascudo engendraram ou reforçaram um movimento situado em um outro local, próximo a uma americanidade literária, em ambos os casos, almejando certa perspectiva universalista e integradora para a literatura brasileira.

Sendo efemérides convites para repensarmos as leituras que fazemos de fatos e acontecimentos de nossa história, os cem anos da semana que inicia – ainda que simbolicamente em muitos aspectos – diálogos por modernidade em nossas artes foram marcados por diversos movimentos de rememoração, questionamento e desconstrução. A presente pesquisa se somou a essas interpretações que são sempre complementares, nunca excludentes. O centenário porvir do segundo livro de Câmara Cascudo, ainda em primeira e única edição até os dias de hoje, o *Joio*, também acena para o resgate de uma obra basilar sobre as nossas conexões com a Ibero-América literária, ainda que a importante data não tenha sido entrevista no início das pesquisas.

Se o caminho para esta dissertação teve como ponto de partida as demarcações que Mário de Andrade traçava em suas cartas sobre termos como nacionalismo e identidade, é importante ressaltar a imensa contribuição, e reforço para o que eu tencionava propor, de um olhar para o período modernista brasileiro mais fragmentado, tendo em vista os diferentes fluxos de modernismos que incorreram em um mesmo território, o nosso país, e em diferentes microcosmos e realidades, como nos estados de São Paulo e do Rio Grande do Norte neste estudo. Em nada inovadora, e até um tanto previsível, essa visão, contudo, ainda falha em se fazer presente em leituras e produções que recordam o início do século passado – as ações que marcaram o centenário da Semana são exemplo disso.

Como eventos que reverberam até os dias atuais, um olhar centrado majoritariamente no Sul, nas mesmas narrativas e trajetórias, invisibiliza esforços homéricos em prol da

divulgação das nossas artes e de uma integração regional e literária que teve início muito antes da segunda metade do século anterior na figura de Câmara Cascudo. A rede de sociabilidade formada e mantida pelo intelectual potiguar tem sido objeto de destaque de pesquisadores – em sua maioria de instituições da região Norte do Brasil –, contudo se faz simbólico reforçar a importância de Cascudo no alargamento do cabedal de contatos de Mário de Andrade, tão acordado por seu arcabouço epistolar.

São então múltiplas as faces dos modernismos brasileiros: de um movimento essencialmente nacionalista, ou imiscuído em um regionalismo brasileiro, a uma proposição cosmopolita e francófila, passando por uma dimensão universalista, tão presente nos discursos de Mário, e iberista, defensora de uma latinidade centro-americana, panorama ensejado por Câmara Cascudo.

Esta visão se apoia na expansão de círculos de amizade – inclusive, a própria rede estabelecida por eles – para fora do Brasil em um exercício de diplomacia intelectual, por meio de escritos em periódicos, publicações e correspondências. Como mediadores, Mário e Cascudo somaram esforços emergentes de superação das fronteiras territoriais e idiomáticas e divulgação da literatura brasileira, mas, em confraternidade – uma das palavras-chave nesta pesquisa –, buscaram enriquecer a cena intelectual nacional fazendo chegar ao Brasil obras e exemplares de pares ibero-americanos.

Um século depois, com uma integração absoluta e um conhecimento propagado imediatamente, proporcionados por inovações tecnológicas das últimas décadas, estas considerações finais, por fim, se inscrevem em um momento particular de retomada das relações diplomáticas no campo tradicional da política. Após 4 anos de movimentos conservadores que conduziram a fraturas nas relações bilaterais entre grande parte dos países latino-americanos, uma das primeiras ações do presidente eleito para exercício de mandato a partir de 2023 foi uma viagem tendo como destino a Argentina e o Uruguai. Se este estudo, então, se daria em um caráter de resistência, um ato político, em um momento de distanciamento, hoje ele reforça algumas percepções basilares: a de nossa fraternidade cultural e histórica, porque de origem, a de uma integração pelo sul, pois *nosso norte é o sul*<sup>81</sup>, a de "**sermos um povo latino**, de herança cultural europeia, mas etnicamente mestiço, **situado no trópico**, influenciado por culturas ameríndias e africanas"<sup>82</sup>, como diria Antonio Candido.

---

<sup>81</sup> Ver mais em "La Escuela del Sur", por Torres García.

<sup>82</sup> Em "Literatura e Cultura de 1900 a 1945", CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014.

Embora ainda exista muito a desbravar nos relacionamentos estabelecidos entre escritores sul-americanos, uma empreitada que colaborará com o reconhecimento de tantas trajetórias fragmentadas em registros<sup>83</sup>, o empenho desses intelectuais finca até os dias atuais detalhes de vida e da obra de figuras fundamentais para a história cultural e literária latino-americana e um tanto desconhecidas do público brasileiro.

---

<sup>83</sup> Alguns dos escritores mencionados na presente pesquisa contam, por exemplo, com poucas informações sobre vida e obra disponíveis digitalmente em uma busca geolocalizada.

## Referências Bibliográficas

ALVES, Alexandre. Câmara Cascudo e Walt Whitman: poesia moderna em diálogos tradutórios. In: ARAÚJO, H. H.; FERREIRA, J. L. (org). **Interlocuções latino-americanas: Câmara Cascudo e escritores estrangeiros**. João Pessoa: Ideia, 2018.

AMERICA BRASILEIRA: resenha da actividade nacional. Rio de Janeiro: [s.n.], 1922-1924. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm-ext/1072>>. Acesso em: 16 de outubro de 2022.

ANDRADE, Carlos Drummond de, 1902-1987. **Carlos e Mário: correspondência entre Carlos Drummond de Andrade – inédita – e Mário de Andrade: 1924-1945 / Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade**; organização: Lélia Coelho Frota; apresentação e nota às cartas de Mário de Andrade: Carlos Drummond de Andrade; prefácio e notas às cartas de Carlos Drummond de Andrade: Silviano Santiago. – Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi Produções Literárias, 2002.

ANDRADE, Mário de. *Carta de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo. 03 fev. 1926b*. In: MORAES, M. A. **Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas, 1924-1944**. São Paulo: Global Editora, 2010.

ANDRADE, Mário de. **Clara Argentina**. A Manhã, 26, setembro de 1926. Suplemento de S. Paulo.

ANDRADE, Mário de. **Literatura modernista Argentina I**; São Paulo: Diário Nacional (Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP)/Plataforma de Estudos do Primeiro Modernismo Literário Brasileiro). 22 abril. 1928a.

ANDRADE, Mário de. **Literatura modernista Argentina II**; São Paulo: Diário Nacional (Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP)/Plataforma de Estudos do Primeiro Modernismo Literário Brasileiro). 29 abril. 1928b.

ANDRADE, Mário de. **Literatura moderna Argentina III**; São Paulo: Diário Nacional (Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP)/Plataforma de Estudos do Primeiro Modernismo Literário Brasileiro). 13 maio. 1928c.

ANDRADE, Mário de. **Literatura moderna Argentina IV**; São Paulo: Diário Nacional

(Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP)/Plataforma de Estudos do Primeiro Modernismo Literário Brasileiro). 20 maio. 1928d.

ANDRADE, Mário de. Prefácio Interessantíssimo, 1922. In: **Pauliceia Desvairada**. São Paulo: Editora Principis, 2019.

ANDRADE, Mário de. Prefácio Interessantíssimo, 1922. In: **Pauliceia Desvairada**, 1922. Disponível em: <<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/jogo/pauliceia.asp>> Acesso em: 15 de junho de 2022.

ARAÚJO, H. H.; FERREIRA, J. L. (org). **Interlocuções latino-americanas**: Câmara Cascudo e escritores estrangeiros. João Pessoa: Ideia, 2018.

ARTUNDO, Patricia. **Mário de Andrade e a Argentina**: um país e sua produção cultural como espaço de reflexão. São Paulo: Ed. da USP, 2004.

ARTUNDO, Patricia M. (org.). **Correspondência Mário de Andrade e Escritores/Artistas Argentinos**/organização, introdução e notas, Patricia Artundo; tradução, Gênese Andrade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, 2013.

BOBBIO, Norberto, 1909-. **Dicionário de política**/Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino; trad. Carmen C, Varriale et ai.; coord. trad. João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luís Guerreiro Pinto Cacaís. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 13a ed., 4a reimpressão, 2010. Vol. 1: 674 p. (total: 1.330 p.)

BOBBIO, Norberto, 1909-. **Dicionário de política**/Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino; trad. Carmen C, Varriale et ai.; coord. trad. João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luís Guerreiro Pinto Cacaís. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 13a ed., 4a reimpressão, 2010. Vol. 2: 656 p. (total: 1.330 p.)

BOMFIM, M. **A América latina: males de origem** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. 291 p. ISBN: 978-85-99662-78-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

**BRUNO**, Paula G. Paul Groussac y 'La Biblioteca' (1896-1898). *Hispanamérica*, vol. 32, no.

94, 2003, pp. 87–94. *JSTOR*. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/20540457>>. Acesso em: 29 Jan. 2023.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989. p. 140-162: Literatura e subdesenvolvimento.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014.

CANDIDO, Antonio. **Uma palavra instável**. Folha de S.Paulo, São Paulo, 27 ago. 1995. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/8/27/mais!/26.html>> e em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/8/27/mais!/27.html>> . Acesso em: 2 de fevereiro de 2022.

CARDOSO, Rafael. **Modernidade em preto e branco: Arte e imagem, raça e identidade no Brasil, 1890-1945**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CARVALHO, Elysio de. **Suave Austero**. [s.l.] Edição da America Brasileira e Anuario do Brasil, 1925.

CASCUDO, Luís da Câmara. **O Sr. Mário de Andrade**, A Imprensa, 11 jun. 1924. In: Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP.

CASCUDO, Luís da Câmara. **O dogma do Imperialismo americano**. A República, Natal, 21 jun. 1928a.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Associação das repúblicas hispano-americanas**. A República, Natal, 21 jun. 1928b.

CASCUDO, Luís da Câmara. **[Sem título]**. A Imprensa, Natal, 30 nov. 1918d. Bric-à-Brac, p. 1.

COHN, Amélia; HIRANO, Sedi. **Diário Nacional**. In: FGV CPDOC. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 2009. Disponível em: <<https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diario-nacional>>. Acesso

em: 15 maio. 2022.

COSTA, Maria Ione Caser da. AMERICA BRASILEIRA: RESENHA DA ATIVIDADE NACIONAL. Biblioteca Nacional Digital, Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/titulos-impressos-periodicos-literatura/america-brasileira-resenha-da-atividade-nacional/>>. Acesso em: 16 de outubro de 2022.

COUTINHO, Eduardo F. La literatura comparada en América Latina: sentido y función. Voz y Escritura: Revista de estudios literarios, Mrida, v. 1, n. 14, p.237-258, 13 maio 2008. Anual. Disponível em: <<http://www.saber.ula.ve/bitstream/123456789/25206/2/articulo14.pdf>> Acesso em: 3 maio. 2022.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?: e outras interinvenções** / Mia Couto —1a ed.— São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CRONOLOGIA. Ludovicus – Instituto Câmara Cascudo. Disponível em: <<http://www.cascudo.org.br/biblioteca/vida/cronologia/>>. Acesso em: 28 maio. 2022

CUBA contemporânea. Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional de España. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bne.es/details.vm?lang=es&q=id:0004766084>>. Acesso em: 10 maio. 2022.

CUBA contemporânea. In: Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional de España. v. 151, n. 38, p. 290-292, julho de 1925. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bne.es/issue.vm?id=0004779324&page=78&search=Camara+Cascudo&lang=es>>. Acesso em: 19 maio. 2022.

DUTRA, Eliana. Circuitos da mediação intelectual no Brasil e na Argentina: literaturas nacionais e trocas culturais transnacionais. In: Intelectuais mediadores [recurso eletrônico]: práticas culturais e ação política / organização Angela Maria de Castro Gomes, Patricia Santos Hansen. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

FERREIRA, José Luiz. **Gilberto Freyre e Câmara Cascudo**: entre a tradição, o moderno e

o regional. Tese (Doutorado em Literatura Comparada, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008.

FERREIRA, José Luiz. Esparsos de Câmara Cascudo: leitura e divulgação de obras e escritores estrangeiros nos anos de 1920 (excertos de um relatório de pesquisa). In: ARAÚJO, H. H.; FERREIRA, J. L. (org). **Interlocuções latino-americanas: Câmara Cascudo e escritores estrangeiros**. João Pessoa: Ideia, 2018.

FERREIRA, José Luiz. **Modernismo e tradição**: leitura da produção crítica de Câmara Cascudo nos anos 20. 2000. 135 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2000.

FROTA, Lélia Coelho (Org.). **Carlos e Mário**: correspondência entre Carlos Drummond de Andrade – inédita – e Mário de Andrade: 1924-1945. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi Produções Literárias, 2002.

GOMES, Angela de Castro. Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo. In: **Estudos Históricos**, vol. 6, n. 11. Rio de Janeiro, 1993.

INOJOSA, Joaquim. **Crítica e polêmica**. Rio de Janeiro: Editora Férias, 1962. (Estudos diversos 2). p 111-113: Luís da Câmara Cascudo

INOJOSA, Joaquim. **A Arte Moderna/O Brasil Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ed. Meio-Dia, 1977.

INSTITUTO HISTÓRICO DE PETRÓPOLIS: <https://ihp.org.br/?p=736> Acesso em 13 de novembro de 2022.

JACKSON, Luiz Carlos; BLANCO, Alejandro. **Sociologia no espelho: Ensaístas, cientistas sociais e críticos literários no Brasil e na Argentina (1930-1970)**. São Paulo: Editora 34, 2014.

KLAXON: Mensário de Arte Moderna – Edição fac-similar. Organização: Pedro Puntoni e

Samuel Titan Jr. Ensaio: Gênese Andrade. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 2014.

LEMOS, Clarice Cladini. intercâmbio cultural luso-brasileiro através das revistas *America Brasileira*, *Lusitania* e *Nação Portuguesa* (1921-1927) / Clarice Caldini Lemos; orientador, Maria de Fátima Fontes Piazza, 2017. 328 p.

Lopez, T. P. A. (1969). Cronologia geral da obra de Mário de Andrade publicada em volume. *Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros*, (7), 139-172.

MACHADO, Isabel Cristine. Revista *Cigarra*: Cenário social de Natal nos anos de 1920. Artigo - Repositório Científico da Universidade Potiguar, 2012.

MATOS, Regiane. **Mário de Andrade no diálogo epistolar com intelectuais e escritores uruguaios, peruanos, chilenos e colombianos: edição da correspondência**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Culturas e Identidades Brasileiras do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.

MATOS, Regiane. **O provinciano cosmopolita: redes internacionais de sociabilidade literária e as crônicas de viagem de José Lins do Rego nos anos 1940 e 1950**. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) - Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getulio Vargas. Rio de Janeiro, 2020.

MONTEIRO, Pedro Meira (UNIVESP). **Cartas trocadas: Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda**. YouTube, 13-16 set. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CCvzCVY7Uo4&list=PL812AA951FAA51F50&index=5>>.

MOLINA, Matías M. **O terror de presidentes**. *Observatório da Imprensa*, 19, setembro de 2011. Entre Aspas; Imprensa em Questão.

MEDEIROS, Joatan David Ferreira de. **Câmara Cascudo e a Argentina intelectual: um joio na seara latino-americana**. 2016. 120f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem)

- Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

MICELI, Sergio. **Vanguardas em retrocesso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MORAES, M. A. **Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas, 1924-1944**. São Paulo: Global Editora, 2010.

OLIVEIRA, G. R. P. L. de; LIMA, M. V. de. Câmara Cascudo e a divulgação do Modernismo brasileiro na Argentina (1922-1925). *Revista de História, [S. l.]*, n. 181, p. 1-29, 2022.

OLIVEIRA, Giuseppe Roncalli Ponce Leon de. **Correspondência Modernista e Regionalista de Luís da Câmara Cascudo (1922-1984)**. 1ª ed. João Pessoa: CCTA/UFPB, 2019.

OLIVEIRA, G. R. P. L. de; LIMA, M. V. de. **Câmara Cascudo e a divulgação do Modernismo brasileiro na Argentina (1922-1925)**. *Revista de História, [S. l.]*, n. 181, p. 1-29, 2022. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.2022.194987. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/194987>. Acesso em: 10 dez. 2022.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Vira e mexe, nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Piazza, M. de F. F. (2007). Tal Brasil, qual América? a América Brasileira e a cultura ibero-americana. *Diálogos Latinoamericanos*, 8(12), 26.

PIÑERO VALVERDE, María de la Concepción. **Notas sobre o Brasil no Iberismo de Juan Valera**. Notandum: *Revista Semestral Internacional de Estudios Académicos*, v. 5, n. 9, p. 23-28, 2002. Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/item/001262472>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

PRADO, Antonio Arnoni. **Cenário com retratos: Esboços e perfis**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do Império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru, SP: Edusc, 1999.

Recenseamento do Brasil: Volume IV - População do Brazil por Estados, municípios e districtos, segundo o sexo, o estado civil e a nacionalidade. 1926. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv6461.pdf>> Acesso em 9 nov. 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Toward a New Common Sense: law, science and politics in the paradigmatic transition**. Nova Iorque: Routledge, 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa e MENESES, Maria Paula (orgs). **Epistemologias do sul**. 2a ed. Coimbra: Edições Almedina, 2010.

SETEMY, Adriana. Revista do Brasil. Rio de Janeiro: FGV CPDOC, s.d. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/REVISTA%20DO%20BRASIL.pdf>> Acesso em 8 ago. 2022.

SCHWARZ, Roberto. **As ideias fora do lugar**. São Paulo: Penguin-Companhia, 2014.

SOARES, Gabriela Pellegrino. Diálogos culturais latino-americanos na primeira metade do século XX. In: Projeto História, São Paulo, v. 1, n. 32, p. 241-256, jun. 2006

SOTO, Luis Emilio. Carta de Luis Emilio Soto a Luís da Câmara Cascudo; Natal (Acervo do Instituto Câmara Cascudo). 07 mai. 1925a.

SOTO, Luis Emilio. Carta de Luis Emilio Soto a Luís da Câmara Cascudo; Natal (Acervo do Instituto Câmara Cascudo). 08 set. 1925b.

SOTO, Luis Emilio. Carta de Luis Emilio Soto a Luís da Câmara Cascudo; Natal (Acervo do Instituto Câmara Cascudo). 31 dez. 1925c.

VELHO, Gilberto. **A utopia urbana**: Um estudo de antropologia social. [S. L.]: Zahar, 1973.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: VELHO, Gilberto. **Um antropólogo na cidade**: ensaios de antropologia urbana. [S. L.]: Zahar, 2013. Cap. 6.

VELHO, Gilberto. Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas. In: VELHO, Gilberto. **Um antropólogo na cidade**: ensaios de antropologia urbana. [S. L.]: Zahar, 2013. Cap. 8.

VELHO, Gilberto. Trajetória individual e campo de possibilidades. In: VELHO, Gilberto. **Um antropólogo na cidade**: ensaios de antropologia urbana. [S. L.]: Zahar, 2013. Cap. 8.

VELHO, Gilberto e KUSCHNIR, Karina (orgs.). **Mediação, cultura e política**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

## ANEXOS

### A) Cronologia política e literária

Esta cronologia não foi forjada na intenção de ser definitiva, até porque tal missão seria ambiciosa, leviana, enciclopédica e falharia. Trata-se de uma cronologia de estudo e de caminho, centrada nos personagens intelectuais e episódios relevantes para a presente pesquisa e em feitos paralelos de figuras que atravessam os estudos empreendidos nesta dissertação. Decidi inseri-la neste anexo, pois foi literalmente escrita durante o meu percurso, fruto de construção e aprendizado. Acredito que ela possa colaborar com futuras pesquisas sobre o tema ou que dialoguem com assuntos relacionados.

#### - Século XIX

1810, Argentina: Início das guerras pela Independência da Argentina ou das Províncias Unidas do Rio da Prata

1879, Moldávia (Ferapontievca): Nascimento de Moysés Kantor

1880, Brasil (Alagoas): Nascimento de Elysio de Carvalho

1883, Argentina (Córdova): Nascimento de Hugo West

1886, Brasil (Rio de Janeiro): Nascimento de Manuel Bandeira

1890, Brasil (São Paulo): Nascimento de Oswald de Andrade

1893, Brasil (São Paulo): Nascimento de Mário de Andrade

1898, Brasil (Rio Grande do Norte): Nascimento de Luís da Câmara Cascudo

#### - 1900 - 1910

1900, Brasil (Pernambuco): Nascimento de Gilberto Freyre

1901, Brasil (Pernambuco): Nascimento de Joaquim Inojosa

1902, Brasil (Minas Gerais): Nascimento de Carlos Drummond de Andrade

1902, Argentina (?): Nascimento de Luis Emilio Soto

1902, Cuba: Cuba Contemporánea é lançada e tida como a primeira grande revista do

pensamento cubano do início do século XX. Dedicada a temas diversos, seguindo de cultura à religião, passando por educação, administração pública e esporte

1907, Argentina (Buenos Aires): Periódico *Nosotros*, "instância máxima de consagração nas letras argentinas nas décadas de 1910 e 1920" (MICELI, 2012). Foi publicado até 1943.

1908, Portugal: Assassinato do rei dom Carlos e de seu primogênito Luís Filipe

1910, Portugal: Instauração da República portuguesa

1911, Argentina: Hugo Wast publica *Flor de Durazno*

1912, Brasil (Rio de Janeiro): "O ano de 1912 marca o encontro definitivo de Rubén Darío com Elycio de Carvalho, quando aquele veio, pela segunda vez, ao Rio de Janeiro, hospedando-se no Hotel Santa Teresa, no bairro do mesmo nome; já havia estado no país como delegado da Nicarágua na Terceira Conferência Internacional de Estados Americanos, em 1906." (PIAZZA, 2007)

1913, Brasil (São Paulo): Mário de Andrade torna-se professor de História da Música no Conservatório de São Paulo

1914, Brasil (Natal): O jornal *A Imprensa* é fundado por Francisco Justino de Oliveira Cascudo (1863-1935), "um dos três maiores conversadores de Natal", segundo Câmara Cascudo (MORAES, 2010 p. 155)

1916, Brasil (São Paulo): É fundada a *Revista do Brasil*, por Júlio de Mesquita, seu idealizador e também proprietário de O Estado de S. Paulo. Foi adquirida posteriormente por Monteiro Lobato e Assis Chateaubriand

1916, Argentina: Hugo Wast publica *La Casa de los Cuervos*

1917, Brasil (São Paulo): Mário de Andrade estreia com *Há uma gota de sangue em cada poema* e assina seus versos como Mário Sobral (pseudônimo)

1918, Brasil (Rio Grande do Norte): Câmara Cascudo passa a publicar em *A Imprensa*

1919, Argentina: Hugo Wast publica *Ciudad Turbulenta, Ciudad Alegre*

1920, Brasil (Rio Grande do Norte): *Revista do Centro Polymathico* – "periódico de publicação trimestral editado em Natal/RN – publica em agosto de 1920 a sua edição nº 2. Nela, dois textos de autoria de Câmara Cascudo: 'Violão, voz da raça' (p. 10-15) e o 'O Theatro de Moysés Kantor' (p. 109-115). Neste último texto, Cascudo relata o recebimento da edição de *Nosotros*, Buenos Aires, 1919, que reúne três dramas do teatrólogo portenho Moisés Kantor, possível envio de Monteiro Lobato" (MEDEIROS, 2016)

1921, Brasil (São Paulo/Rio de Janeiro): Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Armando Pamplona (segundo registro de Menotti del Picchia no Correio Paulistano) vão ao Rio de Janeiro. Mário faz a primeira leitura de *Pauliceia Desvairada*. Manuel Bandeira relata: "Em 1921 veio Mário ao Rio e foi então que fiz conhecimento pessoal com o autor de Paulicéia Desvairada (...)" (GOMES, 1993)

1921, Brasil (Rio de Janeiro): A revista *América Brasileira* é fundada por Elycio de Carvalho

1921, Brasil (Rio Grande do Norte): Câmara Cascudo publica o seu primeiro livro, *Alma Patrícia*

1922, Portugal: *Revista Contemporânea*, primeiro periódico do modernismo português

1922, Brasil (São Paulo): A célebre manifestação artístico-cultural da Semana de Arte Moderna inicia no Theatro Municipal de São Paulo no dia 13 de fevereiro – com duração de 5 dias

1922, Brasil (São Paulo): Mário de Andrade é catedrático de Dicção, História do teatro e Estética no Conservatório de São Paulo

A obra *Pauliceia Desvairada* é publicada por Mário de Andrade

1922, Brasil (São Paulo): A *Klaxon*, primeira revista modernista, é fundada em São Paulo. Com circulação até janeiro de 1923, Klaxou foi a primeira publicação do gênero após a Semana de Arte Moderna

1922, Brasil (São Paulo): Mário de Andrade escreve *A gramatiquinha da fala brasileira*, uma obra ainda pouco conhecida do público e nunca publicada em vida pelo autor modernista

1922, Argentina (Buenos Aires): A primeira edição do periódico *Proa* é lançada em agosto. A revista teve uma segunda fase entre 1924 e 1926, com direção de Jorge Luis Borges, Ricardo

Güiraldes, Alfredo Brandán Caraffa e Pablo Rojas Paz

1923, Brasil (Rio de Janeiro): Mário de Andrade publica suas crônicas de Malazarte na América Brasileira

1923, Pernambuco (Recife): Gilberto Freyre retorna do exterior e passa a defender um movimento de retraditionalização

1923, França (Paris): Oswald de Andrade profere na Sorbonne a conferência "L'effort intellectuel du Brésil contemporain"

1923, Brasil: Elyσιο de Carvalho publica *Príncipes del Espiritu Americano*, coletânea de três estudos sobre Rubén Darío, o príncipe dos poetas de língua castelhana, Graça Aranha, o príncipe da literatura brasileira, e Don Rufino Blanco-Fombona, o príncipe do espírito americano

1923, Argentina (Buenos Aires): A primeira edição de *Renovación* é publicada no mês de abril, definindo-se, em suas próprias palavras, como um órgão da união latino-americana e um boletim de ideias que visava divulgar obras espalhadas pela América Latina. Ativa até março/abril de 1930

1924, Brasil (Pernambuco): Câmara Cascudo é estudante na tradicional Faculdade de Direito do Recife

1924, Brasil (Pernambuco): Joaquim Inojosa publica a carta/panfleto "A Arte Moderna". Repercutindo em todo o Nordeste, o documento divulgou o modernismo na região, além de historiar o acontecimento da Semana de 1922 e apresentar as primeiras influências do movimento no Pará e no Rio Grande do Norte

1924, Brasil (Rio Grande do Norte): Ao longo de 1924, Câmara Cascudo publica diversos textos sobre escritores estrangeiros, e com destaque para os relacionados à Argentina intelectual, em A Imprensa

1924, Brasil (Rio Grande do Norte): Câmara Cascudo lança *Joio*, seu segundo livro

1924, Brasil (São Paulo/Rio de Janeiro): Oswald de Andrade publica "Manifesto da Poesia Pau-Brasil" (Correio da Manhã) e *Memórias sentimentais de João Miramar*

1924, Brasil (Rio de Janeiro): *Revista Estética* é fundada por Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes (neto)

1924, Argentina (Buenos Aires): A revista *Martín Fierro* passa a circular a partir de fevereiro de 1924. Sendo um dos "mais recentes ecos da arte ultramoderna da Europa", nas palavras de Mariátegui, a publicação seguiu ativa até dezembro de 1927

1924, Argentina (Buenos Aires): *Los Pensadores. Arte, Crítica y Literatura*, "tribuna do pensamento da esquerda argentina", de acordo com Artundo (2013), é publicado com edição de Luis Emilio Soto e Pedro Juan Vignale e direção de Antonio Zamora (1896-1976). Continuação de *Los Pensadores. Publicación de Obras Selectas* (1922-1924), o periódico seguiu ativo como tal até 1926, quando passou a ser conhecido por *Claridad. Revista de Arte, Crítica y Letras* (1926-1941)

1925, Brasil (Pernambuco): Gilberto Freyre organiza e publica o Livro do Nordeste, em decorrência do primeiro centenário da fundação do *Diário de Pernambuco*

1925, Brasil (Minas Gerais): *A Revista*, publicada na cidade de Belo Horizonte em 1925 e 1926, contou com somente três edições. Um de seus diretores foi Carlos Drummond de Andrade

1926, Portugal (Coimbra): *A Revista Presença* é fundada e marca a segunda fase do modernismo português

1926, Brasil (São Paulo): Luis Emilio Soto e Pedro Juan Vignale chegam a São Paulo nos últimos dias do mês de janeiro

1926, Brasil (São Paulo): A primeira edição do jornal literário modernista *Terra Roxa e Outras Terras* foi publicado em janeiro de 1926

1926, Brasil (São Paulo): Mário de Andrade publica em *A Manhã* o texto "Clara Argentina", datado de 26 de outubro

1926, Brasil (São Paulo): Mário de Andrade publica *Primeiro andar*, obra que marcou a estreia do escritor como contista

1926, Brasil (São Paulo): Mário de Andrade publica o livro de poemas *Losango cáqui*

1927, Brasil (São Paulo): Mário de Andrade publica o livro de poemas *Clã do Jabuti*

1927, Brasil (Rio Grande do Norte): Fotografia registra encontro de Mário de Andrade com Câmara Cascudo em agosto (MORAES, 2010, p. 49, 133). Entre os meses de maio e agosto, o escritor paulista percorre o Norte do Brasil, chegando a Iquitos, no Peru, fronteira com a Bolívia. Trata-se de sua primeira viagem com fins etnográficos

1927, Brasil (Rio Grande do Norte): Câmara Cascudo publica *López de Paraguai* (Natal: Tip. d'A República, 1927)

1927, Brasil (São Paulo): Mário de Andrade inicia colaboração no *Diário Nacional* (de São Paulo), órgão do Partido Democrático, oposicionista. Até setembro de 1932, deixa ampla contribuição

Em 30 de abril, Mário de Andrade publica no *Diário Nacional* a nota "Poesia Argentina", dedicada à Exposición de la Actual Poesía Argentina. De acordo com Artundo (2013), a segunda das dedicadas à literatura argentina naquele ano

1927, Brasil (Rio de Janeiro): A revista Festa é fundada no Rio de Janeiro, com circulação até 1935. Porta-voz de seu grupo homônimo, a publicação tentava valorizar uma linha simbolista e mais espiritualista

1927, Espanha (Madri): La Gaceta Literaria é lançada como uma revista bimestral de vanguarda e dedicada à divulgação artística e científica. A publicação circula até 1932

1928, Brasil (São Paulo): Mário de Andrade publica *Macunaíma*, redigido em 1926-27

1928, Brasil (São Paulo): Entre os meses de abril e maio, Mário de Andrade assina 4 artigos no *Diário Nacional* sobre a literatura argentina: 1) "Literatura modernista Argentina" (I), publicado em 22 de abril de 1928; 2) "Literatura modernista Argentina" (II), publicado em 29 de abril de 1928; 3) "Litteratura moderna Argentina" (III), publicado em 13 de maio de 1928; e 4) "Literatura moderna Argentina", publicado em 20 de maio de 1928.

1928, Brasil (Rio Grande do Norte): A Revista Cigarra é fundada, tendo como diretor o jornalista Aderbal de França. A publicação social circulou até 1929

1928, Brasil: Viagem de Mário de Andrade pelo Nordeste do país: de 27 de novembro de

1928 a 24 de fevereiro de 1929. Desembarca no Rio de Janeiro. Visita Pernambuco, Alagoas, Paraíba e Rio Grande do Norte, em busca de expressões culturais.

1934, Brasil (Rio Grande do Norte): Câmara Cascudo torna-se sócio-correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), colaborando ativamente com a instituição

1935, Brasil (São Paulo): Mário de Andrade recebe convite do prefeito Fábio Prado, nomeando-o como diretor do Dpto. de Cultura da Cidade de São Paulo

1935, Brasil (Rio Grande do Norte): Câmara Cascudo participa da fundação da Academia Norte-rio-grandense de Letras

1937, Brasil (São Paulo): Mário deixa o cargo de diretor do Departamento. de Cultura da Cidade de São Paulo

1938, Brasil (Rio de Janeiro): Mário de Andrade se muda para o Rio de Janeiro

#### - 1930 - 1940

1930, Argentina: Em 6 de setembro, golpe de Estado perpetrado por forças leais ao militar José Félix Uriburu

1930, Brasil: Em 3 de outubro, explode o movimento da Revolução da Aliança Liberal. Ele se arrasta até a deposição de Washington Luís, no dia 24. Getúlio Vargas chega ao Catete em 31 de outubro

1930, Brasil (São Paulo/Rio Grande do Norte): Mário de Andrade convida Câmara Cascudo para escrever para o *Diário Nacional*, periódico paulista lançado em 1927. Jornal paulista diário lançado no dia 14 de julho de 1927 explicitamente como um “instrumento de ação” do Partido Democrático (PD) de São Paulo. A expressão é de um de seus diretores fundadores, Paulo Nogueira Filho. Os outros dois foram José Adriano Marrey Júnior e Amadeu Amaral. (FGV CPDOC, s.d.) Convite feito em correspondência datada de 29 de abril de 1930. Câmara Cascudo aceita em missiva escrita em 9 de maio de 1930.

1930, Brasil (São Paulo): Mário de Andrade publica *Remate de Males* em 15 de dezembro

1931, Brasil (São Paulo) A Revista Nova é lançada. Seus diretores foram Mário de Andrade, Paulo Prado e Antônio de Alcântara Machado

1931, Argentina (Buenos Aires): Revista Sur é lançada e publicada de maneira regular entre 1931 e 1971, sob a direção de Victoria Ocampo

1933, Argentina: É lançada a Revista Multicolor de los Sábados, suplemento literário do diário Crítica

1934, Brasil: Arthur Ramos publica *O negro brasileiro*. “Na década de 1930, ele foi um dos poucos intelectuais eminentes a manifestar apoio ao ativismo em prol dos direitos das pessoas afrodescendentes — posição que fica claríssima no prefácio ao seu estudo sobre folclore negro.” (CARDOSO, 2022)

1934, Brasil (São Paulo): Mário de Andrade publica o livro *Os contos de Belazarte*. As histórias narradas na obra foram lançadas originalmente na revista América Brasileira, em 1924

1935, Brasil: Arthur Ramos publica *O folk-lore negro do Brasil*

1937, Brasil (São Paulo): Realização do Congresso de Língua Nacional Cantada, evento organizado por Mário de Andrade

1938, Brasil (Rio Grande do Norte): Câmara Cascudo publica *O Marquês de Olinda e seu tempo (1793-1870)*, pela Companhia Editora Nacional de São Paulo. Em carta de 9 de maio de 1930, destinada a Mário de Andrade, o historiador diz ter terminado a obra. “Está uma maravilha.” Em carta de 5 de dezembro do mesmo ano, Cascudo diz que tem 3 obras feitas, datilografadas e brochadas. *O Marquês* está entre elas. Interessante apontar o fato do historiador citar também *História da República do Rio Grande do Norte*, publicada apenas em 1965

1942, Brasil (São Paulo): Em fevereiro, na efeméride dos 20 anos da Semana de Arte Moderna, Mário de Andrade publica quatro artigos como balanço em O Estado de S. Paulo

1945, Brasil (São Paulo): Morte de Mário de Andrade

**B) Capas de livros e artigos em jornais e revistas publicados por Câmara Cascudo, Mário de Andrade e mais**

**Figura 1** - Capa de *Joio*, segundo livro de autoria de Câmara Cascudo, publicado em 1924 (CASCUDO, 1924)

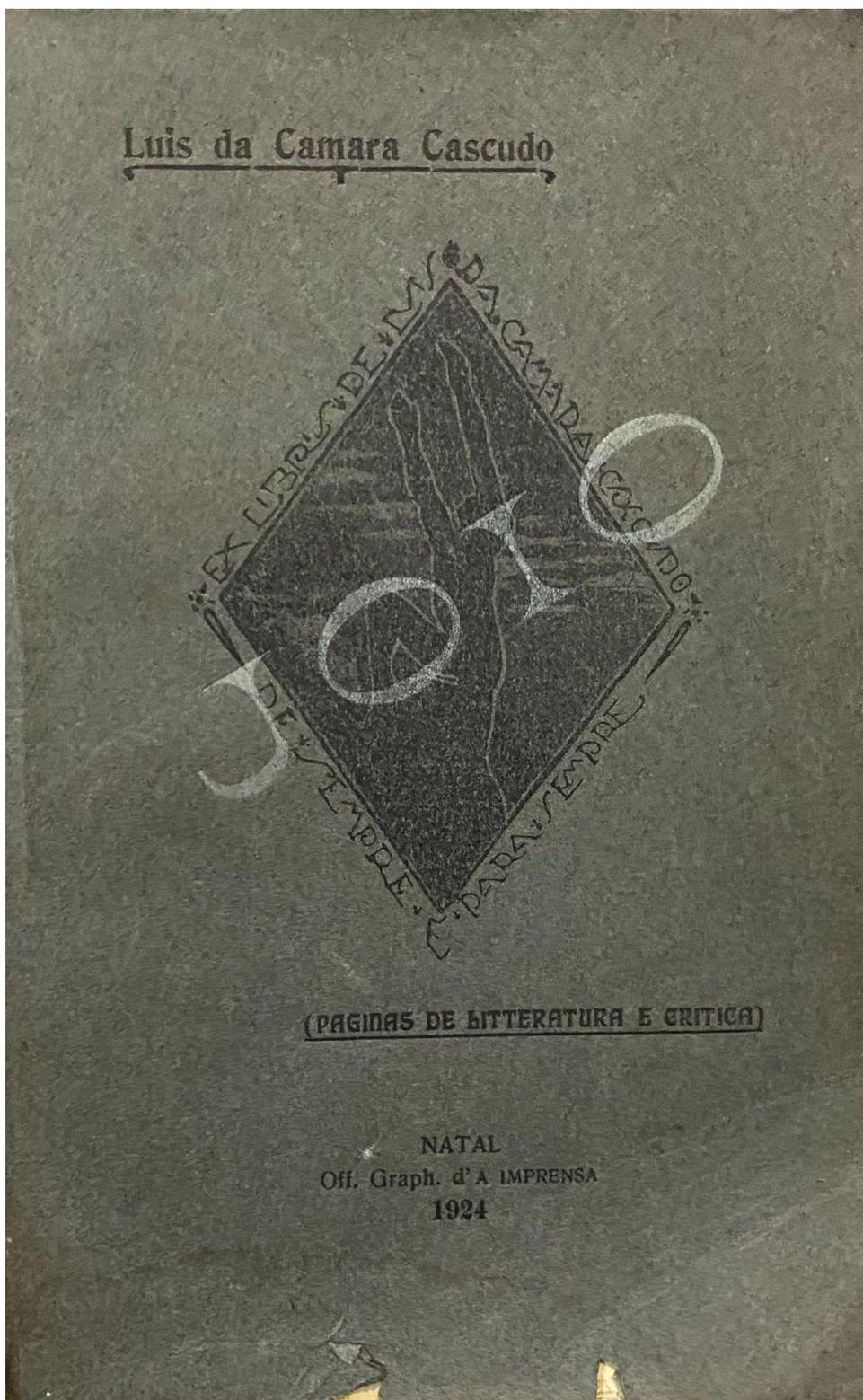


Figura 2 - A edição de número 33 da revista América Brasileira, publicada em setembro de 1924, anuncia a colaboração do escritor venezuelano Rufino Blanco-Fombona

# NOTAS & COMMENTARIOS

**CENTENARIO DE CAMÕES**

A *América Brasileira* publicará um numero especial, de colaboração brasileira, dedicado à comemoração do quarto centenário do nascimento de Luiz de Camões, o qual será organizado com o apoio e o precioso concurso de Afranio Peixoto, o renovador dos estudos camoeranos no Brasil.

**A ACADEMIA E CAMÕES**

Por deliberação unanime, ficou asentado que a sessão especial destinada pela Academia Brasileira à comemoração do quarto centenário do nascimento de Luiz de Camões, se realize na primeira quinzena de novembro do corrente anno.

**MINISTRO ALBERTO D'OLIVEIRA**

Nos dias que permaneceu nesta capital, onde esteve em visita a pessoas da familia, recebeu Alberto d'Oliveira, o eminente escritor portuguez, que com tanto brilho representa Portugal na Argentina, as mais carinhosas manifestações de cordialidade e de apreço por parte de seus confrades brasileiros.

**R. BLANCO-FOMBONA**

Iniciamos neste numero a colaboração de D. Rufino Blanco-Fombona. Poeta dos melhores, romancista forte, suggestivo e original, crítico subtil, polemista destinado e historiador, com uma obra in pressa muito copiosa, não é apenas um dos mais poderosos escriptores da America Espanhola e um dos *leaders* mais applaudidos da intellectualidade sul-americana, mas um dos espiritos mais sinceros, mais livres e mais corajosos que se conhecem. O autor de *Hombre de guerra* e de *Judas Capitolino* nos remetterá frequentemente artigos sobre os mais palpitantes assumptos da actualidade. Blanco-Fombona vive actualmente em Madrid, onde dirige Editorial — America, fecunda iniciativa que relevantes serviços vem prestando á cultura hispano-americana.

**AFRANIO PEIXOTO**

Ha livros que têm um destino risoso: *Bagrinha*, o applaudido romance de Afranio Peixoto, está neste caso. Dos livros de ficção do illustre escriptor brasileiro, é este o mais estimado do nosso publico, que o leu com emoção e com enlevo. Também parece ser o preferido pelo estrangeiro, e tanto assim que, além do seu texto ter inspirado ao Sr. Alexandre Comy, embaixador da Franca no Brasil, um drama em tres actos, acaba de ser traduzido em francez pelo Sr. Conde de Perigny, depois de ter sido vertido para o allemão por Ramon Hieber, para o castelhana por Benjamin de Garay e para o esperanto pelo Sr. Porto Carreiro. A versão do Conde de Perigny, que está sendo publicada na important: revista parisiense *La Vie des Peuples*, é muito correctea, elegante e fiel. *Bagrinha* está em condições de exhibir-se no estrangeiro com honra para as nossas letras.

**ACADEMIA BRASILEIRA**

Realizou-se no dia 27 de Agosto ultimo a eleição para a vaga de Vicente de Carvalho na Academia Brasileira. Achavam-se presentes 29 academicos. Dos ausentes enviaram votos os Srs. Domício da Gama, Rodrigo Octavio, Aloysio de Castro, Luiz Guimarães Filho, Filinto de Almeida, Alcides Maya e Magalhães de Azeredo, (7). Abstiveram-se de votar os Srs. Clovis Bevilacqua, Oliveira Lima e Helio Lobo, (3). Procedendo-se á votação foram os seguintes os resultados dos tres escrutinhos effectuados:

	1.º	2.º	3.º
Claudio de Souza....	10	12	23
Jackson de Figueiredo	10	11	3
Luiz Carlos.....	8	9	5
Adelmar Tavares....	5	3	—
Roquette Pinto.....	3	1	—
	—	—	—
	36	36	36

e Claudio de Souza foi proclamado eleito. Claudio de Souza é um escriptor de brilhante reputação e a sua obra, com ser das mais copiosas, é por muitos titulos digna de apreço. Claudio de Souza nasceu em S. Paulo, em 20 de Outubro de 1876 formando-se em medicina, nesta capital, onde, aos 17 annos, escreveu a sua primeira comedia: *Mala ou ella te metará*, representada pela companhia Ismenio dos Santos, no Theatro Variedades. Durante o curso academico, trabalhou na imprensa, sendo redactor e secretario da *Cidade do Rio*, dirigida por José do Patrocínio. Formando-se, abandonou as letras para dedicar-se á clinica, tendo fundado a Liga Moral e Prophylactica Sanitaria, de S. Paulo, a primeira associação instituída, no Brasil, contra a syphilis e o alcoolismo e que por muitos annos manteve o Dispensario Dr. Claudio de Souza. Voltou porém, ás letras, com o romance *Palter*, traduzido para o hespanhol, sendo a seguinte a relação das suas obras: *En arranio tudo!* comedia em tres actos, traduzida para o hespanhol, obtendo 100 representações em Buenos Aires; *Flores de sombra*, comedia premiada pela Academia, também representada em italiano e traduzida para o francez; *A renuncia*, tres actos; *O assustado das Pedrosas*, um acto; *Um homem que dá azar*, um acto; *Outomno e primavera*, tres actos; *O turbilhão*, tres actos, traduzida para o hespanhol; *A jançada*, tres actos; *As sensilivas*, tres actos; *O exemplo do papai*, um acto; *O conto do mineiro*, um acto; *O milhatre*, traduzida para o francez, tres actos; *Le petite et le grand*, acto allegorico; *Os bonecos articulados*, *Noves Jora... nada!*, acto infantil; *Uma tarde de maio*, tres actos; *Aze Maria*, um acto; *A escola da mentira*, tres actos; *O galho secco*, tres actos; *A primeira nuvem*, tres actos; *A matilha*, tres actos; *Os mestres de amor*, um acto; *Palter*, romance; *A conversão*, novela; *Pela mulher*, (acerca do divorcio); *Rythmos e idéas*, polemica; e *Maria e as mulheres bíblicas*. Da *Era antiga á Era moderna*, *Das bellas artes*, *A saúde*, *A vida e a dor*, conferencias; contando ainda, sobre medicina: *Os neuronathas e os degenerados*, *A responsabilidade civil dos syphiliticos*, *Do alcoolismo*, *Sur Vanophylaxie*, e *Os primeiros signaes da tuberculose*. A posse de Claudio de Souza está mar-

cada para o dia 20 do proximo mez de outubro, e será recebido em acto solenne por Alfredo Pujol.

**MUSEU PAULISTA**

Durante a sua estadia em S. Paulo, em Junho passado, o nosso director teve ensejo de visitar demoradamente o Museu Paulista. Esse estabelecimento scientifico é, na actualidade, uma instituição modelar, que enche de orgulho a tolas quantos o conhecem. Pela sua organização tecnica, pela opulencia e valor de suas colleções e pelo superior cunho intellectual de sua direcção, constitue, sem duvida, uma das mais famosas conquistas do espirito brasileiro. Entregue á competencia, á dedicacão e ao esclarecido patriotismo de Affonso de E. Tannay, o historiador e erudito que todo o Brasil conhece e admira, o Museu Paulista realiza ainda uma missão altamente historica. Como lembrança de sua visita ao importante estabelecimento e como homenagem ao seu eminente director, Elycio de Carvalho offereceu, para figurar na colleção de autographos historicos, um documento cuja importancia não é preciso encarecer. Trata-se da carta patente em que S. M. a Rainha D. Maria I nomeia o Marquez de Loureiro, Embaixador na Corte de Madrid, ministro plenipotenciario para negociar os casamentos do Principe D. João com a infanta de Espanha D. Carlota Joaquina, e do infante D. Gabriel com a infanta D. Maria Anna Victoria, datada de 15 de Março de 1784. A proposito dessa offerta, acaba de receber o nosso director o seguinte officio: "S. Paulo, 28 de agosto de 1924. Exmo. Sr. Dr. Elycio de Carvalho. Recebi sobremodo penhorado, o valioso presente que V. Ex. acaba de fazer ao Museu Paulista, não só o interessante documento referente ao casamento de Don João VI, que serve para a exposicão de documentos relativos ao primeiro Imperio, que pretendo inaugurar, como a serie de estampas avultadoras da nossa colleção iconographica, todas muito uteis e interessantes. Pessoalmente tenho a exprimir-lhe e do modo muito particular as referencias que acompanham a carta de V. Ex. e a mim dizem respeito e á minha actuação como director do Museu Paulista. Mais uma vez se demonstra a nimia generosidade dos conceitos de V. Ex. e da benevolencia com que julga os esforços dos que alguma cousa fazem em prol da tradição nacional que em V. Ex. tem um dos mais eruditos cultores. As palavras de V. Ex. são o reflexo de tal sentimento. Reiterando os meus muitos agradecimentos por estas diversas demonstrações tão carinhosas e honrosas, aproveito o ensejo para apresentar a V. Ex. os protestos de minha alta consideração — Affonso de E. Tannay.

**LITTERATURA DE ESGOTO**

Final, começou a reacção contra essa litteratura de esgoto a que se entregaram alguns moços sem escriptulos, arrastados exclusivamente pela purulenta ambição do ganho. O movimento de opinião que iniciamos, ha dois annos, contra a abominavel industria do livro obsceno, em que é absoluta a indigencia de imaginação, de estylo e de grammatica, avolumou-se e produz agora resultados. Desta revista partiu um dos primeiros protestos contra

**Figuras 3, 4 e 5** - A edição de número 151 de *Cuba Contemporânea*, publicada em julho de 1925 apresenta nas páginas 78, 79 e 80 uma análise de *Joio*, obra de Câmara Cascudo lançada no ano anterior, escrita por Juan Guerra Núñez

## BIBLIOGRAFIA (\*)

Luis da Camara Cascudo. *Joio*. Páginas de Litteratura e critica. 16° Off. Graph d'A Imprensa. Natal, Brasil. 1924. 176 p.

Se compone el libro de Luis da Camara Cascudo, de interesantes críticas acerca de artistas brasileiros, de sugestivas crónicas sobre variados asuntos y de algunas siluetas, trazadas con vigorosos rasgos de lápiz, de escritores extranjeros.

A lo que parece es muy joven este autor, y las audacias literarias propias de los escritores que comienzan, están refrenadas en Camara Cascudo por las disciplinas del estudio que le evitan los peligros a que se ven de continuo amenazados aquellos que espolcando el pegaso alado de la fantasía no saben hacer uso de las riendas, cuando ello les es preciso.

Crítico impresionista de primera línea, pinta de un trazo el personaje que nos presenta, poniendo todo su arte al hacerlo no en meros detalles más o menos técnicos, sino en aquel rasgo esencial que al ser reproducido, consigue traducir, mejor que copiar, el espíritu que anima el sujeto que ha fijado en el lienzo su pincel vigoroso.

Sobrio en el color, gusta más que de la policromía chillona, de los medios tonos, motivo por el cual para trazar un paisaje le bastan el gris-perla, el azul pálido, el sepia, el verde-guisante y el fresa, produciéndonos sus acuarelas la impresión de que las vemos a través de un cristal esmerilado.

Evocador de tiempos legendarios vive opreso en esta época en que Shylock triunfa, por lo que en el capítulo que intitula *As verdades do senhor Commercio*, con ironía sutil, hace hablar de este modo al Mercurio, sempiterno avasallador del inerme Apolo:

"Todo está supeditado al Debe y al Haber", aseguró, haciendo una breve pausa, mientras encendía un tabaco. Luego continuó: "En to-

(\*) En esta sección serán siempre analizadas aquellas obras de las cuales recibimos dos ejemplares remitidos por los autores, libreros o editores. De las que se nos envíe un ejemplar, sólo tendrá derecho el remitente a que se haga la correspondiente inscripción bibliográfica. CUBA CONTEMPORÁNEA se reserva el derecho de emitir opinión acerca de toda obra, nacional o extranjera, que por su importancia merezca ser criticada.

das las épocas fué el fundador de nacionalidades. Sin mí el pueblo sería como el espartano, guerrero o aristócrata hasta llegar al sibirismo, prólogo de seguros fracasos. Recuerde a Fenicia, a Cartago. La riqueza de los hidalgos y de los capitanes tenía su inicio en el pillaje de que hacían víctimas a sus enemigos vencidos. No se olvide de Creso, de Pompeyo, de César, de Escipión, de Sila, de Lúculo... Y en cuanto a los modernos, nada tengo que decirle de Napoleón y de Cromwell. Si bien que yo procedo de otro modo. Soy el juntador de los pueblos. Por eso mi desenvolvimiento se cimenta sobre el capital. No proteste; no ponga esos ojos de espanto y medite acerca de lo que voy a decirle. El descubrimiento de las Indias no fué sino el corolario de mi expansionismo en Portugal. Sin mí ¿qué sería del gordo John Bull y del flaco Uncle Sam? Sabe usted quién financia los bailes, quién organiza las fiestas cívicas, los reclamos diplomáticos, los prestigios políticos? ¿Ignora usted quién proporciona el lujo a la sociedad y el poderío al Gobierno a quien yo ordeno que declare la guerra y pacte la paz?" Y henchido de orgullo, el Señor Comercio agregó: "Yo, el nieto de los Medici, padres de esa historia que ustedes llaman Renacimiento. Pero revise los libros y haciendo poco caso de los apasionados enemigos que me combaten, reconozca que con mi oro, con mi panza, con mi cinismo, con mis fábricas, gobierno al mundo, y que sin mí no serían poderosos los Estados. Y el ídolo concluyó, encendiendo un segundo tabaco."

Romántico tocado de sentimentalismo, no de sensiblería, en *Os cavallos da Mesopotamia* comenta la noticia publicada por los periódicos, de que Lord Churchill anunciara a la Cámara de los Comunes su propósito de ordenar el sacrificio de treinta mil caballos pertenecientes al Ejército (de la División Auxiliar de Caballería, que se utilizaron durante la Gran Guerra en la Mesopotamia), por constituir, pasado el momento que los hacía imprescindibles factores para lograr el triunfo, una grave carga para el Tesoro Británico, que tendría que gastar en su transporte un millón doscientas mil libras esterlinas.

El espíritu práctico del sajón que no se deja vencer por el romanticismo que subyuga a los latinos, prefiere sacrificar treinta mil caballos a gastar un millón y pico de libras esterlinas en transportarlos desde el remoto lugar a que fueron conducidos para prestar valiosos servicios al Ejército inglés, hasta las Islas Británicas, donde ya no se recuerda a esos pobres amigos del soldado a quienes el furor de la guerra respetó la vida, que ahora un prominente súbdito inglés, intenta sacrificar, para ahorrar así el importe de su traslado a Inglaterra.

Y esta ingratitud que afea la personalidad de Lord Churchill, al menos a los ojos de los pueblos enfermos del idealismo que hizo inmortal a nuestro Señor Don Quijote, da pie a Luis de Camara Cascudo para entonar un himno en loor del caballo, el mejor amigo del hombre, si no contamos al perro, que siempre ha estado a su lado en

los grandes acontecimientos históricos ofreciéndole sus servicios, ya en los tiempos primitivos como bestia de carga, ya como compañero de fatigas de los soldados de Alejandro, Bonaparte y Bolívar, ya atravesando las páginas de la leyenda al trotar por los arenales de la Mancha en busca de la Gloria y conducido por el enteco Caballero de la Triste Figura, ya sirviendo de inspiración a Apeles, a Leonardo y a Velázquez.

Y con piedad infinita, tierno y conmovedor en su afecto por los nobles brutos incapaces de superar al hombre en sentimientos tan denigrantes como lo son la ingratitud y la avaricia de algunos lores, empapa su pluma en tinta corrosiva para perfilar la personalidad poco simpática de Churchill, el cual "se olvida, preocupado con las columnas de cifras del Presupuesto de su nación, de esos caballos condenados a muerte por razones económicas, de que en los momentos de angustia para Inglaterra fueron factores decisivos de la victoria que consolidó el poderío británico".

Los más notables trabajos críticos del libro son los que tratan de Elycio de Carvalho, Rosalia Coelho Lisboa y Roquette Pinto, brasileros, así como los de los argentinos Benjamín de Garay, Hugo Wast y del centroamericano Froilán Turcios, a quien incluye en el número de los artistas del Plata.

Vailoso estudio el que hace al juzgar al argentino Arturo Capdevila, el escritor que aleccionado por José Enrique Rodó ha proclamado que existen dos felicidades: una, la principal, que es la interior o subjetiva, que constituye un estado; y la accesoria, supeditada al ambiente, efímera y mutable, la cual constituye una forma.

Libro de arte, de meditación, enseña deleitando, por lo que cuando volvemos la última de las pocas hojas que constituyen el pequeño volumen, nos sentimos aquejados de una pequeña tristeza por haber terminado tan pronto el placer de su lectura; algo así como lo que nos pasa, cuando escuchamos absortos la música prodigiosa de los grandes virtuosos del pentagrama y de improviso cae la vibración divina y rompiendo el encanto que nos poseía descendemos a la realidad de que nos alejó por unos minutos la inspiración de Liszt, de Beethoven o de Grieg.

JUAN GUERRA NÚÑEZ.

Juan J. Remos. HISTORIA DE LA LITERATURA CUBANA. Tomo I.  
La Habana. Librería José Albela. Padre Varela 32. 1925.  
403 págs.

Sobre Historia de la Literatura Cubana no contaba la bibliografía nacional más que con tres obras: la de Mitjans, la de Menéndez y Pelayo y la de Manuel de la Cruz: la primera, por la lamentable













### C) O Sr. Mário de Andrade

por Luís da Câmara Cascudo

A maior originalidade que posso encontrar no escritor brasileiro é o apresentar-se com o aspecto natural de sua inteligência. Aí vai uma palmatorada em Buffon para quem o estilo era o homem. A desculpa está no tempo do verbo ser. Quando um homem escreve no Brasil disfarça-se. Creio mesmo que desaparece. Isto tudo é tentando o efeito moral, o estouro do magnésio indiscreto e fixador de minutos. Vem daí ter-me dito Monteiro Lobato: "-- Ainda escrevo um romance que começa assim - Pum! E o bandido caiu!..."

O sr. Mário de Andrade – como os reclames da emulsão de Scott – começou assim, estourando, bufando, grunindo. Nós estávamos habituados ao concerto a quatro mãos. Repertório. *Norma*. *Trovador*. Nas salas ricas. *Aída*. *Boemia*. Gente fidalga. *Rapsódias de Liszt* (somente a segunda) e Chopin (as valsas, em fabordão).

O sr. Mário de Andrade arranjou-se e conseguiu entrar no Teatro onde todo o talento se acoitara madorrando. Aí chegado, pediu e fez encenar algo de si mesmo. A orquestra rompeu a sinfonia. Ou outra coisa. Era Lohengrin. E vem Lohengrin com as armas brancas e a voz máscula de guerreiro cristão. Na indolência do azul pincela de branco o cisne lento. Há um estrado e nele o sr. Mário de Andrade explicando a gênese do drama. De repente, duas pancadas, e a orquestra "sapeca":

– *Maribondo amarelo mordeu*

– *Na capela do ôio, não doeu!...*

E o autor falava neste minuto nos poetas Apollinaire e Greggh.

Toda essa estapafúrdia coisa significa o arrojo deste singular temperamento de artista e criador. A sua coragem cifra-se em apresentar-se como é, sem máscara, e dispensando o amável auxílio das citações. De linha em linha voa o pensamento. Paralelo as imagens sobem. Sistema Blaise Cendrars. E a ideia para ser escrita basta ser pensada. Sistema Paul Fort. Tal é o sr. Mário de Andrade.

Mais dois defeitos. Ri e anda depressa. O Brasil desmente Rabelais e H. Castriciano. "Com quatro séculos o brasileiro só aprendeu a sofrer e assobiar." Disse o último. Erro. Desaprendeu a derradeira virtude. Podia citar Plutarco sobre a flauta, mas dispenso-me.

A verdadeira expressão de talento é a seriedade. É um homem sério. Está vitorioso. Vive rindo. Não leva nada a sério. Está perdido. No Brasil Giwynplaine não chegaria a bacharel.

Andar depressa é outro crime. O talento está na razão inversa da velocidade na marcha. Homem pausado, vagaroso, arriscando o pé na remorada majestade das procissões é o vencedor. Terá o prêmio e as batatas.

O sr. Mário de Andrade é o homem-busca-pé, o foguete, o ele mesmo. Todos nós somos (desde o exmo. sr. Visconde de Porto Seguro) os outros. A imitação vem dos clássicos gregos (não citarei [Reincho] e o Coelho Neto) Egito (idem Maspero) Roma (ele Acad. de Let até os romances franceses. Nunca, francamente, copiamos, caricaturamos. Os mestres não são Gros ou Manet. Guerras ou audácia. Daumier, Gavarni, Callot, Forain? Jamais. Caran d'Ache, este sim.

Saindo (ou chegando?) para o regionalismo o Sertão desconhecerá o retrato. Exemplo: o sr. Catulo da Paixão Carioca. O primeiro vaqueiro a quem se receitar algo do extraordinário vate, abrirá o queixo até o umbigo.

A excelência do sr. Catulo está em retratar em lâmina Zeiss a caatinga, o entrefecha umbroso dos marmeleiros. Retrata através duma lente. Aumenta e disforma. O sr. Mário de Andrade não aumenta o que vê – fixa. O principal erro do meu pretexto é a crítica vendo o objeto. Com este ambiente de hipérbole as coisas são multiplicadas pela imaginação. O crítico vem e olha. Vai apagando os traços e pondo outros que, segundo ele, ficam melhor. Imaginação x objeto = criação. Crítico = criação – imaginação. Sr. Mário de Andrade x imaginação x audácia = criação x objeto. Tal é o sr. Mário de Andrade.

Agora sua estética. Estética é um lindo nome. Às vezes substitui o pensamento. "Habeas-[corpos]" – para citar Hugo – às vezes a boa memória é tida como inteligência. O sr. Mário de Andrade tem as duas coisas.

Sopremos sobre este pó erudito. A verdade é simples por não ser definida. Para o espírito ágil e a extrema capacidade criadora deste Paulista com P maiúsculo por causa do sr. Oliveira Viana) a Arte é naturalidade consciente, grafiação espontânea dum temperamento através duma sensibilidade. Não é de Zola este período.

Depois das lutas descobriu Malazarte. Malazarte filósofo à Graça Aranha. Malazarte folião a Nordeste brasileiro pede ainda o complemento de Sancho Pança, não o de D. Quixote mas o de Unamuno. Com este companheiro completou-se.

Aí dá-se o inverso. Malazarte é otimista, quase cético e sempre inoportuno como todo conselheiro. Mas alastra o excessivo voo do estilo e de fra-se. Devíamos ter um stock de Malazartes pendurados aos pés de tantos Icaros de remígios teimosos sobre mares secos. O seu Malazarte faz viver homens no Teatro de seu Trabalho. Maeterlinck, segundo Papini, é o destro manejador de marionetes metafísicas. Aí está um bolo em Maeterlinck.

O sr. Mário de Andrade deve ser de raros comentadores. O homem espelho para o homem é quase um engano de Carlyle. Nada mais afugenta como um homem. Pelo menos a ideia do homem. Às vezes atrai pelo extremo encanto sugestivo da originalidade e talento.

Tal é o sr. Mário de Andrade.

*[Em Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP, publicado originalmente em A Imprensa, Natal, em 11 de junho de 1924.]*

**D) Mapeamento de textos assinados por Mário de Andrade (Mario de Andrade, M. A. e M. de A.) publicados nas 9 edições da revista *Klaxon* em 1922**

Tabela 1 - Klaxon n. 1, 15 de maio de 1922

<b>1. Chronicas Pianolatria</b>	<b>M. de A.</b>
<b>2. Luzes e Refracções</b>	<b>M. de A.</b>

Tabela 2 - Klaxon n. 2, 15 de junho de 1922

<b>1. Chronicas Guiomar Novaes (1)</b>	<b>Mario de Andrade</b>
<b>2. Livros &amp; Revistas "A Mulher que pecou", por Menotti del Picchia</b>	<b>M. A.</b>

Tabela 3 - Klaxon n. 3, 15 de julho de 1922

<b>1. Chronicas Guiomar Novaes</b>	<b>Mario de Andrade</b>
<b>2. O homenzinho que não pensou</b>	<b>Mario de Andrade</b>
<b>3. Livros &amp; Revistas "Casa do Pavor", por M. Deabreu</b>	<b>M. de A.</b>
<b>4. Livros &amp; Revistas "Uma Viagem Movimentada", por Théo-Filho</b>	<b>M. de A.</b>

Tabela 4 - Klaxon n. 4, 15 de agosto de 1922

<b>1. São Pedro</b>	<b>Mario de Andrade</b>
<b>2. Livros &amp; Revistas "Despertar", por Hermes Fontes</b>	<b>M. A.</b>

Tabela 5 - Klaxon n. 5, 15 de setembro de 1922

<b>1. Livros &amp; Revistas "Affonso Arinos", por Tristão de Athayde</b>	<b>M. de A.</b>
<b>2. Livros &amp; Revistas "Le miracle de vivre", por Charles Baudouin</b>	<b>Mario de Andrade</b>
<b>3. Cinema</b>	<b>M. de A.</b>

Tabela 6 - Klaxon n. 6, 15 de outubro de 1922

<b>1. Poema</b>	<b>Mario de Andrade</b>
<b>2. F. Mignone</b>	<b>Mario de Andrade</b>
<b>3. Livros &amp; Revistas "Suave Convivio", por Andrade Muricy</b>	<b>M. de A.</b>

Tabela 7 - Klaxon n. 7, 30 de novembro de 1922

<b>1. Farauto</b>	<b>Mario de Andrade</b>
<b>2. Música "João de Souza Lima"</b>	<b>Mario de Andrade</b>
<b>3. Livros &amp; Revistas "Epigramas ironicos e sentimentaes", por Ronald de Carvalho</b>	<b>M. de A.</b>

Tabela 8 e 9 - Klaxon n. 8 e 9, dezembro de 1922/janeiro de 1923

<b>1. Poema Abulico</b>	<b>Mario de Andrade</b>
<b>2. Chronicas "O Homem e a Morte", por Menotti Del Picchia</b>	<b>M. de A.</b>

<b>3. Chronicas "Arlequinada", por Martins Fontes</b>	<b>M. de A.</b>
---	-----------------